

CEC 2018

ANAIS DO V CONGRESSO DE EXTENSÃO
E CULTURA DA UFPEL



PR
Pró-Reitoria de
EC
Extensão e Cultura



4ª SIIPE
SEMANA INTEGRADA
UFPEL 2018

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Ubirajara Buddin Cruz – CRB 10/901

C749a Congresso de Extensão e Cultura da UFPel (5.: 2018: Pelotas)
Anais do... [recurso eletrônico] / 5. Congresso de Extensão e
Cultura da UFPel ; org. Francisca Ferreira Michelin... [et al.]. –
Pelotas: Ed. da UFPel, 2018. - 1663p. : il.

ISSN: 2359-6686

Modo de acesso: <<https://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/anais-2018/>>

1.Extensão. 2.Cultura. 3.Museus. I.Michelin, Francisca Ferreira. II.Título.

CDD: 378.1554



V CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA

ORGANIZAÇÃO

Comissão Científica V CEC

Francisca Ferreira Michelin – Presidente
Andrea Lacerda Bachettini
Elcio Alteris dos Santos
Felipe Fehlberg Hermann
João Fernando Igansi Nunes
Silvana de Fátima Bojanoski

Comissão Organizadora V CEC (acadêmicos)

Adelino Silveira Soares Junior
Amanda Severo Medeiros
Andréia Skupien Bianchini
Bárbara Moraes
Betina Dummer Uczak
Gabriel Moura Pereira
Joice Vieira Soares
Larissa de Carvalho Raulino
Larissa Koch Strelow
Larissa Xavier Rodrigues
Letícia Rehbein Jeske
Lisiane Gastal Pereira
Luis Gustavo de Pinho Amaral
Marlene dos Santos de Oliveira
Natália Marroni Marques
Nicole Fernandes da Silva
Rafael Nolasco
Sarah Aguiar Marçal

Reitor

Pedro Rodrigues Curi Hallal

Vice-Reitor

Luis Isaías Centeno do Amaral

Chefe de Gabinete

Paulo Roberto Ferreira Júnior

Pró-Reitor de Ensino

Maria de Fátima Cássio

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

Otávio Martins Peres

Pró-Reitor Administrativo

Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação

Julio Carlos Balzano de Mattos

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Sérgio Batista Christino

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

Mário Renato de Azevedo Júnior

Comissão Organizadora V CEC

Ana Carolina Oliveira Nogueira
Elias Lisboa dos Santos
Jerri Teixeira Zanusso
Mateus Schmeckel Mota
Matheus Blaas Bastos
Nádia Nájara Krüger Alves
Rogéria Aparecida Cruz Guttier

Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Francisca Ferreira Michelin

Coordenador de Arte e Inclusão

João Fernando Igansi Nunes

Coordenadora de Patrimônio Cultural e Comunidade

Silvana de Fátima Bojanoski

Coordenador de Extensão e Desenvolvimento Social

Felipe Fehlberg Herrmann

Núcleo de Ação e Difusão Cultural

Matheus Blaas Bastos

Núcleo de Formação, Registro e Acompanhamento

Ana Carolina Oliveira Nogueira
Rogéria Aparecida Cruz Guttier

Seção de Integração Universidade e Sociedade

Elcio Alteris dos Santos

Seção de Captação e Gestão de Recursos

Mateus Schmeckel Mota
Elias Lisboa dos Santos

Seção de Mapeamento e Inventário

Andrea Lacerda Bachettini

Secretaria

Nádia Najara Kruger Alves

Design Editorial

Natália Marques

Foto da capa

Micael de Oliveira Carvalho
Fórum Social da UFPel



A UNIVERSIDADE DO ENCONTRO E DA INCLUSÃO: A UNIVERSIDADE DA EXTENSÃO

O tema celebrado pela 4ª Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão (SIIPE) da UFPel indicou a importância da Reforma Universitária de Córdoba como o norte a ser seguido pela concepção de ensino superior que gostaríamos de ver orientando as nossas decisões acadêmicas. O documento, datado de 21 de junho de 1918, que veio a ser conhecido pelo título "Manifesto de Córdoba", expressava o inconformismo dos estudantes daquela época com o modelo de universidade que servia a poucos e que, isolada, vivia para si. A Reforma deu início a um movimento que se propagou para outros países. Chegou, também, no Brasil, com ecos menos intensos, mas ainda assim, influentes.

O centenário do Manifesto foi eleito como inspiração para essa Semana, dando continuidade à concessão do título *Honoris Causa* ao sociólogo Boaventura de Souza Santos, que em 4 de junho recebeu a condecoração em cerimônia realizada pela UFPel e UCPel. Na ocasião, o sociólogo ressaltou que compete às universidades propor e sustentar projetos voltados aos interesses sociais. Essa é uma das finalidades mais determinantes da Extensão Universitária.

Dando início a 4ª SIIPE, a conferência de abertura foi proferida pelo professor da Universidade Nacional de Córdoba, Francisco Tamarit, coordenador geral da Conferência Regional de Educação Superior para a América Latina e Caribe, ocorrida em junho último, em Córdoba. Diante de um público atento, Tamarit firmou que as universidades constituem uma possibilidade de futuro para a América Latina, "região injusta, desigual e violenta". Se houver convergência e união, poderemos ser instituições melhores, atentas e ativas sobre as necessidades das populações. E dar atenção à voz das comunidades é uma das competências que caracterizam a Extensão.

A Extensão universitária também é uma forma de resistência. Resistência ativa, que aposta que o diálogo, resultado do encontro e a inclusão, resultado da democratização do acesso, podem gerar caminhos para as nossas sociedades evadirem dos estados penosos de misérias que as consomem.

No ano em que solicitamos aos cursos de graduação o atendimento à Meta 12.7 do Plano Nacional de Educação 2014-2024, que curriculariza a Extensão universitária nos Projetos Pedagógicos dos Cursos, estamos confiantes em alguns resultados que a UFPel apresenta, no conjunto dos trabalhos registrados no Congresso de Extensão e Cultura.

A quase totalidade dos trabalhos inscritos foi apresentada. E os Anais do 5º Congresso de Extensão e Cultura, inserido na SIIPE, registram todos os que efetivamente o foram. A cada sessão, os debatedores destacaram uma apresentação entre todas daquela sala. O que deveria ser observado no relato do estudante para a eleição era como a experiência extensionista exercia impacto na sua formação, de tal modo que os assistentes pudessem compreender como as diretrizes da Extensão estavam sendo vividas na atividade relatada.

Vimos observando que o conceito de Extensão Universitária, vem, oportunamente, sendo superado. Muitos de nós já não a entendem como aplicação pura do conhecimento adquirido nos bancos escolares pelos estudantes acompanhados de seus professores. Vimos isso em uma quantidade expressiva dos trabalhos apresentados. Esses, em diferentes áreas, indicam que a flexibilidade inerente à prática extensionista está gerando circunstâncias nas quais se evidencia a compreensão da realidade advinda da aproximação dos universitários com ela. Tal compreensão ocorre em uma prática dialógica de integração com grupos que não pertencem ao ambiente universitário. E a integração promove o descortinar de diferentes pontos de vista. Com o somatório de tais pontos, a realidade na sua concretude se apresenta como o grande desafio a ser entendido. Que excelente formação estamos promovendo aos nossos alunos: dinâmica, viva, intensa e crítica.

Finalizo lembrando que a Extensão é uma forma pacífica de promover mudanças profundas no ensino, porque ativa a capacidade de diálogo da universidade com a sociedade na qual se insere. Com esse diálogo podemos formular as perguntas que nos motivam a buscar a superação dos estados que afligem as comunidades ou a intensificação de outros que as melhoram. A Extensão nos faz saber, porque nos faz ver, que o conhecimento pode ser transformador. Se compartilhado, pode se tornar integrador e, assim, nos fazer conscientes de que o bem coletivo é o caminho que propicia o viver melhor em sociedade.

Francisca Ferreira Michelin
Pró-Reitora de Extensão e Cultura

SUMÁRIO

MESA REDONDA - VIVER EM PAZ PARA ESTUDAR EM PAZ: A DEPRESSÃO NAS UNIVERSIDADES <i>ANA CAROLINA FARIAS DE OLIVEIRA; THAINÁ VIEIRA HOLZ; CAMILA BERGAMO; GILBERTO LOGUERCIO COLLARES; VIVIANE SANTOS SILVA TERRA</i>	11
NÓS NOSOTROS: ANTROPOFONIAS E CHARLAS <i>ANDERSON DA SILVA PEREIRA NERIS; RAFAEL CORTELETTI</i>	15
CRIAÇÃO DE IDENTIDADES VISUAIS PARA EVENTOS: PROJETOS DESIGNERIA EMPRESA JÚNIOR <i>CAMILA SOARES CALDEIRA; NATÁLIA MARRONI MARQUES; HELENA DE ARAUJO NEVES</i>	19
JORNAL DA ESCOLA - UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCOMUNICAÇÃO EM TURMAS DE ANOS INICIAIS NA ZONA RURAL DE VERA CRUZ (RS) <i>CLAUDINE SUELLEN ZINGLER; SÍLVIA MEIRELLES LEITE</i>	25
AGÊNCIA DE NOTÍCIAS EM PAUTA UFPEL: UM LABORATÓRIO ABERTO <i>DOUGLAS GARCIA DUTRA; CARLOS ANDRÉ ECHENIQUE DOMINGUEZ</i>	30
RELATO DE EXPERIÊNCIA: A CASA DO CONSELHEIRO <i>EDUARDO MENDES; JOÃO FERNANDO IGANSI NUNES</i>	34
ANÁLISE DAS DIFERENÇAS METODOLÓGICAS ENTRE AS FERRAMENTAS DIA DE CAMPO E ENCONTRÃO DE AGRICULTORES <i>GABRIELE SILVA DIAS; WILLIAM BORGES ALDRIGH; LUCAS MARTINS CHRIST; DÉCIO DE SOUZA COTRIM</i>	38
TELEJORNALISMO NA ESCOLA: A EDUCOMUNICAÇÃO NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL <i>GISLAINE DE AGUIAR RODRIGUES; SILVIA MEIRELLES LEITE</i>	42
TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA DE ALUNOS INICIANTES EM LÍNGUA ALEMÃ DO CURSO DE LÍNGUAS <i>JEFFERSON FONSECA DE SOUZA; BERNARDO K. LIMBERGER</i>	46
PESQUISA DO PET GAPE: IDENTIFICANDO O PÚBLICO DO IV SIFEDOC <i>JÉSSICA CORRÊA PEREIRA; MAYARA GOULART BRASIL; ROSE ADRIANA ANDRADE DE MIRANDA; HELOÍSA HELENA DUVAL DE AZEVEDO</i>	50
RETRATOS EM (DES)FIGURAÇÕES NO CAMPO PICTÓRICO: VISUALIDADE E AS IDENTIFICAÇÕES EM MEIO ÀS ESPACIALIDADES ESQUECIDAS DO COTIDIANO <i>JULIA RAMLA CUNHA BUENO; ANDRÉ BARBACHAN SILVA</i>	55
ANTECIPAÇÃO NO ENSINO DE ORAÇÕES COMPLEXAS DA LÍNGUA ALEMÃ DIANTE DA NECESSIDADE COMUNICATIVA <i>LARISSA CAROLINE FERREIRA; BERNARDO K. LIMBERGER</i>	61

DA UNIVERSIDADE PARA A COMUNIDADE: OS TRABALHOS DE EXTENSÃO E CULTURA VISTOS DO ÂMBITO METODOLÓGICO E PROJETUAL DO DESIGN NA PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA (PREC)

LARISSA DE CARVALHO RAULINO; JOÃO FERNANDO IGANSI NUNES

65

DIVULGAÇÃO DAS AÇÕES DO NÚCLEO DE ESTUDOS DE ARQUITETURA BRASILEIRA: CRIAÇÃO DO SITE DO NEAB

LUCAS LINDE DE MELO; ALINE MONTAGNA DA SILVEIRA

69

A Comunicação na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas

LUÍS GUSTAVO DE PINHO AMARAL; JOÃO FERNANDO IGANSI NUNES

73

COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA DE JORNAL ESCOLAR

LUNARA ROSA DUARTE; MÁRCIA DRESCH; RICARDO Z. FIEGENBAUM

76

CAPTURANDO IMAGENS, COMPARTILHANDO SABERES: EXPERIÊNCIAS COM AUDIOVISUAIS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

MARIANA DOS SANTOS ESCOBAR; NICOLE PEREIRA XAVIER; ISABELA RODRIGUES DO NASCIMENTO; HENRIQUE ROCKENBACH DE ALMEIDA; ROSANE APARECIDA RUBERT

80

AVA MARIE DUVERNAY, MIDDLE OF NOWHERE E A QUEBRA DE ESTEREÓTIPOS

MARILIA SHEILA DOS SANTOS; MATEUS BRUM DE ARMAS; NÁDIA DA CRUZ SENA

85

PROJETO DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NO PENSIONATO NOSSA CASA DE PELOTAS/RS

MARINA PINTO TOMAZ; MARIANA DE MORAES LEALDINO; PABLO HENRIQUE GIMENES PINHEIRO; SÍLVIA PORTO MEIRELLES LEITE

89

PEQUENOS GRANDES OLHARES A EDUCOMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

NATÁLIA GUTERRES PONTES; SILVIA MEIRELLES LEITE

94

“OLHARES ESPECIAIS” OFICINA DE FOTOGRAFIA NA ESCOLA DE INCLUSÃO DA UFPEL

PAULAINÉ OLIVEIRA DE LIMA; LORENA ALMEIDA GILL

98

UNINDO INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO: JORNAL ESCOLA

RAFAEL TECHERA DE MELO GONÇALVES; VERNIHU OSWALDO PEREIRA NETO; TATIANE VAZ FEIJÓ; SILVIA MEIRELLES LEITE

102

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO FORMA DE ENGRANDECIMENTO PROFISSIONAL

RAPHAEL HENRIQUE DO ROSÁRIO GONÇALVES; MATHEUS BLAAS BASTOS; JOÃO FERNANDO IGANSI NUNES

107

VOCÊ ESTÁ AQUI: 92ª EXPOFEIRA

ROMULO RUAN VELHO GUEDES; JOANNA DE OLIVEIRA BORGES VOLOSKI; DIANA LOPES PIRES; LARISSA DE CARVALHO RAULINO; ROGER LANGONE LEAL; JOÃO FERNANDO IGANSI NUNES;

110

DIVULGAÇÃO DO CURSO DA AGRONOMIA

SABRINA HEUERT; BENITO BERGMANN ELIAS; CRISTOPHER SANTOS PIRES; LUÍZA HELENA MARTINS SIMÕES; VITÓRIA NUNES DOS SANTOS; DANIELLE RIBEIRO DE BARROS

115

INTERCULTURALIDADE EM SALA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA ABORDAGEM DA ORALIDADE

SHAIANE NEVES; KAROL STEFANIE SOUZA GARCIA

118

AÇÕES EXTENSIONISTAS EM ASSENTAMENTOS DA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL VISANDO MELHORIAS NA PRODUÇÃO DE LEITE

VANESSA DA SILVEIRA PEREIRA; BRUNO SILVA JUSTINO; VANESSA ALVES PIRES; PAULO CESAR ANTUNES; JOÃO LUÍZ ZANI; LUIZ FILIPE DAMÉ SCHUCH

122

DANÇA INCLUSIVA: O BALÉ DENTRO COMUNIDADE SURDA

VICTOR TECHERA SILVEIRA; KARINA ÁVILA PEREIRA

126

EDUCOMUNICAÇÃO E INCLUSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIAS SOBRE PRÁTICAS DE RÁDIO NA ESCOLA LOUIS BRAILLE DE PELOTAS

VITÓRIA LEITZKE; Dr^a MARISLEI RIBEIRO

130

PERFIL DOS AUTORES QUE BUSCAM PUBLICAÇÕES NA REVISTA CIÊNCIA DA MADEIRA

WÂNDRIA DOS SANTOS RIBEIRO; ALINE KROLOW SOARES; PAULA ZANATTA; DÉBORA DUARTE; OTACÍLIA MARIA SARMENTO CORRÊA FILHA; MIRELLA MARTINS FERRÃO; DARCI ALBERTO GATTO

134

DIAGNÓSTICO E CONTROLE DE DOENÇAS INFECCIOSAS DOS ANIMAIS EM MUNICÍPIOS DA ZONA SUL DO RIO GRANDE DO SUL

WEMERSON DOS SANTOS BUFFON; VANESSA DA SILVEIRA PEREIRA; VANESSA ALVES PIRES; GLEIZER POLIANA DA SILVA DOS SANTOS; LUIZ FILIPE DAMÉ SCHUCH; JOÃO LUIZ ZANI

138



COMUNICAÇÃO

MESA REDONDA - VIVER EM PAZ PARA ESTUDAR EM PAZ: A DEPRESSÃO NAS UNIVERSIDADES

ANA CAROLINA FARIAS DE OLIVEIRA¹; THAINÁ VIEIRA HOLZ²;
CAMILA BERGAMO²; GILBERTO LOGUERCIO COLLARES³;
VIVIANE SANTOS SILVA TERRA⁴

¹Graduanda, Engenharia Hídrica - CDTEC/UFPEL – anacarin4farias@gmail.com

²Graduanda, Engenharia Hídrica - CDTEC/UFPEL – thainaholz@hotmail.com;
camilabergamosl@gmail.com

³Professor Dr., Engenharia Hídrica - CDTEC/UFPEL – gilbertocollares@gmail.com

⁴Orientadora, Tutora e Professora Dr^a., Engenharia Hídrica - CDTEC/UFPEL –
vssterra10@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que entre 15% e 20% da população mundial teve depressão em algum momento da vida (OMS, 2015). A depressão é uma doença, como a pressão alta ou a diabetes, sendo mais comum em pessoas com idade entre 24 e 44 anos. Ela pode inclusive ser hereditária (BLOOMFIELD, 2008).

A depressão foi descrita e definida pela American Psychiatric Association (DSM IV-TR, 2002) como transtorno de humor, que envolve um grupo heterogêneo de sintomas tais como, humor deprimido, interesse ou prazer acentuadamente diminuído, perda ou ganho significativo de peso, insônia ou hipersônia, agitação ou retardo psicomotor, fadiga ou perda de energia, sentimento de inutilidade, capacidade diminuída de pensar e pensamentos de mortes recorrentes.

Nas instituições de ensino, principalmente nas Universidades, os acadêmicos sofrem com o aumento da tensão ou estresse psíquico, distúrbios psicossomáticos, falta de confiança na capacidade de desempenho e auto eficácia, indicando assim uma diminuição da saúde mental geral (CERCHARI et al., 2005). Algumas pesquisas realizadas no contexto acadêmico vêm demonstrando um índice elevado de casos de depressão.

SANTOS et al., (2003) desenvolveu um estudo sobre depressão com o objetivo de identificar e mensurar os sintomas de depressão mais frequentes entre universitários. Esse estudo apontou para uma amostra de 99 estudantes, que 41% apresentaram grau de depressão variando de leve à grave, cujos sintomas mais frequentes foram autoacusação, irritabilidade e fadiga. Sendo considerado um índice de depressão de 97% em mulheres, com idade média de 20 anos.

Diante da importância e repercussão sobre o tema, presente na vida dos universitários, observou-se a necessidade de debatê-lo no âmbito acadêmico. O objetivo

do presente trabalho foi desenvolver um evento para despertar o senso crítico dos participantes de forma dinâmica e com o intuito de ajudar na formação do discente em todas suas esferas, incluindo saberes sobre saúde mental.

2. METODOLOGIA

Foi organizada uma Mesa Redonda, pelo grupo PET Engenharia Hídrica (PET- Programa de Educação Tutorial), do curso de Engenharia Hídrica da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) - RS. A princípio foi realizada uma reunião entre os integrantes do grupo para discutir os possíveis temas do evento. Após a apresentação dos temas, realizou-se uma votação em grupo para escolher o considerado ideal. O tema mais votado foi “Depressão”, sendo um assunto de interesse da comunidade acadêmica da UFPel.

O grupo definiu como título da mesa redonda, “Vive em paz para estudar em paz: A depressão nas universidades”.

Logo após, a definição do título da mesa redonda, entrou-se em contato com profissionais da área, como o especialista em terapia cognitivo-comportamental João Arturo Dorner e a psicóloga da Pró- Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) Juliana Antunes Souza, ambos vinculados a UFPel. Foi elaborado pelo grupo um roteiro para que os palestrantes pudessem explicar sobre o tema Depressão.

O evento foi divulgado por meio de redes sociais e através de cartazes expostos em todos os prédios da UFPel, tentando assim abranger um maior número de acadêmicos.

Um integrante do grupo PET Engenharia Hídrica, ficou responsável em mediar a discussão, auxiliar os integrantes da mesa e o público convidado. As perguntas aos participantes da mesa redonda foram realizadas através do mediador. Após as respostas dos profissionais convidados, abriu-se um momento para discussão sobre o tema com a plateia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a ampla divulgação do evento, obteve-se uma platéia composta por aproximadamente 40 pessoas, entre alunos e professores de diferentes áreas de formação da UFPel. Através da mesa redonda realizou-se a interação entre as áreas de ciências humanas, ciências exatas, ciências da saúde e ciências da terra.

Na realização deste evento diversos alunos da rede de ensino superior puderam expor seus pensamentos e sentimentos com relação à Universidade. Também foi possível

perceber uma fragilidade presente nos jovens estudantes. A partir das perguntas realizadas pela comunidade acadêmica, pode-se observar a necessidade de políticas públicas no intuito de melhorar a qualidade de vida, saúde, transporte e lazer dos estudantes universitários.

Além disso, outro resultado obtido foi a possibilidade de parcerias entre comunidade universitária e sociedade local, no que tange a elaboração de programas conjuntos que possam promover saúde, prevenir doenças, além de projetos sociais de apoio ao jovem estudante.



Figura 1. Grupo PET Engenharia Hídrica, João Arturo Dorner e Juliana Antunes Souza.
Fonte: Acervo PET Engenharia Hídrica, 2017.

4. CONCLUSÕES

O tema depressão necessita ganhar maior relevância no contexto acadêmico – científico dentro da UFPel, pois existe uma fragilidade presente nos estudantes da instituição.

A mesa redonda proporcionou ao grupo PET Engenharia Hídrica uma maior interação entre o grupo e a comunidade acadêmica de diversas áreas da UFPel.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOOMFIELD, H. H; MCWILLIAN, P. **Como curar a depressão**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.



CERCHARI E. A. N; CAETANO, D; FACENDA, O. **Prevalência de transtornos mentais em estudantes universitários, estudos de Psicologia.** v. 10, n.3, p. 413-420, 2005.

DSM - IV- TR, **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** 4ºed. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OMS. **Organização Mundial da Saúde (World Health Organization).** Disponível em: <<http://www.who.int/>>. Acesso em: 10 set 2018.

SANTOS, L; PINZON, V. **Aplicação da versão em Português do instrumento abreviado avaliação da qualidade de vida da OMS (WHOOQOL-Breve).** Revista de Saúde Pública, v. 34, n.02, p. 178-183, 2000.

SANTOS, T. M; ALMEIDA, A, O; MARTINS, H.O MORENO, V. **Aplicação de um instrumento de avaliação do grau de depressão em universitários do interior paulista durante a graduação em Enfermagem.** Acta Scientiarum – Health Sciences, Maringá, v. 25, n. 2, p. 171-176, 2003.



NÓS NOSOTROS: ANTROPOFONIAS E CHARLAS

ANDERSON DA SILVA PEREIRA NERIS¹
RAFAEL CORTELETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – anderson.neris022@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cortelettigd@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se dedica a uma abordagem do projeto de extensão “Nós Nosotros: Antropofonias e Charlas”, projeto que é coordenado pela Profa. Claudia Turra Magni e pelo Prof. Rafael Corteletti. Dentre as iniciativas do projeto, está a emissão de um programa radio (RádioCom 104.5FM) aos sábados, das 18h às 19h30min. A proposta do programa é motivada pelo desejo de divulgar as produções de pesquisa, ensino e extensão do Curso de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas e rede de pesquisadores, docentes e discentes a ele associada. O Nós Nosotros: Antropofonias e Charlas visa estabelecer diálogos para estreitar as relações entre a universidade e comunidades em geral, atentando para o sensível como maneira de acessar o processo de aprender.

A RádioCom vem a dezessete anos lutando por uma democratização da comunicação, parte do pressuposto de que comunicação é um direito de todos e procura interferir na sociedade para transformá-la através de um proceso plural, democrático e participativo na difusão das informações de interesse público. Que de acordo com PERUZZO (2000 p.661):

A participação das pessoas na produção e transmissão das mensagens, nos mecanismos de planejamento e na gestão do veículo de comunicação comunitária, contribui para que elas se tornem sujeitos, se sintam capazes de fazer aquilo que estão acostumadas a receber pronto, fazem-se protagonistas da comunicação e não somente receptores.

A rádio já possui um histórico de dar espaço para os cursos e projetos de extensão da universidade compor a sua programação, fato esse que acabou por facilitar o acesso do nosso grupo de estudantes e professores/as.

O objetivo principal deste trabalho é de promover a aproximação dialógica entre a comunidade acadêmica e a sociedade mais ampla, através da construção coletiva do conhecimento e restituição da produção acadêmica no âmbito da Antropologia e Arqueologia.

2. METODOLOGIA

A metodologia conta com as três etapas do processo de produção do programa feito na RádioCom. A primeira, onde ocorre a chamada fase de pré produção do programa, é composta por um encontro semanal do grupo de discentes e docentes. Esta ocasião serve, entre outras coisas, para o grupo definir o eixo temático dos programas a serem apresentados e analisar nomes para fazer parte do corpo de entrevistados. A elaboração dos toma como critério os fatos marcantes a atualidade, como também questões de outras épocas, ou seja, temas de outras épocas que seguem despertando atenção até hoje.

Também é nesse momento que se deixa acertado a equipe que irá fazer o programa seguinte na rádio, onde cada pessoa se encarrega de uma das seguintes funções: mesa de áudio, apresentação, trilha sonora, filmagem/registro de imagens. Cabe a estas mãos por em prática o trabalho desenvolvido durante a semana. Depois vem a etapa de tudo que foi idealizado e planejado anteriormente ser executado na rádio. Minutos antes de entrarmos no ar, aproveitamos para dar as últimas noções do funcionamento do programa, como por exemplo o tempo de cada bloco e a escolha da trilha sonora por parte dos convidados/as. A rádio possui um sistema de gravação que possibilita a equipe gravar as edições para depois disponibilizar aos seus entrevistados. O programa ao vivo é transmitido via site:<http://www.radiocom.org.br/>, no rádio na frequência 104.5FM e conta com live pela página “RádioCom de Pelotas” no facebook. Seu formato tem por característica entrevistas abertas na forma de conversa informal relacionadas com o tema, alguns giram em torno de aspectos da trajetória de vida do/a convidado/a, sua relação com a cidade de Pelotas, modo de ser/viver, como, por exemplo, foi o programa da edição de número 14: “Mestra Griô Sirley Amaro: Contando Histórias”.

Por fim a terceira e última etapa, mas não menos importante, é a da pós produção, conhecida pela seleção do material de edição, processo de edição, envio da gravação para todo o grupo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto conseguiu no site do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS), um espaço destinado ao armazenamento das gravações e do registro de imagem dos programas.

Até o envio deste resumo, 29 programas foram veiculados, por meio da página no Facebook atingimos 242 likes, o que foi acrescido devido a campanha de divulgação do segundo programa acerca da lei de “Regulamentação da Profissão de Arqueólogo/a”, alcançando cerca de 1.510 pessoas com 15 compartilhamentos. Essas ações, só



neste programa, deixaram mais de 1.150 visualizações no vídeo da live, 14 compartilhamentos, além da notável interação do público vinda de diversas partes do Brasil.

Programas
1. Arqueologia - Pesquisas
2. Memórias da Estação Férrea de Pelotas
3. Carnavais
4. Zooarqueologia
5. Arqueologia e Direitos Humanos
6. Trajetória dos Formandos no Curso de Antropologia/Arqueologia - UFPEL
7. Acolhida dos calouros do Curso de Antropologia 2018/1
8. Povos Indígenas, Sabedorias e Direitos I – Trajetórias
9. Povos Indígenas, Sabedorias e Direitos II – Marco Temporal
10. Povos Indígenas, Sabedorias e Direitos III – Povos Mabya Guarani
11. I Semana Africana de Pelotas
12. Mestre Griô Sirley Amaro: Contando Histórias
13. A Importância das Cotas como Instrumento de Reparação Social
14. Intervenções Alternativas na Cidade
15. Ditadura Militar
16. Independências Africanas
17. Cidades em Transe: Margens em Transformação
18. Conversa com estudantes Quilombolas
19. Regulamentação da Profissão de Arqueólogo/a I
20. I Semana da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha de Pelotas
21. Musealização dos Cemitérios
22. Dona Eva: Histórias e Trajetória
23. Dia da Mulher Africana
24. Regulamentação da Profissão de Arqueólogo/a II

4. CONCLUSÕES

O programa tem se apresentado como um veículo chave para se pensar a transmissão do saber de uma forma mais plura/acessível, levando em consideração que este é muitas vezes, quase como uma tradição, inacessível a uma maioria. O “Nós Nosotros: Antropofonias e Charlas” como projeto de extensão, entende a importância de se buscar na conjuntura atual instrumentos de mediação que venham a contribuir para a relação entre o universo acadêmico com a comunidade. A dinâmica do programa (ao vivo) faz que os temas que estão em pauta na sociedade recebam a devida atenção e leve um entendimento dos fatos para a audiência.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COULDRY, N. **Why Voice Matters**. London: Sage, 2010.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. Revista do Pensamento Comunicacional Latino Americano. São Paulo, SP, vol. 4, nº. 1, p. 218, 2002.

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. **As artes da resistência radiofônica na era digital: uma antropologia da rádio Xibé**. REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29., Natal, 2014. p. 1.



CRIAÇÃO DE IDENTIDADES VISUAIS PARA EVENTOS: PROJETOS DESIGNERIA EMPRESA JÚNIOR

CAMILA SOARES CALDEIRA¹; NATÁLIA MARRONI MARQUES²; Prof^a.Dr^a.
HELENA DE ARAUJO NEVES³

¹Universidade Federal de Pelotas – c.soarescaldeira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marquesnat@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – profhelena.neves@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Designeria é a Empresa Júnior dos cursos de Design da UFPEL e pertence ao projeto de extensão vinculado à área de Comunicação. Seu principal objetivo é fornecer um ambiente de ensino-aprendizagem onde os alunos possam atender a comunidade local oferecendo serviços de Design a um valor acessível.

A empresa foi criada em 2010 pelos discentes e docentes dos cursos de Design Gráfico e Digital para atender as demandas locais de serviços básicos de Design e ao mesmo tempo oferecer a oportunidade dos alunos aplicarem seus conhecimentos para solucionarem necessidades de clientes reais.

O presente artigo tem como finalidade apresentar a Designeria, sua metodologia de trabalho e alguns projetos desenvolvidos ao longo do primeiro semestre de 2018 – tanto para comunidade interna quanto externa à Universidade, aproximando academia e sociedade através da prestação de serviços específicos.

2. METODOLOGIA

A Designeria atualmente é formada por treze alunos e coordenada pela professora Helena de Araujo Neves. Sua estrutura organizacional é composta por sete cargos: presidente, diretor de projetos, diretor de Marketing, financeiro, secretário, designer e estagiário. Torna-se importante destacar que todos os integrantes executam atividades de criação (CALDEIRA, 2017), além das tarefas particulares de cada função.

A periodicidade do processo seletivo está sujeita às demandas internas e é organizada pelos próprios acadêmicos com a supervisão da professora coordenadora, sempre considerando oportunizar que outros discentes participem da empresa, dando continuidade ao projeto de extensão a cada novo semestre. Após a seleção, os novos integrantes ocupam cargos de iniciantes, situação na qual são acompanhados pelos alunos veteranos num período de aprendizagem com o intuito de que conheçam os processos de funcionamento da empresa.



Por trabalhar de forma horizontal, todas as decisões internas são tomadas em conjunto através de reuniões semanais com todos os membros do projeto e supervisionadas pela professora coordenadora. Nos encontros são discutidas questões administrativas; demandas internas; acompanhamento de projetos em andamento e estratégias que serão abordadas para desenvolvimento de novos trabalhos. Em relação aos clientes, estes são compostos prioritariamente pelo público interno da própria universidade, por outras instituições de ensino ou por micro e pequenas empresas – como já exposto por Suriz e Silva (2016, p.21):

Com relação ao público externo, esse se configura por micro e pequenas empresas (MEIS), normalmente constituídas por pessoas que estão começando a constituir os seus empreendimentos – ou que já tenham uma empresa em atuação e precisam de trabalhos para qualificar ainda mais esse desempenho. Esse perfil de clientes tem a intenção de ampliar os negócios e, por isso, sabe que o design é um importante campo do conhecimento capaz de acelerar esse processo.

O primeiro contato com o cliente se dá geralmente via e-mail, onde são apresentadas suas necessidades para, logo em seguida, agendar uma reunião para a definição de quais soluções serão oferecidas. Após o encontro, um documento de coleta de informações é preenchido para detalhamento das demandas e dos serviços que o cliente pretende contratar. O pedido é apresentado aos membros da Designeria que discutirão sua viabilidade bem como definirão quais alunos irão participar do desenvolvimento do trabalho¹. Um orçamento é elaborado e, após aprovado, o serviço é formalizado por meio de um contrato determinando os tipos de trabalhos que serão desenvolvidos, prazos e formas de pagamento. A partir daí o projeto começa a ser desenvolvido pela equipe responsável, atendendo os processos estipulados em contrato. Cada etapa do trabalho é apresentada ao cliente para que possa acompanhar o desenvolvimento do projeto de perto e participar das tomadas de decisões. A finalização só se dá após as alterações exigidas e mediante a devida aprovação do cliente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os vários trabalhos desenvolvidos pela Designeria durante o primeiro semestre de 2018 destacam-se, neste artigo, dois projetos de criação de Identidade Visual para eventos. Trata-se, portanto, de uma amostra intencional (MARCONI; LAKATOS, 2011) por acreditar-se que estes casos de mercado contribuem para demonstrar

¹ Normalmente são formadas equipes de três participantes dependendo da complexidade do projeto e das habilidades dos alunos envolvidos.

as competências e as possibilidades de áreas abrangidas pela equipe no que se refere ao desenvolvimento de marcas. O primeiro caso exposto trata-se da criação de uma Identidade Visual para a terceira edição do evento internacional Semana da Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande. Nesta edição o evento teve como tema o debate sobre os avanços da área contemplando aspectos técnicos; documentação e sistemas nacionais e internacionais – privilegiando a incorporação de novos tópicos relacionados à Ciência da Informação. Tendo isso em vista, como conceito principal para a criação da marca definiu-se a união do analógico e do digital. Isso foi feito principalmente no desenho do símbolo (ver Fig. 1) – elemento no qual um livro foi transformado em pixels fazendo alusão às transformações dos novos processos de armazenamento de informação. Como *namings*² optou-se pela *Semana CI* abreviando o título (usando os termos como o evento é conhecido pela comunidade). Além disso, essa redução foi usada por não ser extensa e de fácil memorização – características capazes de criar uma identidade forte para o evento (WHEELER, 2012). Para complementar a marca, foi desenvolvida uma tipografia própria por meio da sua fragmentação fazendo alusão aos códigos de computação.

Por fim a cor azul, que é associada às áreas de ciências, informação e tecnologia, foi utilizada com um tom gradiente nas peças com a intenção de reforçar as características mencionadas anteriormente (FRASER, 2012).



Figura 1: Identidade Visual III Semana Ciência da Informação Fonte: Arquivo da Designeria Empresa Júnior

No segundo projeto executado, desenvolveu-se o redesign da Identidade Visual da décima primeira edição do evento *Seminário Internacional de Educação Superior*, realizado na Universidade Federal de Pelotas. Este aborda as práticas pedagógicas universitárias no cenário dos contextos emergentes e debate as novas propostas que permeiam a educação superior da América Latina. Por se tratar de um evento sobre a educação, a Identidade Visual do projeto foi baseada em elementos utilizados neste meio como, por exemplo, o papel, o lápis e o pincel. A tipografia escolhida para indicar

² Trata-se da escolha do nome de uma marca ou evento “que pode contribuir para posicioná-la corretamente no mercado e facilitar a sua comunicação com os diversos públicos” (RODRIGUES, 2011, p.3).



a edição em que o evento se encontra – neste caso o XI – possui uma forma orgânica que remete à caligrafia e a sua textura, por sua vez, ao rabisco do lápis. Além disso, foi criado um ornamento de pinceladas coloridas sobre um papel rasgado para servir como apoio visual, aumentando a pregnância e a identificação da marca que foi utilizada nas diversas aplicações gráficas realizadas (ver Fig. 2). A paleta de cores foi definida através de um pedido da cliente, que desejava que a cor laranja estivesse presente. Diante disso, estabeleceu-se uma paleta monocromática, usando variações na saturação do laranja para criar maior harmonia.



Figura 2: Aplicação da Identidade Visual do XI Seminário Internacional de Educação Superior Fonte: Arquivo da Designeria Empresa Júnior

Em linhas gerais esses foram os procedimentos teórico-metodológicos utilizados para realizar os trabalhos apresentados.

4. CONCLUSÕES

Como exposto, a Designeria Empresa Júnior proporciona um espaço de autonomia onde as habilidades dos estudantes podem ser desenvolvidas através do gerenciamento da empresa. Por meio da gestão e aproximação do mercado de trabalho, os alunos aplicam seus conhecimentos em busca de soluções capazes de unir academia e comunidade.

Atualmente novas estratégias de organização operacional estão sendo colocadas em práticas, buscando aperfeiçoar e agilizar os processos internos. Além disso, novas táticas de divulgação foram responsáveis por atrair um maior número de estudantes, principalmente calouros, para participarem do processo seletivo, renovando e possibilitando dar continuidade ao projeto de modo mais ágil. No que tange a parcerias, a Designeria está firmando união com outras empresas juniores através da retomada do Conselho de Representantes das Empresas Juniores da UFPEL (CREJ), responsável por dar um melhor suporte, consultoria e fortalecer a representação dos acadêmicos dentro da instituição. Dando seguimento às estratégias de ampliação do público externo, o projeto pretende expandir a sua contribuição aos grupos locais,



constituídos por organizações e projetos sem fins lucrativos, aumentando a participação da comunidade externa dentro da cartilha de clientes. Dentre as medidas adotadas, a empresa está entrando em contato com ONGs e afins que tenham interesse e necessidade dos serviços da área do design disponibilizados pela Designeria. Esses projetos sociais serão desenvolvidos, geralmente, pelos novos integrantes da empresa sob a supervisão dos gestores de projetos. A intenção será a de que os iniciantes passem por um período de aprendizagem para se adaptarem ao ambiente de trabalho, integrando o espaço de intercâmbio entre acadêmicos e a comunidade ao mesmo tempo em que realizam um trabalho social.

Vale ressaltar que os integrantes da Designeria sempre buscam participar de encontros e eventos, visando ampliar e também partilhar seus conhecimentos. Durante a 3ª Semana Integrada da UFPEL, a Empresa Júnior esteve presente realizando três oficinas abordando questões acadêmicas e de design. No evento Moda e Arte 2018 - I Semana Acadêmica do Design de Moda da UCPEL, também ofereceu oficinas voltadas para o Design Editorial de Moda. Por fim, no mês de agosto do corrente ano, alguns membros participaram da primeira edição do Prodigious Day, organizado pela agência Prodigious, que visava promover o compartilhamento de experiências e estimular os estudantes a vivenciarem o mercado de produções digitais. Em resumo estas foram algumas das atividades desempenhadas no último ano de gestão pela equipe da Designeria Empresa Júnior.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDEIRA, Camila Soares; BASÍLIO, Lucas da Cruz; NEVES, Helena de Araujo. **Um retorno para a sociedade: projetos Designeria Empresa Júnior.** In: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL, 4., Pelotas, 2017. Anais... Pelotas: Pró-reitoria de Extensão e Cultura, 2017. p.26.

FRASER, Tom. **O essencial da cor no Design.** São Paulo: SENAC, 2012.

MARCONI, Maria A; LAKATOS, Eva M. **Metodologia do trabalho científico.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

RODRIGUES, D. **Naming: o nome da marca.** Rio de Janeiro: 2AB, 2011.

SURIZ, Anna Laux; SILVA, Mariana Couto; NEVES, Helena de Araujo. **Designeria Empresa Júnior: projetos de design para a comunidade interna e externa à UFPEL.** In: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL, 3., Pelotas,



2016. Anais... Pelotas: Pró-reitoria de Extensão e Cultura, 2016. p.21.

WHEELER, A. **Design de identidade da marca:** guia essencial para toda a equipe de gestão de marcas. Porto Alegre: Bookman, 2012. 3.ed.



JORNAL DA ESCOLA - UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCOMUNICAÇÃO EM TURMAS DE ANOS INICIAIS NA ZONA RURAL DE VERA CRUZ (RS)

CLAUDINE SUELLEN ZINGLER¹; SÍLVIA MEIRELLES LEITE²

¹Universidade Federal de Pelotas – claudinezingler@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – silviameirelles@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Educomunicação vem crescendo como um campo de estudos na América Latina desde antes dos anos 2000, mas foi nesse momento que o conceito foi criado por Ismar Soares. O estudioso afirma que “a comunicação é vista como um componente do processo educativo” (SOARES, 2000, p.13), portanto a Educomunicação se encarrega da relação construída entre comunicação e educação, que de forma alguma deve ser competitiva ou limitada. Para tratar do assunto no trabalho a seguir também foram utilizadas ideias de KAPLÚN (1998) sobre a prática educacional e de FREIRE (1981) sobre a relação pedagógica dentro da escola.

O projeto experimental de educomunicação foi aplicado no 2º e 3º anos da educação básica na Escola Municipal de Ensino Fundamental Sagrado Coração de Jesus, localizada em Vila Ferraz, interior do município de Vera Cruz (RS). Pensando na importância desses estudos e vendo a prática educacional como uma ferramenta de empoderamento dos cidadãos, além de entender a comunicação e educação como direitos fundamentais, a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos aprendidos na Universidade também se mostra valiosa.

O objetivo do projeto experimental é produzir um jornal em formato de fanzine com os estudantes das turmas supracitadas com base na Educomunicação, primeiramente instrumentalizando-os para o fazer jornalístico por meio de discussões e atividades lúdicas sobre jornalismo, e, posteriormente colocando em prática as discussões, com a escolha de temas a serem abordados no jornal. Todas as etapas têm o acompanhamento da professora das turmas, assim como de uma educadora especial que auxilia uma educanda.

O pontapé inicial nas pesquisas sobre Educomunicação no Brasil se deu a partir de um trabalho feito pelo NCE/ECA-USP sobre o perfil do educador¹, o que segundo SOARES (2000), à época, se tratava de um novo profissional que lida com a inter-relação entre Comunicação e Educação. Segundo o relatório da pesquisa citada, esse profissional demonstra “uma preocupação com a democratização do acesso à in-

¹disponível em <https://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/29.pdf>

formação, utilizando-se a atuação profissional como meio para a formação de valores solidários e democráticos, para a transformação do ambiente em que vivem.” (p. 2).

Ainda sobre a importância dos estudos sobre Educomunicação, SOARES (2002) sistematiza quatro áreas de intervenção desse novo campo: 1) educação para a comunicação; 2) mediação tecnológica na educação; 3) gestão da comunicação no espaço educativo, e 4) reflexão epistemológica sobre a inter-relação comunicação/educação. Isso não significa que a inter-relação educação/comunicação não existisse anteriormente, ela somente não havia sido sistematizada, sendo suas ações feitas mais intuitivamente. É importante notar que ao exercermos a prática da Educomunicação, não queremos e nem podemos nos limitar a somente uma dessas áreas de intervenção, podendo elas serem combinadas e adaptadas pelas necessidades da comunidade.

Maria Aparecida Baccega (2009) defende que a prática educacional não deve apenas se ater à produção de um telejornal ou criação de um jornal escolar, por exemplo, mas deve ter como objetivo a construção do conhecimento acerca de como é manejada a informação a que temos acesso. Ela também diz que para que estudemos a educomunicação, necessitamos estabelecer um diálogo com saberes variados. Instigar os questionamentos e fazer com que os participantes se sintam curiosos e tenham vontade de aprofundar o que está sendo trabalhado estabelecendo diálogos entre áreas diversas do conhecimento faz com que a prática possa vir a ter resultados duradouros.

2. METODOLOGIA

Por se tratar de um projeto de Educomunicação, a metodologia de pesquisa participante foi adotada por ser impossível a realização dele sem meu envolvimento. Segundo FALS BORDA (1983, p.43, apud GIL, 2008, p.31), essa é uma “metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior”. Ela é caracterizada pela participação ativa do pesquisador e dos pesquisados. A pesquisa não se dá a partir da observação do pesquisado pelo pesquisador, mas pelo relacionamento estabelecido entre ambos.

Fui até a escola conhecer a turma, em um momento que chamei de “aproximação”. Nesse dia, especificamente 14 de maio, eu e os educandos nos conhecemos, assim como conheci também as funcionárias da escola. Com as crianças, fiz algumas atividades lúdicas relacionadas ao assunto que estavam aprendendo com a professora Fátima, os cinco sentidos.

Após, elaborou-se um cronograma de atividades para a semana de projeto prático. Assim, retornei para a escola no mês seguinte, especificamente na semana

de 11 a 15 de Junho. Em cada um dos dias, fiz atividades diferentes relacionadas à prática educomunicacional, como análise do Jornal Arauto, que é publicado no município (fizemos um cartaz, eles recortaram o jornal local e fizeram uma colagem adicionando perguntas que poderiam ser feitas), discussão sobre os temas abordados no periódico e sobre o que os alunos gostariam de falar no jornal da turma.

No segundo dia, entreguei uma folha A5 para cada um escrever e desenhar sua parte do jornal, escolhendo um ou mais temas para abordar nesse espaço. No terceiro dia, os pequenos deram algumas ideias de nomes para o jornal e também foi decidido que ele seria dividido em duas partes: a parte “de verdades” (palavras deles) e a parte que posteriormente foi nomeada “As artistas talentosas”, que contava com artes criadas por eles, como se fosse um “caderno especial”. No penúltimo encontro, pedi para a professora separar os alunos em dupla (foram feitas duplas misturando os dois anos) e cada dupla fez mais uma página do jornal, além da turma ter desenhado coletivamente a capa da publicação. Nesse dia foi escolhido o nome do caderno especial e do jornal, sendo batizado de Jornal Escolar. No dia de despedida, conversamos sobre o que eles criaram, fizemos uma retrospectiva da semana, mas também produzimos mais conteúdo. Eles fizeram um trabalho coletivo, uma enquete na escola para eleger qual a merenda preferida dos estudantes. A turma escolheu uma das alunas e ela foi entrevistar as turmas vizinhas, trazendo a informação e compartilhando com os colegas para que outra aluna escolhida coletivamente pudesse desenhar um gráfico com as opções mais votadas. Por fim, mostrei para eles o boneco do jornal e combinei de retornar para entregar pelo menos um exemplar para cada “repórter”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como a parte da coleta de dados e criação do conteúdo do jornal já foi feita, o que resta fazer é retornar à escola com exemplares impressos do Jornal Escolar e entregá-los aos responsáveis por sua criação, para que possamos conversar mais sobre o trabalho feito.

Notei que os alunos com os quais eu trabalhei têm uma bagagem de conhecimento bastante vasta acerca de assuntos como alimentação e cultivo de seus próprios alimentos, por exemplo, pois a maioria das famílias tem horta em casa e criam animais para corte. Mas, mesmo assim, elas não deixam de se interessar por conteúdos da internet. Pude notar que alguns acessam sites como o Youtube regularmente, principalmente para aprender a fazer trabalhos artísticos.

No decorrer do trabalho, pude também notar que alguns estudantes têm bastante dificuldade com a escrita, apesar de ter muita vontade de aprender. Esse assunto é bastante delicado, pois na turma há a presença de três alunas que precisam de

acompanhamento de uma educadora especial, mas somente uma tem o laudo médico que dá esse direito. Portanto, a professora Fátima e a educadora especial Ana Paula precisam se desdobrar para atender com atenção essas alunas, além do restante da turma. Outro desafio é o fato de que apesar de a escola ter recebido materiais de informática, nenhum computador das salas de aula funciona mais, pois o município não teve condições de dar manutenção. No caso da turma com que trabalho, isso não foi um empecilho, pois eles gostam bastante de fazer trabalhos manuais.

Ao conversar com as educadoras, elas disseram que a semana de projeto foi bastante rica, pois trouxe muitas novidades para a turma. Antes, eles não conheciam o jornal da cidade, mas depois que discutimos sobre, alguns pediram para ver o jornal do dia seguinte. Também durante a semana algumas alunas fizeram entrevistas em suas famílias e trouxeram para a sala de aula os resultados. No início, eu pensava que cada estudante faria uma página do jornal e que o produto final seria pequeno, mas no meio da semana me vi tendo que fazer uma discussão sobre o limite de páginas a ser feito por cada “repórter”, pois a empolgação foi grande.

4. CONCLUSÕES

Até o momento, temos o produto jornalístico pronto e os exemplares foram distribuídos entre os alunos das turmas. Também um exemplar adicional foi deixado na biblioteca da escola para empréstimos. A partir de agora, serão feitos o relatório da atividade e as reflexões acerca da prática.

Com esse projeto pude perceber que a Educomunicação é um campo muito rico de possibilidades. Proporcionar aos alunos novas formas de aprender e discutir conteúdos programáticos, sem deixar de tratar sobre assuntos de seu interesse, foi o que mais me empolgou. É possível aprender sobre alimentação, por exemplo, entrevistando colegas e profissionais escolares sobre a merenda do educandário.

Foi muito importante iniciar a parte prática do trabalho sem criar muitas expectativas, porém carregada de curiosidade e isso é uma lição que fica para futuros trabalhos. O Jornal da Escola foi uma inovação na Escola Sagrado Coração de Jesus, pois os estudantes aprenderam, além de como se fazer um jornal, a desenvolver ainda mais as relações entre si e entre os profissionais da escola, sem deixar de debater os assuntos da comunidade em casa com suas famílias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCEGA, M.A. **Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica**. Comunicação & Educação, São Paulo, ano 14, n. 3., p. 19-28, set./dez., 2009.



FREIRE, P. **A Importância do ato de ler em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1981. Paginação Irregular

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 2008.

KAPLÚN, M. **Una Pedagogía de la Comunicación.** Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

SOARES, I. de O. **Educomunicação: um campo de mediações.** Comunicação & Educação, São Paulo n. 19, p. 12-24, set./dez. 2000.

_____, I. de O. **Gestão comunicativa e educação:** caminhos da educomunicação. Comunicação & Educação, São Paulo, n. 23, p. 16 – 25. jan./abr. 2002.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS EM PAUTA UFPEL: UM LABORATÓRIO ABERTO

DOUGLAS GARCIA DUTRA¹; CARLOS ANDRÉ ECHENIQUE DOMINGUEZ²

¹Universidade Federal de Pelotas – odougdutra@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cadredominguez@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Em Pauta é uma agência experimental de notícias do curso de jornalismo da Universidade Federal de Pelotas. O conteúdo publicado no site é feito voluntariamente por estudantes e colaboradores do curso de Bacharelado em Jornalismo da UFPel. Segundo Canavilhas (2003) o webjornalismo pode explorar as potencialidades da internet, convergindo texto, imagem, som e vídeo, e, segundo Peruzzo (apud FERNANDES; DOMINGUEZ, 2017), a internet trouxe a prática democrática para mais perto das pessoas.

O projeto permite que os estudantes produzam conteúdo pensado para o formato web em forma de um laboratório, em que se pode aplicar os conhecimentos adquiridos através do curso, em disciplinas como Produção da Notícia e WebJornalismo.

O material é dividido em editorias como Geral, publicando matérias de amplo interesse, como projetos sociais, atividades desenvolvidas por estudantes da UFPel e matérias de interesse público. Na editoria de Cultura, faz-se a agenda cultural da Universidade e da cidade de Pelotas, integrando o jornalismo e colaborando com a difusão da cultura produzida na localidade. Outra editoria de destaque, a de Esportes, foca nos clubes de Pelotas, nos atletas da cidade, e nas atividades desportivas da Universidade.

O site é hospedado na plataforma de WordPress Institucional da UFPel, acessível no endereço wp.ufpel.edu.br/empauta, onde são publicadas as matérias. As matérias são divulgadas pela página do Facebook (facebook.com/EmPautaUfpel), pelo Twitter (twitter.com/EmPautaWeb) e pelo Instagram (instagram.com/EmPautaWeb).



Figura 1 - Cabeçalho do site



No mundo contemporâneo, a veiculação da informação passa fundamentalmente pela internet, e as mídias digitais se tornam a principal ferramenta de acesso às notícias e informações.

Em um período em que a divulgação das chamadas fake news põem em risco as democracias pelo mundo, a produção de um conteúdo jornalístico alternativo aos mass media é fundamental para a produção de notícias que não aparecem nos grandes noticiários, e permite um vínculo ao local em que se produz a notícia.

O projeto Em Pauta trabalha com uma ideia do fazer jornalístico como um espaço aberto e coletivo, voltado para o pensamento, o questionamento, a reflexão e a análise do jornalismo. Permite que o estudante de jornalismo saia do enclausuramento do ambiente acadêmico e produza conteúdo junto a sua comunidade.

O ambiente de intercâmbio cultural permitido pela Universidade, com estudantes de diversas regiões do país e de cidades vizinhas a Pelotas se reflete na produção de um conteúdo plural, com vários “sotaques”.

O público-alvo do site é, fundamentalmente, a comunidade de Pelotas, formada por essa multiplicidade de culturas e saberes, e, em especial, a comunidade da Universidade Federal de Pelotas, composta por seus alunos, professores e funcionários

2. METODOLOGIA

Semanalmente são realizadas reuniões de pauta, para delegar funções, discutir a produção da semana anterior e debater ideias e sugestões.

As matérias são produzidas principalmente por alunos voluntários, alunos matriculados em uma das cadeiras de Práticas Laboratoriais ofertadas pelo curso, como redatores, e alunos em Estágio Obrigatório, como editores. Os redatores enviam suas matérias por email para os editores, que fazem as devidas correções e apuração e encaminham para o bolsista, que é encarregado de fazer a publicação no site e nas redes sociais.

Além disso, atividades também são coordenadas através de um grupo no Facebook, em que pode-se discutir ações mais urgentes.

3. RESULTADOS

Entre janeiro e julho de 2018, foram publicadas 124 matérias no site principal, além de ter sido feita uma cobertura em tempo real do lançamento da Fenadoce pelo Instagram e pelo Twitter. Desde o lançamento do site, foram feitas aproximadamente 1500 publicações no site.

Também neste ano, começaram a ser feitos esforços para ampliar o uso dos recursos disponíveis na internet. Os redatores foram incentivados a produzir vídeos e galerias de imagem, além de lançar mão do recurso stories do Instagram na divulgação das matérias.

Dentre as formas de apurar resultados, pode-se observar as métricas do plataforma WordPress e os números nas redes sociais. No período entre janeiro e julho de 2018, por exemplo, o site principal teve 60.901 acessos, com uma média de 286 acessos diários no mesmo período.

Em julho de 2018 a página no Facebook alcançou 2137 likes. O perfil no Twitter, composto por publicações automáticas das matérias do site, possui 147 seguidores. Uma novidade neste ano, o perfil no Instagram, criado em maio, possui 125 seguidores, neste primeiro momento, o foco do perfil no Instagram foi a criação de stories divulgando as notícias do site, seguindo o modelo de grandes jornais e sites de notícia do mundo, como a GaúchaZH (PURCINO, 2017).

4. CONCLUSÕES

O projeto Em Pauta UFPel é de vital importância para o curso de jornalismo. Através dele, os estudantes podem aplicar seus conhecimentos na prática, de forma experimental, dispondo do Laboratório de Webjornalismo e dos equipamentos e apoio dos técnicos de audiovisual do curso.

É através do Em Pauta que os estudantes conseguem “experimentar” a profissão antes de serem postos no mercado de trabalho. Projetos de extensão da Universidade na área da comunicação são instrumentos de vital importância para o aprendizado do aluno, pois além de propiciar que se ponha em prática os conhecimentos da curso, o põe em contato direto com a comunidade, possibilitando um intercâmbio entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento popular.

Além disso, o projeto exerce uma função de integrar o curso à comunidade, possibilitando que, em associação às disciplinas do curso, o aluno possa refletir acerca da função social do jornalismo e do uso da comunicação como ferramenta de fortalecimento da democracia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANAVILHAS, J. **Webjornalismo**: considerações gerais sobre jornalismo na web. Informação e comunicação na online. Covilhã: Livros Labcom, 2003, p. 63-73.



FERNANDES, A.M.O.; DOMINGUEZ, C.A.E. **Agência de notícias Em Pauta UFPel:** a comunicação alternativa feita por estudantes de jornalismo. CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA, 4., Pelotas, 2017, Anais... Pelotas: Ed. da UFPel, 2018. p. 15.

PURCINO, A.F.P. **Jornalismo móvel:** o uso do Instagram Stories pelo portal de notícias GaúchaZH. 2017. 89 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em jornalismo jornalismo) - Curso de comunicação social: habilitação em jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



RELATO DE EXPERIÊNCIA: A CASA DO CONSELHEIRO

EDUARDO MENDES¹ ;
JOÃO FERNANDO IGANSI NUNES²

¹Universidade Federal de Pelotas – canalduapv@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fernandoigansi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) atua com o intuito de intensificar o vínculo entre a comunidade externa e a comunidade acadêmica, além de promover e incentivar a cultura para esses. Neste artigo, objetiva-se relatar um dos projetos da PREC, intitulado A Casa do Conselheiro, um livro multiformato que visa se comunicar através de sistemas visuais e sistemas táteis, como forma de incentivar estudantes do primário a visitarem o Museu do Doce¹. Como bolsista de Design Gráfico na PREC, participei neste projeto realizando as funções de designer editorial e ilustrador, e através deste relato minhas experiências, quais foram as soluções encontradas e suas aplicações no livro, os resultados do mesmo até o momento, como também a importância dos projetos de extensão para a sociedade.

2. METODOLOGIA

Para a realização deste projeto, foi utilizado os estudos da Mnemosine Conservação de Acervos, idealizadora do projeto, o livro Comunicação Aumentativa² produzido pelo Centro de Recursos para Inclusão Digital (CRID) de Leiria, e o livro Sistemas de signos y ayudas técnicas para la comunicación aumentativa y la escritura: principios teóricos y aplicaciones de Carme Basil.

O projeto se resume a um livro multiformato que compreende diferentes sistemas de comunicação para abranger um maior nível de acessibilidade, e para isso o livro foi dividido em três plataformas de leitura com suportes diferentes:

- Sistema visual assistido por pictogramas. Segundo o livro Comunicação Aumentativa, um sistema pictográfico é a representação da mensagem por desenhos, fotos e imagens. Podemos comunicar usando objetos reais, fotos, desenhos e pictogramas.

¹Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas – situado na Praça Coronel Pedro Osório, número 8 – foi criado em 30 de dezembro de 2011.

² <http://crid.esecs.ipleiria.pt/files/2014/05/Comunica%C3%A7%C3%A3o-Aumentativa.pdf>

- Sistema tátil em Braille;
- Sistema sonoro por DVD interativo como um produto de apoio para a comunicação, esse que caracteriza como um recurso utilizado para transmitir mensagens, podendo ser feito em diversos materiais e usados em diferentes suportes, definição dada pelo livro Comunicação Aumentativa.

A participação do autor deste se deu no livro de sistema visual assistido por pictogramas, e neste foi estabelecido características que garantem uma leitura com o maior nível de acessibilidade possível, utilizando famílias tipográficas com os maiores níveis de legibilidade, pictogramas de comunicação assistiva gerados pelo Board-Maker, esse que utiliza o Sistema Pictográfico de Comunicação² (SPC) Mayer-Johnson, como também traços espessos e cores contrastantes nas ilustrações, conforme pesquisado e sugerido pela Mnemosine Conversação de Acervos.

Pictogramas são desenhos lineares mais simples e neutros que as imagens. Também são altamente icônicos, e por isso que, para muitas pessoas, são tão fáceis de aprender e memorizar. Foram idealizados, em sua maior parte, para facilitar a comunicação em pessoas com incapacidades motoras, e contam com um vocabulário referente às mais diversas categorias gramaticais (BASIL, 1998).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O livro está na segunda etapa do projeto, na fase de diagramação e montagem do livro, para posteriormente seguir na impressão do livro e montagem dos conjuntos de A Casa do Conselheiro, findando na distribuição para a rede de ensino primária da cidade de Pelotas.

A falta de projetos similares tornou o processo experimental, pois mesmo utilizando como base resultados de outros projetos existentes, todas as soluções pensadas e incluídas no livro foram testadas com crianças que necessitam o tipo de sistema compreendido em cada etapa, como sugere o livro Comunicação Aumentativa: “é fundamental incorporar o sistema de comunicação nos contextos em que a pessoa vive”; e por consequência houve uma concepção dinâmica e interativa, sempre mantendo contato com o público-alvo do projeto.

Pela falta de experiência em projetos similares, reuniões com o orientador prof. Dr João Fernando Igansi Nunes foram de suma importância para organização de ideias e trazer soluções eficientes para o projeto. As reuniões interdisciplinares com as integrantes do Mnemosine Conservação de Acervos nos permitiu entender quais eram as características fundamentais para que o projeto funcionasse de maneira adequada, quando consumido.

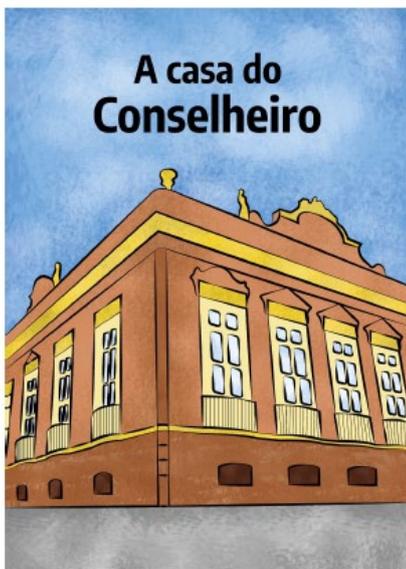


Figura 1 – Capa do livro



Figura 2 – Ilustração do livro

--	--	--	--

Depois tem uma sala pequena. Não tem janelas nessa sala.

--	--	--	--

A luz entra por uma claraboia que está no teto. Nessa sala há muitas portas.

Hall: É uma pequena sala de entrada, que fica entre a porta da rua e a parte de dentro da casa.
Mosaico: É uma decoração montada a partir de pequenas peças.
Claraboia: Abertura de vidro, no teto da casa, para a entrada de luz do sol.

24



Figura 3 – Página dupla do livro

4. CONCLUSÕES

Por fim, concluo que a produção deste projeto foi enriquecedora na minha formação acadêmica, pois tive a oportunidade de exercer, como extensionista, um projeto que amplia meus conhecimentos em produções que visam acessibilidade, como também permitiu devolver o conhecimento adquirido na minha formação para a comunidade, e assim contribuir para que o Museu do Doce possa ampliar sua visibilidade, proporcionando à sociedade um maior acesso à sua própria cultura.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRID, Centro de Recursos para Inclusão Digital. **Comunicação Aumentativa**. Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais - IPLEIRIA, 2012.

BASIL, Carme et al. **Sistema de signos y ayudas técnicas para la comunicación aumentativa y la escritura: Principios teóricos y aplicaciones**. Barcelona: Masson, 1998.

ANÁLISE DAS DIFERENÇAS METODOLÓGICAS ENTRE AS FERRAMENTAS DIA DE CAMPO E ENCONTRÃO DE AGRICULTORES

GABRIELE SILVA DIAS¹ ; WILLIAM BORGES ALDRIGH² ; LUCAS MARTINS
CHRIST³ ; DÉCIO DE SOUZA COTRIM⁴

¹ Universidade Federal de Pelotas – gabrielle.s.dias@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – williamirma@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – lucasmchrist@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – deciocotrim@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

O Núcleo Interdisciplinar de Tecnologias Sociais e Economia Solidária - TEC-SOL/UFPEl atua como uma incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários - EES na região sul do Rio Grande do Sul e tem como objetivo realizar pesquisa, ensino e extensão. Neste sentido, a atuação do núcleo se dá através da Incubação¹ de empreendimentos de economia solidária da região de Pelotas-RS, através de grupos de trabalho constituídos interdisciplinarmente e de forma a integrar professores, alunos e técnicos.

A economia solidária é um fenômeno econômico, social e político oriundo das contradições do sistema capitalista. Apontando como desafio a necessidade de romper as estruturas culturais e ideológicas que organizam este ambiente hostil e propiciar o nascimento e desenvolvimento de suas formas alternativas do fazer econômico dos empreendimentos e redes de produção, de distribuição e de consumo do ponto de vista solidário (TIRIBA, 2001).

Contida entre as linhas de frente de trabalho da incubadora, a Feira Virtual Bem da Terra representa um mecanismo de comercialização constituído em dezembro de 2014, com o apoio da incubadora, e que tem a finalidade realizar o escoamento de produtos de EES da região sul do Rio Grande do Sul organizados através da Associação de produtores da Rede Bem da Terra. Atualmente sob responsabilidade da Associação Educacional para o Consumo Responsável da rede Bem da Terra, a feira virtual se caracteriza por estar articulada como um Grupo de Consumo Responsável² - GCR, o qual se preocupa para além da comercialização, com a discussão sobre as relações de consumo e trabalho que estão inseridos nos processos produtivos.

¹Incubação deve ser entendida como um processo de organização e acompanhamento ou assessoria a grupos.

²Grupo de pessoas que visa o consumo responsável adquirindo produtos da economia solidária, agroecologia, comércio justo e movimentos sociais.



O GT Transição compõem parcialmente o corpo docente e discente do núcleo TECSOL, tendo como integrantes alunos e alunas de graduação dos cursos de Agronomia, Biologia e Medicina Veterinária, um técnico, dois professores, além de colaboradores entre os quais estão alunos de pós-graduação do programa de Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais - DTSA/UFPEL e do programa de Sistemas de Produção Agrícola Familiar - SPAF/UFPEL.

A ação do GT Transição se baseia no acompanhamento dos empreendimentos rurais. Tais empreendimentos são compostos por 20 famílias organizadas em 6 grupos. Os empreendimentos são conhecidos como: Grupo Amoreza, Grupo União, Grupo Germinar, Grupo Maciel, Grupo Silveira e Grupo São Domingos, localizados nos municípios de Morro Redondo, Canguçu e Pelotas (COTRIM, 2018).

O presente trabalho, tem por finalidade apresentar uma análise entre o método participativo e o difusionista. Abordando a metodologia difusionista de um Dia de Campo e a metodologia participativa de um Encontro de Agricultores. Nomeando suas concepções e diferenciações metodológicas e ideológicas, a partir do relato sobre o terceiro e quarto Encontro de Agricultores da Rede Bem da Terra.

2. METODOLOGIA

O método participativo é formado por técnicas e ferramentas que visam estabelecer vínculo entre extensionistas e agricultores. Tendo como princípio criar um campo de interação entre atores sociais, buscando o diálogo e a troca de saberes. Nesta lógica, a metodologia participativa propõem uma abordagem sistêmica como forma de compreensão da realidade objetiva, que tem por fim superar as fronteiras disciplinares (COTRIM, 2018).

A elaboração deste estudo se deu através da leitura e análise das estruturas que envolvem a composição de um Dia de Campo que é caracterizado por ser uma ferramenta difusionista. E, a sua posterior comparação com o Encontro de Agricultores que é caracterizado por ser uma ferramenta participativa.

Metodologicamente o Encontro se estabeleceu de duas formas. A organização prévia ao encontro através de reuniões, divisão de tarefas entre os integrantes do Gt Transição e a preparação das atividades realizadas no dia do encontro. O terceiro Encontro ocorreu no final do primeiro semestre de 2017 e o quarto Encontro ocorreu em outubro de 2018. Ambos os encontros contaram com o apoio do CNPq, e com a presença de alunos de graduação, pós-graduação, agricultores, técnicos, professores e pesquisadores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Método Difusionista é caracterizado por ser uma noção moderna de ciência, na transferência de conhecimento, apresentando características diretivas, como a ferramenta dia de campo. Partindo do pressuposto da difusão de novas tecnologias a fim de substituição do sistema moderno pelo antigo. Apresentando uma ideia de superioridade entre o conhecimento científico em relação ao conhecimento empírico. Neste sentido, este método não leva em consideração a construção do conhecimento coletivo (COTRIM, 2017).

O dia de campo constitui-se enquanto uma ferramenta do método difusionista, baseado no etnocentrismo onde um ator detém o conhecimento e o outro não. Inicialmente os agricultores participantes são divididos em grupos, cada grupo terá um guia. O local onde será realizado o dia de campo é dividido em estações, cada estação tem um instrutor que discorre sobre determinado assunto. O grupo permanece na estação por um certo período de tempo, muitas vezes não havendo espaço para questionamentos após a explanação do preceptor.

De tempos em tempos GT transição promove Encontros de Agricultores, os quais têm por objetivo atender as demandas dos produtores rurais associados à Rede Bem da Terra. Inicialmente o Gt sistematiza as demandas que surgem a partir das visitas realizadas semanalmente, sejam estas de ordem técnica ou relacional.

As duas atividades mencionados neste estudo ocorreram na Estação Experimental Cascata, EMBRAPA Clima Temperado, Pelotas - Rs. Em ambos os casos a metodologia utilizada foi a participativa. A finalidade principal do Encontro foi estabelecer uma interface de diálogo durante os debates através de perguntas mediadoras garantindo, deste modo, a não hegemonia do conhecimento científico em relação ao conhecimento empírico.

As atividades do terceiro encontro compreenderam: discussões sobre o processo de acreditação da origem agroecológica da produção; visita técnica aos canteiros de compostagem laminar; e oficina sobre o biofertilizante Super Magro. No quarto encontro, o dia foi organizado em quatro blocos. As sessões abrangeram temas como: fertilidade do solo; troca de sementes; produção de insumos agroecológicos; utilização de fitoterápicos no manejo de ordenha; e nutrição animal.

A metodologia participativa tem por princípio a troca de saberes. Nesta perspectiva, o terceiro Encontro contou com uma oficina realizada por um dos agricultores que compõem o Grupo Germinar. Conseqüentemente, a atividade promoveu a troca de saberes entre os próprios agricultores, na qual durante o processo notou-se a autonomia e autogestão dos mesmos. Bem como foi possível identificar que o conhecimento empírico não é inferior ao conhecimento científico, apenas por não se formar dentro dos moldes da academia.



As discussões sobre o processo de acreditação da produção agroecológica do terceiro encontro, do mesmo modo em que a estrutura das estações experimentais do quarto encontro, estabeleceram-se de forma dialógica através de perguntas mediadoras, criando uma interface acolhedora entre os atores. Deste modo, o campo de interação em questão, teve por preceito levar em consideração as vivências e experiências dos próprios agricultores, estabelecendo um processo de comunicação horizontal entre os envolvidos.

4. CONCLUSÕES

Entendemos que o método difusionista apresenta grandes diferenças conceituais e metodológicas relação ao método participativo. Além das diferenças teóricas, as ferramentas Dia de Campo e Encontro de agricultores estabelecem entre si grandes distinções práticas. Enquanto uma combina um arranjo metodológico rígido, sem espaço para trocas, o outro se baseia justamente na horizontalidade da comunicação, troca de saberes, autonomia e autogestão dos envolvidos. Enquanto Gt Transição, constatamos também que ao escolher a metodologia participativa fortalecemos o vínculo entre futuros extensionistas e agricultores oportunizando a continuidade do nosso trabalho.

5. REFERÊNCIAS

COTRIM, D. S.; FERNANDES, L. A.; SILVA, F. D. S. **A transição agroecológica em grupos rurais de economia solidária através da extensão rural universitária.** Expressa Extensão ; Pelotas, v. 23, n. 1; p. 29-49, 2018.

COTRIM, D. S. **Método participativo:** uma análise a partir de uma perspectiva agroecológica. Revista Brasileira de Agroecologia ; 255-267, 2017.

TIRIBA, L. **Economia popular e cultura do trabalho** : pedagogia(s) da produção associada. Ijuí: Unijuí. 2001.

6. APOIO

CNPq - Projeto 402556/2017- 8 e Projeto 442775/2016 - 4.



TELEJORNALISMO NA ESCOLA: A EDUCOMUNICAÇÃO NA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

GISLAINE DE AGUIAR RODRIGUES¹; SILVIA MEIRELLES LEITE²

¹Universidade Federal de Pelotas – gislaine.rodrigues@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – silviameirelles@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca promover o uso de tecnologias digitais como ferramentas voltadas à elaboração de conteúdos audiovisuais, criando um espaço de democratização da comunicação no Instituto de Educação Juvenal Miller, uma escola da rede pública estadual, localizada em Rio Grande/RS. A turma escolhida para o desenvolvimento da atividade foi a 102, com 24 adolescentes entre 15 e 16 anos, mesclando alunos que, em sua formação escolar, passaram por escolas públicas municipais e particulares. A escola, situada na área central do município, caracteriza-se por sua diversidade, integrando diferentes classes sociais.

O projeto baseou-se nos princípios técnicos do telejornalismo e no referencial teórico-metodológico da Educomunicação (Soares, 2000 e 2002). Aplicando a área de intervenção social de “Educação para Comunicação”, apresentada por Soares (2000), trabalhou-se com o encadeamento do processo produtivo e de recepção das mensagens na comunicação, assim como no campo pedagógico, fazendo com que jovens apropriassem-se dos meios e linguagens da comunicação, os tornando receptores e produtores de conteúdo. A realização do projeto trabalhou com as vertentes culturalista e dialética. O autor Ismar Soares (2002) explica:

A vertente culturalista busca garantir aos educandos os conhecimentos necessários para que os mesmos adquiram o hábito de ler de forma adequada as mensagens dos meios” e a “vertente dialética parte do estudo das relações entre os receptores e os meios de comunicação, a partir de uma reflexão o que leva em conta o lugar sócio-político-cultural em que se encontram os receptores e os produtores”. (SOARES, 2002, p. 21)

Tendo como premissa os princípios da Educomunicação, também enfocou-se a “Mediação tecnológica na educação”, inserindo as tecnologias digitais no processo educativo e possibilitando a ampliação da aprendizagem. Neste projeto, foi incorporado o uso do celular como ferramenta pedagógica e de produção de conteúdo, descartando o uso de equipamentos utilizados normalmente para o desempenho da atividade proposta. A autora Lígia Almeida (2016) contextualiza:

O educador se questionará: de que forma a tecnologia pode colaborar com a aprendizagem, com a criação, assimilação e gestão do conhecimen-



to na perspectiva da cidadania, do desenvolvimento e da solidariedade? Parte-se da premissa de que a aprendizagem constante, social e universal mantém estreita relação com a ampliação da inteligência coletiva. (ALMEIDA, 2016, p.24)

O acesso à informação através da eficácia dos meios de comunicação tornou-se parte das mais diversas camadas sociais da população. O projeto justifica-se pela importância de causar a reflexão sobre como é realizado o processo de criação do telejornalismo, viabilizando um espaço de fala e oportunizando o desenvolvimento do senso crítico dos indivíduos para torna-los produtores de conteúdo.

2. METODOLOGIA

Os procedimentos adotados para produção audiovisual com os alunos foram aulas teóricas, práticas e atividades de análise crítica. Durante o projeto foi realizada a rotina de redação e a produção de uma reportagem telejornalística, tendo uma introdução teórica antes de cada atividade.

O ponto de partida foi uma reunião de pauta, na qual os alunos definiram o “preconceito” como enfoque de trabalho, enquadrando o “impacto” como critério de noticiabilidade. A plataforma facebook e grupos no whatsapp foram usados como meios de comunicação fora da escola para sanar dúvidas, realizar atendimento e interatividade.

A turma foi dividida em grupos de trabalho para facilitar a logística de produção e todos participarem ativamente. Acompanhei presencialmente cada etapa da reportagem, ensinando e demonstrando a prática. Os produtores determinaram a abordagem do tema, marcaram entrevistas e definiram os locais de gravação. Os cinegrafistas pensaram em possíveis imagens e saíram a campo para captação do material. Os repórteres elaboraram perguntas, realizaram pesquisas para subsidiar seus textos, organizaram a pauta, gravaram passagem e áudio. E por fim, os editores organizaram e lapidaram o material final.

A atividade de análise crítica foi sustentada através da observação de reportagens telejornalísticas com formatos diferentes e um questionário sobre o uso do celular como ferramenta pedagógica e de produção de conteúdo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com duração de quatro semanas, a execução do projeto abrangeu aulas teóricas, práticas e atividades de análise crítica. Com uma linguagem próxima à faixa-etária dos alunos e apresentando as tecnologias, buscou-se inseri-los dentro

do meio telejornalístico com o prisma da educomunicação. A incorporação do celular, uma tecnologia cotidiana utilizada pelos alunos para a produção da reportagem foi algo próximo deles, os fazendo explorar o objeto para além das plataformas de comunicação que eles utilizam, em especial o aplicativo de comunicação whatsapp. Os alunos tiveram a oportunidade de realizar uma reportagem a partir da visão deles, aprendendo a utilizar ferramentas de imagem, gravação e edição. A produção audiovisual como metodologia de ensino, foi um método não tão usual fazendo com que utilizassem, de forma criativa, o aparelho manuseado por eles diariamente e, também, exercitando o pensamento crítico, texto e oratória.

Durante o desenvolvimento da atividade os alunos demonstraram-se curiosos e eficientes, participando integralmente de todas as atividades. Notou-se a facilidade de aprendizagem e dedicação com o trabalho. Uma das únicas dificuldades foi a pós-produção no uso de apps de edição de vídeo no celular, os estudantes acabaram migrando para o computador para finalizar a produção. Algo que chamou a atenção foi o domínio das técnicas por parte de alguns alunos, que buscavam conhecer mais sobre o que estava sendo trabalhado e aprimorar a produção, como foi o caso da aluna KAR (15 anos), que, além de desempenhar sua função dentro da atividade auxiliava os outros colegas.

Além desta, o uso da rede social facebook e a plataforma whatsapp foi um contexto de suma importância para a comunicação complementar durante o desempenho do projeto, além de ser um local de postagem dos materiais coletados, os alunos conversavam acerca da produção e sanavam dúvidas para melhorar sua função.

O projeto foi uma oportunidade de os alunos aproximarem-se das técnicas do jornalismo, conhecendo toda a fase de produção do produto final que eles assistem diariamente na televisão, bem como, possibilitar um espaço de fala através de um canal de diálogo entre os alunos e o ambiente escolar, proporcionando um espaço de democratização da comunicação. Algumas cenas do projeto podem ser observadas na Figura 1.



Figura 1 – Vídeos produzidos pelos alunos durante o projeto.
Fonte: Printscreen da pasta de produção dos alunos.

4. CONCLUSÕES

A Educação e a Comunicação, apesar de serem observadas em primeiro plano como espaços de atuação independentes, cumprindo funções pré-determinadas e tendo discursos diferentes, estão muito associadas. Os dois polos são considerados um campo integrador, de interdiscursividade (Lauritti, 1999). Dentro dessa perspectiva, objetivou-se promover o uso de tecnologias digitais como ferramentas voltadas à elaboração de conteúdos audiovisuais com alunos do Instituto de Educação Juvenal Miller. Junto a isso, buscou-se estratégias que buscassem inserir os alunos dentro do meio telejornalístico com o prisma da educomunicação, viabilizando um espaço de fala e oportunizando o desenvolvimento do senso crítico dos indivíduos para torná-los produtores de conteúdo.

A escolha de uma escola pública, que enfrenta notórias dificuldades com uma grande parte dos seus alunos, em relação ao acesso à informação e às tecnologias digitais, possibilitou uma experiência calcada na leitura das mensagens dos meios de comunicação no local onde se encontram os receptores e produtores de conteúdo. Assim, o trabalho foi uma oportunidade de crescimento mútuo, despertando o interesse dos alunos pela comunicação e produção, ao tempo em que colaborou com o meu desenvolvimento pessoal e futura profissional da área.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. **PROJETOS DE INTERVENÇÃO EM EDUCOMUNICAÇÃO**. Campina Grande/PB, v 1.6 - 24 ago 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3368496/mod_resource/content/1/As%20areas%20de%20intervencao%20da%20educomunicacao%20V%206.pdf. Acesso em: 28/08/2018.

SOARES, Ismar Oliveira. **EDUCOMUNICAÇÃO: UM CAMPO DE MEDIAÇÕES**. Comunicação & Educação, São Paulo: 12 a 24, set./dez. 2000. Disponível em: <http://www.journals.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>. Acesso em: 20/08/2018

SOARES, Ismar Oliveira. **GESTÃO COMUNICATIVA E EDUCAÇÃO: CAMINHOS DA EDUCOMUNICAÇÃO**. Comunicação & Educação, São Paulo: 16 a 25, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012/39734>. Acesso em: 22/08/2018

LAURITTI, Nádía C. **COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: TERRITÓRIO DE INTERDISCURSIVIDADE**. NCE/USP, 1999. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/142.pdf>. Acesso em: 22/08/2018



TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA DE ALUNOS INICIANTES EM LÍNGUA ALEMÃ DO CURSO DE LÍNGUAS

JEFFERSON FONSECA DE SOUZA¹; BERNARDO K. LIMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas – jefferson.souza@outlook.de

²Universidade Federal de Pelotas – limberger.bernardo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Segundo KRASHEN (1987), em uma de suas hipóteses para aquisição linguística, um adulto tem duas maneiras distintas e independentes de como desenvolver a sua competência linguística. A primeira maneira é a aquisição (*acquisition*), muito próxima da forma como as crianças adquirem sua primeira língua através de um processo subconsciente. Normalmente essas pessoas não têm ideia de que estão aprendendo a língua, mas estão usando-a para fins comunicativos. Não se sabe, por exemplo, de forma consciente, que alguma regra da língua foi violada, mas o falante “sente” que algo é ou “soa” errado – mesmo que de forma inconsciente. A segunda forma é a aprendizagem (*learning*), que é ligada a uma forma consciente de processo, com uso de conhecimento de regras, conhecendo-as e estando apto a falar sobre elas. É como um conhecimento explícito sobre a língua.

O papel da língua materna ganhou destaque com o trabalho de LADO, que trouxe a L1, outrora ignorada e fortemente suprimida em outros métodos de ensino de língua estrangeira como, por exemplo, o método direto, para fins de análise contrastiva entre línguas. LADO (1957, p.2 apud GASS e SELINKER, 2008, p. 88), no entanto, registrou em seu trabalho que “*individuals tend to transfer the forms and meanings, and the distribution of forms and meanings of their native language and culture to the foreign language and culture*¹(...)”, ou seja, agora havia a consideração da língua nativa com o objetivo, nesse contexto, da necessidade de produção de materiais de ensino relevantes.

Para compreender melhor o papel da L1 e, então, entender melhor a transferência linguística, vale salientar que não fazemos, neste trabalho, um juízo de valor nesse processo em si, como uma transferência positiva – que normalmente é assim considerada porque é um processo que implica num resultado satisfatório – ou transferência negativa – quando a transferência resulta em um erro na língua alvo (GASS; SELINKER, 2008, p. 90).

¹Indivíduos tendem a transferir da língua nativa e cultura as formas e significados e suas respectivas formas de distribuição para a língua e cultura da língua estrangeira” (Tradução livre).

Além da ordem de aquisição/aprendizagem das línguas, outros fatores podem influenciar os efeitos de transferência linguística. Modelos teóricos contemporâneos sobre *linguistic transfer* ou *crosslinguistic influences* acrescentam a tipologia linguística, a recência de aprendizagem, o repertório adquirido anteriormente, o status da L2 e a proximidade entre as línguas (TOASSI 2012; WESTERGAARD, M. et al. 2017).

Na aprendizagem, então, o aprendiz desenvolve uma língua intermediária (Interlanguage) que, segundo GASS & SELINKER (1972, apud SPINASSÉ, 2006, p. 346), é desenvolvida pelo aluno como um sistema com os elementos da língua-alvo já aprendidos e a língua-alvo. Na teoria da Interlíngua o aluno é um sujeito ativo que cria a sua própria interlíngua no processo de aprendizagem. Nessa tese, o erro não é principal e toda a produção feita deve ser considerada, pois toda a produção é correta aos olhos do aluno e são registradas em sua interlíngua (SPINASSÉ, 2006).

Este trabalho tem por objetivo uma análise sobre a ocorrência de transferências linguísticas nas produções escritas de uma turma iniciante na aprendizagem de língua alemã do Curso de Línguas da UFPel. Focalizamos os aspectos lexicais e sintáticos para analisar as influências das línguas previamente aprendidas na língua-alvo. Sob a perspectiva da psicolinguística e com base em teorias da aquisição linguística, a seguinte análise serve como contribuição para os estudos que compõem a Hipótese da Interlíngua (GASS & SELINKER, 1972). A ideia então é analisar nas interlínguas dos aprendizes características linguísticas das transferências e de onde elas se originam – se da(s) língua(s) materna(s) adquiridas e/ou também das línguas que foram aprendidas posteriormente.

2. METODOLOGIA

Em primeiro momento, aplicamos um questionário, baseado em Scholl e Finger (2013). Ele é composto por questões gerais de identificação sobre o background linguístico dos alunos (níveis de proficiência, língua(s) nativa(s), entre outros dados). Segundo SCHOLL; FINGER; FONTES (2017), é através do questionário de histórico de linguagens que se pode conhecer e entender como os falantes adquiriram e usam as suas línguas e qual a proficiência desenvolvida nelas. Com as informações obtidas no questionário, será possível, assim, saber de qual/quais língua/s pode se ter tirado alguma informação específica que ocorre no processo de transferência.

Como instrumento de análise dos processos de transferência, foram usados os textos produzidos pelos alunos. O livro didático do curso contém 12 capítulos divididos em quatro blocos de três capítulos e a proposta era que os alunos, no fim de cada bloco, produzissem um texto com os temas abordados nos tópicos estudados. No fim do semestre, houve a produção de três textos por cada aluno.

A análise das produções dos alunos será quantitativa, no sentido de contabilizar as ocorrências de transferências nos textos dos alunos e qualitativa, de modo a verificar as características linguísticas e a origem das transferências.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho ainda está em execução, pois os dados foram coletados no fim do primeiro semestre de 2018. Resultados preliminares indicam a ocorrência de transferências providas especialmente das línguas maternas, português e pomerano.

Como exemplos de transfers nos resultados preliminares pôde-se encontrar transferências diretas do português para o alemão como a não-presença do verbo na segunda posição², a presença também do advérbio de negação vindo antes do verbo em *ich nicht arbeite* e não como na língua alemã – que normalmente vem depois do verbo e.g. *ich arbeite nicht*.

Ocorreu também transferências do pomerano para a língua alemã: alguns alunos escreveram palavras como *Dutschland* e *kine* – que em alemão padrão possuem a ditongação em *Deutschland* e *keine*.

4. CONCLUSÕES

Com o seguinte trabalho, será possível conhecer como algumas formas de transferência são feitas, entre quais línguas elas podem ter ocorrido e como fatores do histórico linguístico podem influenciar a transferência. O trabalho também surgiu de uma necessidade de entender como ocorrem os transfers e como um professor pode lidar com o fenômeno, não de forma repressiva, mas pelo contrário, fazendo uso também das línguas já conhecidas pelo aprendiz para que este possa também ter “outras opções” para transferência de forma consciente. Dessa forma, partindo dos pressupostos da didática integrada no ensino de línguas (HUFEISEN; NEUNER, 2003), é necessário considerar os conhecimentos linguísticos das línguas anteriores e conhecimentos prévios da língua-alvo, as concepções dos alunos sobre as necessidades de uso da língua; as experiências e as estratégias de aprendizagem e os objetivos a serem atingidos com as línguas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GASS, S. M; SELINKER, L. **Second Language Acquisition: an introductory course**. Milton: Taylor & Francis e-Library, 3ed. 2008.

HUFEISEN, B.; NEUNER, G. **Mehrsprachigkeitskonzept** – Tertiärsprachen – Deutsch nach Englisch. Strasburg, Europarat, 2003.

SCHOLL, A. P.; FINGER, I. **Elaboração de um questionário de histórico de linguagem para pesquisas com bilíngues**. Nonada Letras em Revista, v. 2, n. 21, p. 1–17, 2013.

SCHOLL, A. P.; FINGER, I.; FONTES, A. B. A. da L. Fatores de experiência linguística associados à proficiência autoavaliada por usuários de inglês como língua adicional. **Revista Letrônica**, v. 10, n. 2, p. 689-699, 2017.

SPINASSÉ, K. P. As interferências da Língua Materna e o aprendizado do Alemão como Língua Estrangeira por crianças bilíngues. **Pandaemonium germanicum**, São Paulo, n. 10, p. 339-362, 2006.

Stephen Krashen's Theory of Second Language Acquisition (Assimilação Natural – o Construtivismo no Ensino de Línguas?). English Made in Brazil, 12 mar. 2017. Acessado em 5 set. 2018. Online. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-krash.html>

TOASSI, P. F. P. Crosslinguistics Influences in the acquisition of English as third language: an investigation. 2012. Dissertação de mestrado em Letras – Curso de Pós-graduação em Letras/Inglês e Literatura correspondente, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

WESTERGAARD, M. et al. **Crosslinguistic influence in the acquisition of a third language**: The Linguistic Proximity Model. International Journal of Bilingualism, v. 21, n. 6, p. 666–682, 2017.



PESQUISA DO PET GAPE: IDENTIFICANDO O PÚBLICO DO IV SIFEDOC

JÉSSICA CORRÊA PEREIRA¹; MAYARA GOULART BRASIL²; ROSE ADRIANA ANDRADE DE MIRANDA³; HELOÍSA HELENA DUVAL DE AZEVEDO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – jesscorreapereira@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mayaragbrasil@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rosemiranda.educampoufpel@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – profa.heloisa.duval@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste ano, o Programa de Educação Tutorial Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular (PET GAPE) selou parceria com a comissão organizadora do IV Seminário de Educação do Campo da Região Sul do Rio Grande do Sul (SIFEDOC). Tendo como objetivo a promoção deste evento na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), durante os dias 24 e 25 de agosto. Assim, compondo os Fóruns Regionais que estão sendo realizados nas quatro regiões do estado do Rio Grande do Sul, em alusão aos 20 anos de existência da Educação do Campo.

O PET GAPE é um grupo interdisciplinar formado por 12 bolsistas da graduação e uma tutora da UFPel, dentre os cursos estão Jornalismo, Pedagogia, Psicologia, Cinema de Animação, Cinema e Audiovisual, Design Gráfico e Artes Visuais. Durante a elaboração do seu planejamento anual, a Educação Popular se configura como a base para as atividades de ensino, pesquisa e extensão que são realizadas pelos integrantes do grupo. A partir dessa tríade que guia a universidade brasileira, os bolsistas são incentivados a participarem de atividades extracurriculares, que proporcionam elementos de qualificação permanente e de orientação as suas práticas. Dessa forma, os bolsistas recebem “qualificação como pessoa humana e como membro da sociedade” (BRASIL, 2002, p. 3), por meio de experiências que vão além das estruturas curriculares convencionais.

Em vista disso, o PET GAPE teve o interesse em realizar uma pesquisa social, quantitativa e qualitativa sobre os participantes do IV SIFEDOC. De acordo com GIL (2008, p. 26), a pesquisa social pode ser definida “como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social”. Assim, este trabalho tem objetivo de apresentar o relacionamento do público com o evento, além de registrar e divulgar o seu alcance, buscando também que sirva de apoio para as suas próximas edições.

Para tanto, será explicado como os integrantes do PET GAPE forneceram apoio para a comissão organizadora do evento, enfatizando os procedimentos realizados para atender a demanda do modo de inscrição ao público. Sendo esta tarefa efetuada pela criadora e responsável pelo site do IV SIFEDOC, bem como bolsista e

graduanda de Jornalismo (Bacharelado), Jéssica Corrêa Pereira. Assim, direcionando o trabalho para o surgimento da proposta e os resultados alcançados com a pesquisa da bolsista.

2. METODOLOGIA

Diante das demandas que surgiram para o PET GAPE pela comissão organizadora, garantir o fácil acesso ao modo de inscrição para o público se tornou uma prioridade fundamental para a promoção do IV SIFEDOC. Em vista de ser um evento regional, que pretendeu atrair um amplo e diversificado número de inscritos. Por conta disso, a criação de um formulário online se configurou como um instrumento eficaz para o registro dos inscritos e a realização de perguntas-chaves aos interessados em participar do evento. Como apontado por GIL (2008, p. 121), “construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas”. Sendo assim, a bolsista optou pela utilização do site gratuito Formulários Google, que permite ao próprio entrevistado responder as perguntas solicitadas de forma prática e online. O link para acesso ao instrumento de pesquisa esteve disponibilizado durante todo o prazo de inscrição no site do evento, anexado na página do menu “Inscrição”.

Dessa forma, na primeira sessão do formulário eram apresentadas as seguintes solicitações “Nome Completo”, “CPF”, “Inscrição para” (Respostas: Ouvinte com submissão de trabalho ou somente ouvinte), “Submissão de trabalho do tipo” (Respostas: Relato de experiência, trabalho completo ou pôster), “Precisa de intérprete de LIBRAS” (Respostas: Sim ou não) e “E-mail para contato”. Ao preencher essas áreas, o interessado na inscrição era direcionado para a segunda seção com as seguintes perguntas “Você é militante de movimentos sociais e povos do campo?” (Respostas: Sim ou não. Qual o nome?), “Você é estudante de graduação?” (Respostas: Sim ou não. Nome da instituição?), “Você é professor da Educação Básica?” (Respostas: Sim ou não. Nome da instituição?), “Você é estudante de pós-graduação?” (Respostas: Sim ou não. Nome da instituição?), “Você é Técnico Administrativo?” (Respostas: Sim ou não. Nome da instituição?) e “Você é docente de Instituição de Ensino Superior e Tecnológico?” (Respostas: Sim ou não. Nome da instituição?).

Frente aos resultados alcançados ao final do prazo de inscrição, surgiu o interesse em analisar os dados coletados e realizar este trabalho referente ao público do IV SIFEDOC. Porém, também se constatou a necessidade de coletar mais informações que seriam relevantes à proposta, englobando a pesquisa qualitativa com espaço para opiniões e comentários acerca do evento, bem como a pesquisa descritiva. Assim, um segundo formulário foi elaborado pela bolsista e encaminhado aos e-mails inscritos, contendo a confirmação da inscrição e informando sobre a segunda fase da pesquisa.

Conforme GIL (2008) aponta:

Dentre as pesquisas descritivas salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, estado de saúde física e mental etc. [...] São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população (GIL, 2008, p. 28).

À vista disso, na segunda fase da pesquisa foram solicitadas as seguintes informações “CPF”, “Idade”, “Em qual cidade/estado você reside?”, “Gênero” (Respostas: masculino, feminino, outros...) e “É educador do Campo?” (Respostas: Sim ou não. Se sim, onde atua?). Além das questões opinativas, como “Nesse ano, as inscrições para o IV SIFEDOC foram gratuitas. Você considera essa atitude importante? Por que?” e “Gostaria de deixar mais algum comentário sobre o evento?”.

A partir da aplicação dos dois instrumentos de pesquisa ao público, as respostas coletadas foram analisadas tanto pelo site Formulários Google (que fornece gráficos prontos com os dados) quanto inseridas numa planilha do Microsoft Excel. Neste último caso, as informações foram reunidas a partir dos CPFs fornecidos em ambos formulários.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Preenchida as 300 vagas do IV SIFEDOC, a comissão organizadora teve que pedir aos inscritos para que avisassem se caso algum inconveniente inviabilizasse a participação no evento. Considerando que, mais interessados pelo evento surgiam e por meio dessa iniciativa, cerca de 20 vagas foram reabertas e os formulários foram atualizados, sendo encerrados com um total de 281 inscritos.

De acordo com os gráficos da Figura 1, o primeiro formulário aplicado contabilizou 98 estudantes de graduação, 60 estudantes de pós-graduação e 158 professores da Educação Básica. Sendo também conferidos 8 técnicos administrativos e 11 docentes de Instituição de Ensino Superior e Tecnológico, 6 inscritos não especificaram seus dados.

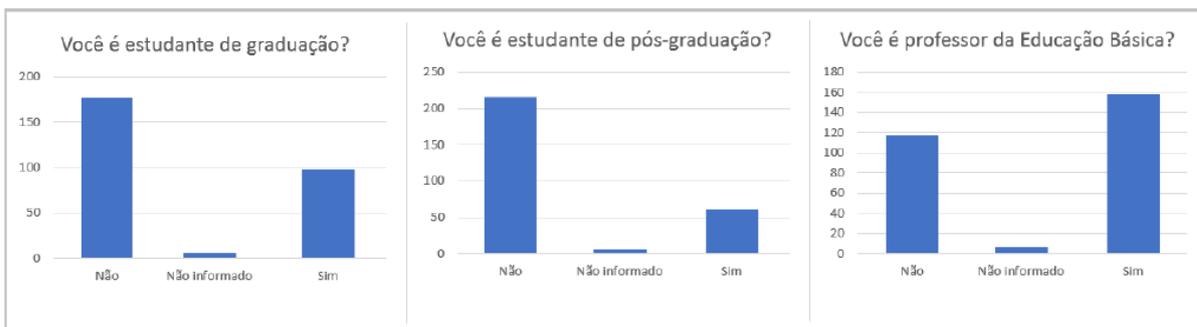


Figura 1



Nos campos para nomes de instituições, surgiram escolas municipais, estaduais e particulares. Também os institutos de educação, como Instituto Federal Sul-rio-grandense, Instituto Federal Farroupilha, Instituto Souza Ltda., Instituto Pedagógico de Minas Gerais (IPEMIG), Instituto Educacional do Rio Grande do Sul (IERGS), Instituto Estadual de Educação São João Batista e Instituto Federal do Paraná. Assim como, universidades federais e particulares, sendo citadas a UFPel, Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Paulista (UNIP), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Anhanguera, Faculdade de Educação São Luís, Faculdade Educacional da Lapa (FAEL) e os Centros Universitários Internacional (UNINTER), Facvest (Unifacvest) e Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI). Além de órgãos públicos, como a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul e a Prefeitura Municipal de Canguçu.

Em relação aos municípios representados no evento, se destacaram Canguçu com o maior número de submissão de relatos de experiência e Pelotas com o maior número de submissão de trabalhos completos, sendo que ambos empatam no número de submissão de pôsteres. Também podendo ser mencionado um número relevante de participantes de Rio Grande, São Lourenço do Sul e Piratini, sendo todas as cidades do estado do Rio Grande do Sul.

Com os dados, ainda se constatou que 15,3% dos inscritos são militantes de movimentos sociais e povos do campo. Tendo sido nomeados o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Frente Nacional em Defesa dos Territórios Quilombolas (FNDTQ), o Quilombo Macanudos, o movimento dos Agentes de Pastoral Negros do Brasil (APNs) e a Associação das Artesãs Pomeranas. Bem como, o Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS), o Sindicato dos Municipários de Pelotas (SIMP) e a Associação dos Professores Municipais de Porto Alegre (ATEMPA). Além do Levante Popular da Juventude, do Núcleo de Estudos Latinos Americanos da UCPel e do Coletivo de Estudantes Cotistas da Universidade do Estado da Bahia (CECUN/UNEB).

Infelizmente, o IV SIFEDOC não teve alcance na comunidade Surda, já que não houve solicitação para intérprete de LIBRAS. Além disso, mesmo enviando o 2º formulário para cada e-mail inscrito, ele não atingiu todo público esperado. Até o final do evento, apenas 25,26% do total de inscritos responderam as questões. Nessa porcentagem, 61 inscritos são do gênero feminino e dentre esses 19 realizaram alguma submissão de trabalho. Enquanto, apenas 10 inscritos são do gênero masculino e dentre esses 5 realizaram alguma submissão de trabalho.



Em relação as inscrições gratuitas do IV SIFEDOC, o público salientou como a atitude se tornou relevante, em vista da atual situação econômica do Brasil e dos salários atrasados dos professores estaduais do Rio Grande do Sul. Como mencionado nas respostas, a gratuidade oferece à “oportunidade aos menos favorecidos financeiramente a participarem do evento” e facilita em “momentos de tão baixos salários”. Em razão disso, o gesto também se caracterizou como “uma forma de demonstrar resistência” e de valorização do trabalho do educador do campo. Ainda, abrindo espaço para os “estudantes [que] não participam dos eventos por falta de verbas” e, levando em consideração os demais gastos, como o deslocamento e a alimentação.

Dentre os comentários sobre o IV SIFEDOC, surgiu a proposta para que a comissão organizadora tivesse solicitado à Secretaria de Educação de Pelotas a liberação dos educadores das escolas do campo, tendo como intuito que participassem do evento. Por fim, também sendo destacado que o “fomento de políticas inclusivas, transparentes e gratuitas em atividades de Educação do Campo é uma proposta do movimento social”, como apontado em outra resposta.

4. CONCLUSÕES

A partir da aplicação dos formulários, tornou-se possível coletar dados concretos do público que teve interesse em participar do IV SIFEDOC. Assim, por meio da organização desse material e da possibilidade de apresentação para a comissão organizadora do evento, a pesquisa também pode se configurar de forma aplicada, por ter como “característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos” (GIL, 2008, p. 27). Sobretudo, pelo trabalho ter a pretensão de servir como base para as próximas edições do seminário, visando colaborar com o direcionamento dos esforços de divulgação e a elaboração de atividades para este público em potencial.

Concluindo, inspirada pela disciplina de Pesquisa e Opinião Pública, ministrada pelo professor doutor Fábio Souza da Cruz vinculado à UFPEL, a atividade da bolsista e graduanda de Jornalismo permitiu colocar em prática a aprendizagem teórica adquirida ao longo do curso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Superior - SESu. **Manual de orientações básicas PET**. Brasília: MEC/SESu/DEPEM/PET, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PETmanual.pdf>> Acesso em: ago. 2018.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.



RETRATOS EM (DES)FIGURAÇÕES NO CAMPO PICTÓRICO: VISUALIDADE E AS IDENTIFICAÇÕES EM MEIO ÀS ESPACIALIDADES ESQUECIDAS DO COTIDIANO

JULIA RAMLA CUNHA BUENO¹; ANDRÉ BARBACHAN SILVA²;

¹Universidade Federal de Pelotas – amorajuart@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – tecobarbachan@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As séries de trabalhos produzidas na graduação escolhidas neste artigo insere o processo criativo de retratos, sendo eles a representação repetitiva que na sua descharacterização possibilita constituir uma narrativa visual e desmascarar discussões metodológicas sobre os gestos em impressões serigráficas que atravessam a pintura, responsável por descompor as perspectivas de realismo e expressões de gênero, de ser e estar presente, fatores que relacionam esta série para o campo da memória por meio dos materiais, conduzidas pela colagem e por excesso de faturas, a série que em seu desdobramento determinam procedimentos pictóricos que transpõem sensações de vazio. As desconstruções e o espaço urbano, sendo os mecanismos para percorrer os trajetos que compõem as obras, as exposições e o lambe ao apropriar desta visualidade, fazem destes espaços alegorias que fomentam minhas abordagens dentro da poética pessoal, operando com o tempo e a construção de uma escrita, que ressaltam as espacialidades esquecidas do cotidiano, como também as que nascem das experiências, abastecidas da memória que no campo da arte contemporânea estão altamente conectadas por meio da multiplicidade de suas obras (CANTON, 2009, p.57).

Entre os gestos e as intervenções realizadas em páginas antigas, apoderando de espaços urbanos diante de encontros e vivências que permitem afirmar meus projetos pessoais em período introdutório de minha Tese de Conclusão de Curso, ressalto neste texto experiências com coletivos, trabalhos realizados em ateliês e na biblioteca de uma ocupação composta por mulheres e pessoas trans, tornando se ações de resistência que propõem afirmar-se enquanto identidades, as ações do tempo tanto nas abordagens de ressignificação pessoal como nas obras realizadas por meio do Lambe entre os muros e as sarjetas. Portanto ocupar terrenos, ambientes e ausências caminham junto a impregnações das tintas, que preenchem a superfície de uma tela ou o vazio de uma página. Se as instituições, as ruas e a cidade são os dispositivos para mediar estas relações, entre a visibilidade dos trabalhos artísticos e as identidades. O que fazer com as espacialidades esquecidas do cotidiano, seja pela pintura, ou pela representatividade. E o que fazer quando esses encontros tornam-se possíveis?

As séries inseridas aqui por entre palavras concebem a diversidade de pinturas e impressões na intenção pessoal de desfigurar um rosto em sua realidade expressiva e das perspectivas de gênero diante de suas construções. Neste trajeto construído por retratos e palavras que caminham em paralelo às leituras a cerca dos estudos sociais, filosofia da arte e da antropologia. Onde abordo questões relacionadas às práticas performativas na qual Judith Butler descreve sendo sistemas de abordagens pessoais mediadas pelo mundo, como um conjunto de possibilidades históricas e reinventadas. (BUTLER, 2011, p.69-89). Que corpo é esse que resiste diante de construções que demarcam áreas? Estes processos onde apenas a artista mulher trans pode vivenciar, ao produzir um trabalho marcado pelo anonimato e que permitiu intervir com as visualidades urbanas casuais, comunicando com as condições de sair às ruas e por entre suas multiplicidades e efemeridades, inserir um discurso pessoal. Um determinado estranhamento que possibilitou observar nestes espaços uma saturação das reproduções de imagens sem usos, rastros e outras obras, o corpo de onde habitam descobrimentos de realidades que se formam no contato com o outro. Diante deste maquinário abastecido pela cidade em uma constante mutação, onde tudo exclama a sua existência, reencontro com o local de fala onde a palavra torna-se identificação e diversas identidades diante dos espaços sem usos, portanto objetiva-se minimamente ressignificar estes ambientes produzindo uma diferença.

2. METODOLOGIA

As obras representadas por retratos a partir deste ano de 2018 foram constituídas em quatro séries, na primeira parte intitulada “Des” é configurada através da pintura que em representação gráfica opera na criação de perfis sem rostos, por meio de retratos diante do nosso mundo tomado por reproduções. As colagens intensificam os tons ao criar novas faces dentro da mesma tela, algo que sobressai o corpo imaginado, a desfiguração deste sujeito-rosto, onde uma folha de revista antiga dos anos 40 reproduzia o racismo com os povos nativos do Brasil, permite encontrar nestas páginas um suporte que revelou as cores da pintura produzidas em giz pastel oleoso, assim como impulsionou minha pesquisa dentro da temática das identidades e suas relações de poder. (Figura 1). Para sobrepor o determinado vazio e peso dos empastes que identifico nesta série, que contém outros três retratos, acrescento ao desdobramento das produções alguns punhados de plantas que curam por meio do desenho de observação, todas foram coletadas nos jardins suspensos e internos da casa nomeados por Herbária, presentes na OCA, Ocupação Coletiva de Arteiros no Porto de Pelotas. Em acetato transparente crio as cópias para serem impressas por meio da serigrafia, utilizo um formato de 90 x 60cm, formando uma tela grande con-

tendo as sete ervas. (Figura 2). Um trajeto que sai do ateliê de um espaço autogestionado, passando pela cidade, sobrepondo estes ambientes do cotidiano, que para esta segunda parte do trabalho, pensava nas ruas através do Lambe, porém ocupou inicialmente duas galerias, a Livraria UFPel na 2ª Exposição de Arte e Natureza e na 1ª Mostra LGBTTQIA+ de Pelotas. (Figura 3).



(Figura 1: Colagem e Pintura.)



(Figura 2: Impressões serigráficas)



(Figura 3: Por Thamires Seus, Secult, 2018.)



(Figura 4)

As ações do Lambe (Figura 4), foram construídas em duas partes, pensando na natureza enraizada, nas espacialidades urbanas construídas, esquecidas, onde observo uma nova vitrine para as velhas paisagens, como uma possibilidade de apropriar de um fragmento visual dos meios urbanos. A escolha do muro na região do Porto de Pelotas, de forma anônima, um local que já possuía o rastro de um trabalho meu por meio da representação da sombra de uma árvore localizada na calçada, como forma de demarcar um possível território, mesmo consciente das transformações que ocorrem rapidamente em uma cidade. Já a outra ação do lambe-lambe ocorreu nos espaços abandonados do Anglo – UFPel, em meio as ruínas de um imóvel que impossibilita o seu acesso. A intervenção participa da Mostra De Arte “Vértice Comum”, realizada por estudantes de Artes Visuais. (Figura 5).

Neste desdobramento das séries traz a terceira sessão intitulada: “Expurgo”, permite visualmente identificar por entre as faturas rígidas, materiais que saltem uma pintura através da colagem e utilização de ceras de velas e giz dissolvidos pelo efeito do fogo, tornam uma produção em movimento do derretimento à secagem, pois o efeito da parafina, ao escorrer, como uma gota que enrijece e imobiliza o gesto, cria um espontâneo aspecto líquido, que se decompõe com tinta óleo, sua transformação rápida de sólida para líquida, possibilita manusear e manipular as camadas pastosas. Sugerem diferentes formas de ausências, a perda de cor durante o derretimento, novas formas que revelam os espaços em branco, proporcionando uma incompletude da figura que escorre sem preencher toda a superfície da tela. (Figura 6.)

¹Na reciclagem desta revista de época, sendo um diálogo pessoal entre tempo e espaços distantes, mas que após a sua publicação demarcaria um momento transformador entre o surgimento das conquistas de leis para os povos originários ancestrais brasileiros no decorrer dos últimos 40 anos, mas no governo atual é mediado por uma estratégia de desconstrução destes direitos. (LONGO, 2017).



(Figura 5: Lambe)



(Figura 6: Derretimento)



(Figura 7: Ação Coletiva)

Aumentar o número de tiragens espontâneas para esta última série produzida, como uma forma de memorizar os processos utilizando de diversas técnicas antigamente exploradas por mim dentro do campo pictórico inicial, como o nanquim assoprado, acrílica em fatura aguadas, monotípias, desenhos que intervêm a própria pintura, poesias digitadas em máquina de escrever após a secagem da tinta, técnicas distintas que resultam em 22 obras em papel a4, extremamente coloridas e que são efetuadas em caráter coletivo, em impulsos criativos enquanto artistas e parceiras, Eduardo Pretto e Samuel Pretto do Coletivo Ruidosa Alma que durante o ato observávamos as obras das séries anteriores adicionando afinidades e experimentações em gestos de tintas. (Figura 7.)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Escrita toma sua forma, possibilita criar um mapa que transporta as palavras que já estavam em um canto de minha imaginação, revelações que permitem catalogar dialogando minhas narrativas a outros campos de visões e perspectivas. Experiências essas que passam pelo campo pictórico e que passam pela escrita em toda sua investigação, dando formas a processos internos e externos de produção de textos em constantes desdobramentos, portanto processos naturais de um artista em seu trajeto por meio das coletas de fragmentos de seu cotidiano

Meu trabalho para a vontade de criar uma intervenção urbana traz esta maneira do olhar abastecer de outros sentidos, pensar nas rupturas que um trabalho de arte cria na visão cotidiana de uma rua, sugere o lambe-lambe como forma de provocar esse imediatismo da obra, assim como a pele, o descascar de uma obra por meio das ações do tempo, ventos, chuvas e umidade que poderiam ocasionar.

Na pintura as faturas rudimentares e sem rostos, derretimentos, manchas no intuito de desfigurar os seres de gênero, contrastando com a natureza, enraizada em locais que dialogam com as esquecidas feições, diante da memória me nutriram de referenciais ao observar obras de Gracia Barrios, Brett Amory, Ângela Monsam, Bianca Araújo, Anselm Kiefer, Helen Frankenthaler, Cindy Sherman, , Leila Danzinger. Permitindo revelar através da reflexão pessoal sobre as espacialidades em seu todo,



um processo de reconhecimento que nos projetos do Ateliê Judith Bacci, permite uma construção entre artistas: mulheres trans e estudantes que elaboram parcerias para a sua consolidação, por meio da OCA (Ocupação Coletivx de Arteirxs), sendo um local que proporciona suporte de convivência e estudos na qual desenvolvem oficinas desde 2014, tornando ferramentas essenciais de produção em espaços alternativos dentro da cidade. Portanto, somos feitos de encontros e referências, por meio da Inserção da narrativa pessoal sendo uma maneira essencial de expressão, político e que possibilita se afirmar enquanto força criativa, como sugere (FOCAULT: 2004).

4. CONCLUSÕES

Diante de uma violência institucionalizada que para a artista exteriorizar gestos contidos de resistência, representar os espaços inseridos e de vivências pessoais, operando em transformar o ambiente que compõem as obras e o principal, refletir os mecanismos que a mesma está inserida. Desta maneira, o processo de produção e a imaginação criadora permite deslocar o próprio corpo de seus sofrimentos, sugere a criação de uma poética regenerando a atmosfera, sustentadas pela articulação de diferenças, essas experiências sugerem reflexões e possibilitam construir um local de corpo-e-fala.

Por fim, inserir a própria obra nas ruas obtendo uma experiência com suas visualidades cotidianas, através de uma linguagem que se apropria de ambientes abandonados em paralelo à ocupação de um imóvel sem usos, sugerindo consolidar um espaço propositivo para produção de trabalhos locais que revelam as espacialidades esquecidas que partem de um determinado estranhamento, sendo o reconhecimento de suas possibilidades, sendo o condutor das afirmações pessoais e ressignificações nestes espaços por meio da arte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

BUTLER, Judith. **Actos performativos e constituição de gênero – Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. In: *Gênero, Cultura Visual e Performance*. Org. Ana Gabriela Macedo; Francesca Rayner. Cap.6: p.69-89. : HÚMUS. Ribeirão/PT, 2011.

CANTON, Kátia. **Do moderno ao contemporâneo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2009.



Documentos eletrônicos

FOCAULT, Michel. **Por uma vida não fascista**. Org. Coletivo Sabotagem, 2004. Online. Disponível em: www.sabotagem.revolt.org

LONGO, Ivan. **Dispara taxa de suicídio entre indígenas**. Org. Revista Forum, 2017. Online. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/dispara-taxa-de-suicidio-entre-indigenas/>



ANTECIPAÇÃO NO ENSINO DE ORAÇÕES COMPLEXAS DA LÍNGUA ALEMÃ DIANTE DA NECESSIDADE COMUNICATIVA

LARISSA CAROLINE FERREIRA¹; BERNARDO K. LIMBERGER²

Universidade Federal de Pelotas¹-larissacarolinef.97@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas²-limberger.bernardo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A experiência dentro da sala de aula pode fazer com que muitos métodos de ensino sejam aprimorados através do professor. Neste sentido, é possível fazer com que o ensino de língua estrangeira seja ainda mais eficaz para os estudantes.

Linguistas e muitas outras pessoas passam anos desenvolvendo livros de língua estrangeira, pensam em cada detalhe para que o ensino seja realizado da melhor forma possível. Aspectos culturais e sociais são bem relevantes para esses produtos. Muitos livros de alemão são desenvolvidos para serem vendidos no mundo todo; logo, os exercícios e imagens devem abranger diferentes tipos de pessoas do mundo. Cada editora oferece um método distinto, e o professor tem o poder e o olhar de um profissional para dizer se o material é produtivo e eficaz em sua realidade ou não. Não é somente a universidade que molda o olhar de professor, mas sim, a experiência dentro da sala de aula. Antes de o professor obter as experiências profissionais, ele adquire em sua formação a experiência de aluno também. Esses são alguns dos aspectos determinantes para o ensino.

Diante dessa realidade e da experiência que a Câmara de Extensão da Universidade Federal de Pelotas proporciona para os alunos de Letras por meio do projeto Curso de Línguas, é que originou a ideia de uma pesquisa, a qual deseja unir as abordagens gramaticais no livro de alemão Menschen A2.1 (HABERSACK; PUDE; SPECHT, 2013) e as necessidades comunicativas dos alunos.

Ao analisar o livro, é possível perceber que as orações complexas são propostas no fim desse livro. As primeiras propostas de orações complexas deste nível A2 são aquelas introduzidas pelas palavras: weil, que é a conjunção causal, e dass, que seria a conjunção integrante do português. Conforme Pittner e Berman (2013), essas conjunções são classificadas como subordinierende Konjunktionen, o que significa conjunções subordinadas. As orações introduzidas por weil e dass são complexas, pois a conjunção subordinada é posicionada depois de uma vírgula, o verbo finito vai para a última posição da oração e o sujeito deve estar depois das subordinierende Konjunktionen.

Diante do convívio dentro da sala de aula nos cursos de extensão, foi possível notar que os alunos têm dificuldades de explicar algo ou de manifestar a sua opinião,

pois são as subordinierende Konjunktionen que podem ser usadas nestas ocasiões, com as quais os alunos teriam contato apenas no fim do curso. Muitas vezes, os alunos ficam curiosos para saber quando terão a chance aprender uma estrutura nova, mas metodologicamente devem esperar para que haja uma linearidade do ensino de língua. No entanto, as duas conjunções citadas são palavras muito importantes para esse nível, pois os alunos já estão um pouco habituados com a língua e alguns já criam uma confiança na expressão oral. Além disso, são palavras altamente frequentes da língua alemã. Isso foi constatado no corpus Clearpond (MARIAN et al., 2011): em 1 milhão de ocorrências, a conjunção weil foi encontrada 857 vezes, e a conjunção dass, 4825 vezes.

Por tais motivos, acredita-se ser possível antecipar a abordagem do weil e do dass em relação à metodologia do livro Menschen, porque os alunos sentem a necessidade de começar a usar estruturas complexas. Ao antecipar o ensino dessas conjunções, pode haver mais tempo de treino e habituação, e o ensino poderá se tornar mais eficaz para as próximas orações complexas.

Portanto, o objetivo do trabalho é atender a necessidade que os alunos sentem de falar as orações subordinadas diante das abordagens que o livro didático oferece, e avaliá-los depois do contato com essas novas estruturas ensinadas antecipadamente.

2. METODOLOGIA

A metodologia partirá da análise do livro Menschen A2.1. Essa análise centra no encontro de falhas na progressão metodológica do livro. As falhas encontradas estão presentes em exercícios propostos, nos quais exigem dos alunos o conhecimento das orações subordinadas no momento da resposta. Este fato também ocorre nas interações que o livro oferece. A introdução de determinadas lições solicita a opinião dos alunos e a explicação de uma determinada situação.

Desta maneira, a professora irá aplicar testes dentro da sala de aula a partir da lição 2 do livro. Os questionários são baseados em análises de necessidades (cf. WEST, 1994), que ajudam a desenhar um perfil consciente dos desejos dos alunos no que tange a determinado tópico. Em seguida, a professora fará perguntas com o intuito de fazer com que eles tentem responder expressando a opinião ou tentando explicar algo oralmente. As perguntas formuladas, as quais exigem estruturas complexas na resposta, serão intensificadas por meio de exercícios pela professora durante as aulas.

Depois ela ensinará as orações complexas diante do comportamento dos alunos, ou seja, diante da necessidade dos alunos de formularem orações com conjunções subordinadas.

Por fim, a professora analisará as produções escritas dos alunos, a fim de verificar se eles conseguiram, mesmo com um nível iniciante de conhecimento da língua alemã, produzir orações complexas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados ainda não foram obtidos, pois a professora está atuando na Câmara de Extensão e aplicando os testes.

Espera-se, diante dos testes em sala de aula, que o comportamento dos alunos demonstre o interesse de aprender essas conjunções subordinadas no momento da produção oral, a fim de que eles se expressem melhor. Outro resultado esperado é a capacidade dos alunos de produzirem orações complexas antecipadamente.

4. CONCLUSÕES

O trabalho possibilita desenvolver uma pesquisa que envolva estudos gramaticais e ensino. A partir dos futuros resultados, será possível construir uma metodologia que atenda as necessidades dos alunos de língua alemã (nível A2) da Câmara de Extensão da Universidade Federal de Pelotas. Além disso, este estudo pode contribuir para salientar a necessidade do manejo crítico do livro didático na aula de língua estrangeira. Muitas vezes, como no caso da turma referida, é necessário antecipar ou postergar o ensino de determinados tópicos propostos no livro didático, de acordo com as demandas encontradas na sala de aula.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GANSLMAYER, Chistine. Kurs '**Syntax der deutschen Gegenwartssprache**'. 7p. Begleitmaterialien, Friedrich Alexander Universität Erlangen-Nürnberg, 2018.

HABERSACK, Charlotte; PUDE, Angela; SPECHT, Franz. **Menschen A2.1**. Ismaning;; Hueber Verlag, 2013.

MARIAN, V. et al. CLEARPOND: Cross-Linguistic Easy-Access Resource for Phonological and Orthographic Neighborhood Densities. **PLoS ONE**, v. 7, n. 8, p. 1–11, 2012.

PITTNER, Karin; BERMAN, Judith. **Deutsche Syntax**. Tübingen: Narr Verlag, 2013.



WELKER, Herbert Andreas. **Gramática Alemã**. Brasília: Editora Edunb, 1992.

WEST, Richard. **Needs analysis in language teaching**. Language Teaching, v. 27, n. 1, p. 1-19, 1994.



DA UNIVERSIDADE PARA A COMUNIDADE: OS TRABALHOS DE EXTENSÃO E CULTURA VISTOS DO ÂMBITO METODOLÓGICO E PROJETUAL DO DESIGN NA PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA (PREC)

LARISSA DE CARVALHO RAULINO¹;
JOÃO FERNANDO IGANSI NUNES²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – larissa.m.carvalho@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fernandoigansi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por finalidade expor o que é executado pelos bolsistas dentro da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), além de relacionar com metodologias projetuais que são importantes dentro da área da comunicação.

O trabalho realizado dentro da PREC se baseia em qualificar e produzir editoriais de e-books e da revista Expressa Extensão, cartazes de divulgação de eventos, artes para impressos e para posterior divulgação dos mesmos, boletins, identidade visual de projetos etc., visando o exercício pleno da comunicação com a comunidade em geral, vetor que define a extensão universitária. Esses trabalhos são produzidos, no que tange a produção da autora deste trabalho, tendo em vista melhorar e divulgar à comunidade os eventos que ocorrem tanto dentro quanto fora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Dentro da Coordenação de Arte e Inclusão - PREC minha condição é de bolsista da área de Design Gráfico, com a função e objetivo principal de tornar as informações claras, objetivas e, principalmente, com alta qualidade visual, mesclando o meu estilo e bagagem acadêmica para a realização, conseqüentemente, alcançar os resultados esperados: potencializar a qualidade da informação. O planejamento ajuda a comparar estimativas com realidades e afirma a capacidade de antecipar as necessidades de um projeto antes que elas apareçam. (FRASCARA, 2006)

O processo para executar os projetos é feito a partir da análise dos projetos culturais e o que precisa ser entregue em cada um, no geral buscamos utilizar o processo metodológico de Frascara, que consiste em 10 etapas:

1. Início do projeto: primeira definição geral do problema, definição de prazos de entrega;
2. Coleta de informações: informações básicas sobre a quem se destina o projeto, público alvo e sobre o produto final gerado;
3. Segunda definição do problema: depois de coletadas as informações primordial analisamos e organizamos, além de definir os objetivos a partir desses pontos.

4. Especificações do desempenho do design: definição do meio de comunicação, estudo do alcance da produção, organização dos argumentos para atingir o público-alvo, descrição dos aspectos visuais e estudo preliminar da sua implementação no mercado.

Esses 4 primeiros passos geralmente são analisados em conjunto com a coordenação e os bolsistas para estipular como, o que e para quando será feito, essas etapas projetuais são feitas todas em conjuntos, sem uma distinção exata do que vai ocorrer após cada passo, isto é, não há disjunção entre elas.

Sempre há um salto intuitivo-criativo entre as informações obtidas e sua interpretação visual. (FRASCARA, 2006).

5. Terceira definição do problema: especificações para produção, definindo o problema e o desenvolvimento no âmbito do Design.

6. Desenvolvimento do anteprojeto: considerações sobre sua forma, conteúdo a ser exposto e a sua relevância, canal de veiculação e tecnologia.

7. Apresentação ao cliente/coordenador: explicação do projeto e todo seu desenvolvimento.

8. Organização da produção: preparação da versão final para seus meios finais, digital e impresso.

9. Supervisão de implementação: supervisão da produção, instalação e difusão do material.

10. Avaliação: monitoramento do grau em que os objetivos foram alcançados. Ajustes eventuais baseados na avaliação e posterior implementação do design modificado e sua avaliação final.

Nessas etapas finais é primordial o acompanhamento com a coordenação e o cliente que geralmente é o coordenador de algum projeto da UFPEL, e por fim sempre há uma reunião para ver o andamento do projeto, os resultados finais, as possíveis modificações e testes de impressão (se houver material impresso).

2. METODOLOGIA

Estes trabalhos vêm sendo realizado a partir das demandas da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, os procedimentos feitos na execução do trabalho são: análise geral das informações, filtragem do conteúdo para a divulgação, seleção e edição das imagens, execução e montagem do grid (composição), escolha tipográfica, estabelecimento da hierarquia de informações, escolha das cores, escolha do formato e meio

de divulgação para definição de escala CMYK ou RGB. A base para o desenvolvimento do processo de criação (FRASCARA, 2006) que estabeleceu um processo de passo-a-passo para investigação do problema.

Esse processo de análise serve como caminho para executar todo o projeto, sem que aja imprevistos durante a realização. Frascara admite que há um método processual de passos a serem seguidos dentro de um projeto de design, no entanto pode tanto haver saltos, pular uma etapa, de um processo para o outro como pode-se voltar uma etapa desse processo. Na maior parte do tempo fazemos isso de forma intuitiva sem perceber que estamos seguindo esse método.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os trabalhos executados até agora foram o editorial do e-book “Um museu para todos: Manual para Programas de Acessibilidade” da Desirée Nobre Salasar sobre como tornar os museus atuais mais acessíveis, os boletins sobre os projetos para a comunidade da PREC, a arte das camisetas da Orquestra da UFPEL, divulgação do evento “Construção e instrução do processo de tombamento do conjunto histórico de Pelotas (IPHAN)” por Andrey Schlee.

O desenvolvimento desses trabalhos está praticamente concluído, faltam apenas à qualificação e correção de textos e aprovação final, apenas a divulgação do evento “Construção e instrução do processo de tombamento do conjunto histórico de Pelotas (IPHAN)” está concluída. Como resultado desses trabalhos tenho a intenção de amplamente divulgá-los à comunidade para que as pessoas tenham conhecimento dos trabalhos feito dentro da Pró-Reitoria. Tendo em vista a minha área de atuação e de trabalho dentro da PREC, Design e Comunicação, a metodologia e processo são dois aspectos importantes nesse estudo além de fazer parte da estrutura de qualquer projeto em execução.



E-book “Um museu para todos: Manual para Programas de Acessibilidade” da Desirée Nobre Salasar



Arte das camisetas da Orquestra da UFPEL



Boletins "Extensão & Cultura" sobre os projetos da Universidade para a comunidade



Banner de divulgação da palestra no Facebook

4. CONCLUSÕES

As inovações obtidas com os trabalhos realizados dentro da PREC foram principalmente a evolução do repertório pessoal na execução dos trabalhos e adquirir experiência dentro da vida acadêmica e profissional. Além disso, poder contribuir para com a comunidade de Pelotas e região traz crescimento pessoal. - qualificação no uso de softwares e ferramentas digitais;

- interdisciplinariedade e adequação / qualificação da informação no atendimento a dimensão da extensão universitária: trabalhar na interação com a comunidade;
- perspectivas futuras: continuidade e aprimoramento;

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

El proceso de diseño

FRASCARA, Jorge. **El proceso de diseño**. In: FRASCARA, Jorge. El diseño de comunicación. Buenos Aires: Infinito, 2006. Cap. 4, p. 93 – 120.

Artigo

PEREIRA, D.S. **O CONCEITO APLICADO AO PROJETO DE DESIGN**: do referencial teórico às práticas de mercado. fullDESIGN, Curitiba, v.1, n.3, p. 1 - 11, 2017.

DIVULGAÇÃO DAS AÇÕES DO NÚCLEO DE ESTUDOS DE ARQUITETURA BRASILEIRA: CRIAÇÃO DO SITE DO NEAB

LUCAS LINDE DE MELO¹; ALINE MONTAGNA DA SILVEIRA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – lucas.linde.melo@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – alinemontagna@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A ação de extensão realizada no primeiro semestre de 2018 faz parte de um componente curricular do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel. As atividades foram desenvolvidas através dos Requisitos Curriculares de Extensão (RCE), vinculado ao projeto de extensão Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira (NEAB), cujas ações tem o objetivo de possibilitar uma aproximação da universidade com a comunidade.

O NEAB foi criado formalmente através da Portaria nº 736 de 1992, mas o acervo documental do núcleo existe de fato desde 1983 (ALVES et al, 2014). Nos últimos anos, diversas ações foram realizadas com o intuito de catalogar e organizar esse acervo (ORTIZ, OLIVEIRA e SILVEIRA, 2016). A mais recente, e talvez mais abrangente, consiste em uma ação de caráter extensionista para a criação do site do núcleo.

A proposta possui relevância para a comunidade da região sul, já que a criação do site tem o intuito de divulgar, em meio digital, as ações e o acervo existente no núcleo desde meados anos 1980 sobre o patrimônio cultural de Pelotas e demais cidades da região sul do Rio Grande do Sul. Essa documentação referente ao patrimônio arquitetônico e urbano perpassa as atividades do NEAB e o currículo da FAUrb-UFPel há três décadas, contando com registros de obras de treze cidades do sul do Estado (Fig. 1).



Figura 1: Mapa da região sul do Rio Grande do Sul, com destaque para as cidades estudadas e documentadas pela equipe do NEAB. Fonte: acervo do NEAB, 2014.

As ações de preservação do patrimônio cultural desenvolvidas nas cidades da região sul do Rio Grande do Sul, além de levantamentos e propostas de diretrizes de preservação em sítios históricos, incluem laudos técnicos e apoio às atividades de ensino de graduação e de pós-graduação que abordam a temática da preservação patrimonial.

Os objetivos que orientaram a elaboração do site foi a possibilidade de criar um canal de comunicação que facilitasse o usuário a consultar o acervo do núcleo e a divulgar as ações e produções do NEAB para a comunidade em geral.

Nessa perspectiva, o site torna-se importante, pois serve como uma plataforma capaz de evidenciar as atividades desenvolvidas e em andamento, ao mesmo tempo que facilita aos usuários a obtenção de informações sobre essas atividades e sobre o acervo do NEAB.

As ações de preservação do patrimônio cultural desenvolvidas nas cidades da região sul do Rio Grande do Sul, além de levantamentos e propostas de diretrizes de preservação em sítios históricos, incluem laudos técnicos e apoio às atividades de ensino de graduação e de pós-graduação que abordam a temática da preservação patrimonial.

Os objetivos que orientaram a elaboração do site foi a possibilidade de criar um canal de comunicação que facilitasse o usuário a consultar o acervo do núcleo e a divulgar as ações e produções do NEAB para a comunidade em geral.

Nessa perspectiva, o site torna-se importante, pois serve como uma plataforma capaz de evidenciar as atividades desenvolvidas e em andamento, ao mesmo tempo que facilita aos usuários a obtenção de informações sobre essas atividades e sobre o acervo do NEAB.

2. METODOLOGIA

A criação do site para o NEAB utilizou a plataforma Wordpress associada a universidade, disponível online. O template UFPel 2.0 foi escolhido com o intuito de manter o padrão dos demais endereços eletrônicos da universidade.

O processo de criação iniciou-se pela elaboração do layout do site. Em seguida foram determinadas as abas e sub-abas, propostas de modo a facilitar a pesquisa do visitante. Essas abas incluíram informações sobre a identificação do núcleo, a equipe que integra o NEAB, as disciplinas ministradas pelos professores e os projetos de ensino, pesquisa e extensão que coordenam, assim como o acervo disponível para pesquisa. Na página inicial do site foi criada uma pequena apresentação de slides com fotos de obras de arquitetura que foram registradas pelos colaboradores do núcleo (Fig 2).



Figura 2: Tela de abertura do site. Fonte: NEAB, 2018

Em relação à abrangência regional das ações, foi disponibilizado um breve conteúdo das cidades que foram documentadas ao longo do tempo pela disciplina de Técnicas Retrospectivas – Projeto de Arquitetura e Urbanismo, e que integram o acervo do NEAB. Cada cidade foi identificada com o desenho de uma fachada (Fig. 3).

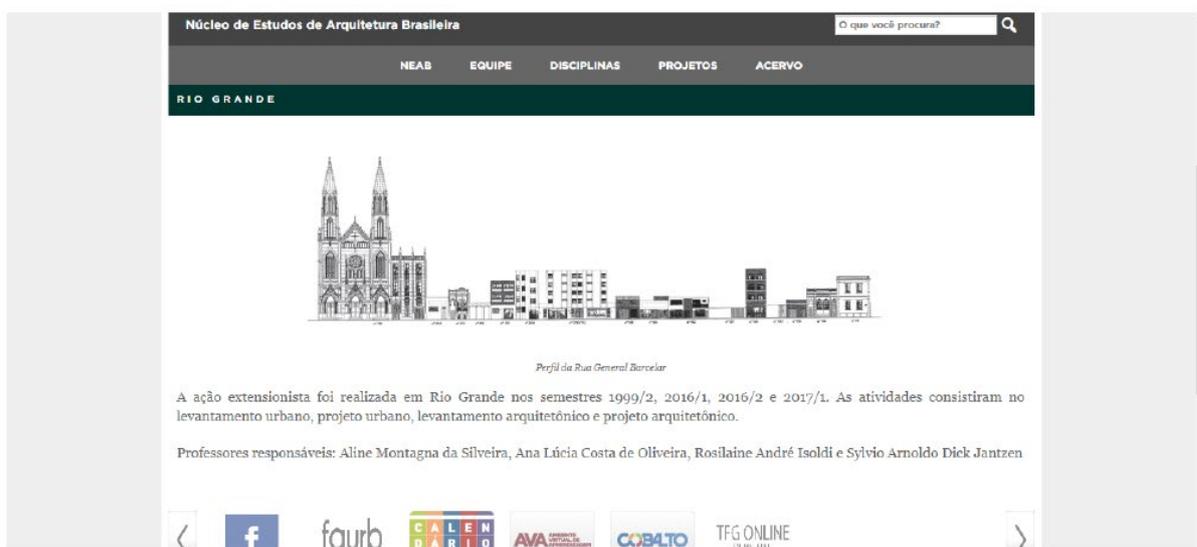


Figura 3: Fachada de quarteirão da cidade de Rio Grande, utilizada para ilustrar o site. Fonte: NEAB, 2018

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O site já se encontra disponível para visitação, apesar de ainda estar em fase de construção. Como o NEAB dispõe de mais documentos do que os descritos aqui, o site encontra-se em constante atualização e aprimoramento, sempre com a preocupação de atender as necessidades da comunidade interna e externa da UFPel.

4. CONCLUSÕES

O processo de projeto e manutenção do site é contínuo, passando por mudanças constantemente de forma a atender a comunidade, assim como o corpo docente do núcleo. A proposta encontra-se em sua etapa preliminar, buscando acolher críticas e sugestões de seus usuários em relação ao conteúdo e forma de apresentação do material, aprimorando sempre que possível a comunicação com a comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Isadora Baptista; PAULA, Vinícius Dias de; SILVEIRA, Aline Montagna da; OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de. O NEAB e a preservação patrimonial: três décadas de cadastramento e registro do patrimônio das cidades do distrito geoe educacional da UFPel. In: **II Seminário História e Patrimônio**, 2014, Rio Grande. Anais eletrônicos do II Seminário de História e Patrimônio. Diálogos e perspectivas. Rio Grande: FURG, 2014, p. 575-584.

NEAB. **Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira**. Acessado em 05 de setembro de 2018. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/neab/>.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de; JANTZEN, Sylvio Arnoldo Dick; SILVEIRA, Aline Montagna da. A ação do NEAB/FAUrb na preservação dos centros históricos da região sul do Estado do Rio Grande do Sul. In: MICHELON, Francisca (Org.). **Patrimônio Cultural Edificado da UFPel**: primeiro estudo. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2013, p. 27-29.

ORTIZ, Juliana Lulier; OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de; SILVEIRA, Aline Montagna da. Sistematização e catalogação do acervo de periódicos do Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira. In: BUSSOLETTI, Denise; PIVS, Evandro; OLIVEIRA, Carlos (Orgs.). 3º Congresso de Extensão e Cultura da UFPel. **Anais** [recurso eletrônico]. Pelotas: Editora da UFPel, 2016, p.205-208.



A Comunicação na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas

LUÍS GUSTAVO DE PINHO AMARAL¹; JOÃO FERNANDO IGANSI NUNES²

¹Universidade Federal de Pelotas – gustavo_am13@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fernandoigansi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Diante das funções desenvolvidas como bolsista da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), foi proposto a apresentação deste trabalho para uma melhor avaliação do que está sendo desempenhado e fomentar outras formas de propagar o conhecimento. Para isso é preciso relacionar a teoria – como as reflexões de WOLFART (2016) sobre Assessoria de imprensa e de Jorge Duarte¹ sobre a Comunicação Pública - com o que está sendo aplicado na prática.

A comunicação em uma Pró-Reitoria de Extensão e Cultura é muito importante para que as ações desempenhadas por ela chegue aos alunos, professores, técnicos administrativos e até mesmo a comunidade externa, todos esses públicos os quais são trabalhados pela PREC. Ou seja, conforme explicita DUARTE¹ “Para garantir o sucesso do empreendimento, a comunicação deve, necessariamente, ser assumida com visão global, papel estratégico, planejamento, ação integrada, e visão de longo prazo.” Sendo assim, foi proposta uma forma de qualificação através do trabalho de um bolsista com conhecimento na área. O autor acima mencionado complementa este pensamento afirmando “É obrigação dos agentes públicos, em particular dos profissionais de comunicação, encontrar as maneiras adequadas de fazer a informação circular e chegar aos interessados”.

Portanto, este artigo visa relatar o que foi feito até o momento, além de identificar possíveis problemas durante esse processo, buscando assim também soluções para eles.

2. METODOLOGIA

A metodologia apresentada neste trabalho se baseia em uma revisão bibliográfica sobre a Comunicação Pública na visão de Jorge Duarte e os apontamentos feitos por Thays Wolfart sobre a Assessoria de Imprensa aplicada e comparada com o estudo de caso da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas.

¹Disponível em: <http://www.jforni.jor.br/forni/files/ComP%C3%BAblicaJDuartevf.pdf>

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro passo para readequar a comunicação na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura foi analisar o que já estava sendo feito, identificar imperfeições e propor as primeiras modificações. Vale lembrar que para WOLFART (2016) “[...]ainda não se tem uma estrutura de assessoria de comunicação, justamente porque não existe um modelo a ser seguido. Deste modo, as empresas tendem a incrementar um modelo que possa suprir as necessidades diárias para a realização do trabalho.” Com isso, uma avaliação no site, principal peça de comunicação da PREC, foi feita e com isso veio à informação de que uma nova aparência para ele está sendo elaborada.

Ademais, foi detectado também que a atualização dele é feita por técnicos administrativos, os quais não têm tanto conhecimento na produção de conteúdo para a alimentação dele. A solução foi criar um padrão para a publicação de notícias e dar uma capacitação para eles, além do mais todos os textos passaram a ser revisados por alguém com conhecimento específico na área. Para WOLFART (2016): “Assim o responsável pela comunicação é encarregado de atender os responsáveis pela comunicação interna e externa.”

Outra atuação foi perante a produção e divulgação de conteúdo sobre os 135 anos da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (FAEM). Tendo como base que “[...] a relação direta e praticamente diária com os elevados níveis hierárquicos é imprescindível, pois assim facilita-se a execução das funções.” WOLFART (2016) diversas reuniões com os diretores da FAEM, PREC e Rádio Federal foram realizadas e o resultado disso foi à elaboração de uma programação especial comemorativa. Entretanto, ao longo desse processo algumas divergências de como e o que elaborar surgiram, como a comunicação solucionar já que “Ela trata de compartilhamento, negociações, conflitos e acordos na busca do atendimento de interesses referentes a temas de relevância coletiva.” DUARTE¹. Como produto final será produzido uma série vinhetas, programetes de rádio, entrevistas e uma coletânea de programas ao vivo durante uma semana.

Por fim, a comunicação desenvolvida na PREC também pode ser vista pelo viés de Comunicação Pública e não apenas como Acessória de Imprensa, já que para DUARTE¹ “A comunicação pública diz respeito à interação e ao fluxo de informação relacionados a temas de interesse coletivo. [...] A existência de recursos públicos ou interesse público caracteriza a necessidade de atendimento às exigências da comunicação pública.”



4. CONCLUSÕES

Por fim, vale lembrar que este trabalho está na fase inicial de desenvolvimento, devido a ele ter apenas um mês de implementação, entretanto diversas ações já foram feitas e como resultado delas tivemos reflexões sobre o contexto da Comunicação da PREC. Diante disso, podemos garantir que já obtivemos ganhos dentro do eixo de Extensão e que a aplicação do trabalho de campo em longo prazo que está sendo desenvolvido poderá nos render um fruto também no eixo da pesquisa e é claro na prática.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigo

WOLFART, T. Resenha: Assessoria de Comunicação. **Temática**, NAMID/UFPB, p. 227 – 232, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/viewFile/27408/14721>>

Documentos eletrônicos

DUARTE, J. **Comunicação Pública**. Google Acadêmico. Acessado em 05 set. 2018. Online. Disponível em: <http://www.jforni.jor.br/forni/files/ComP%C3%BAblicaJDuarte-vf.pdf>



COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA DE JORNAL ESCOLAR

LUNARA ROSA DUARTE¹;
MÁRCIA DRESCH²;
RICARDO Z. FIEGENBAUM³

¹Universidade Federal de Pelotas – lunara.rd@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dreschm@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – ricardozifi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão Formação de Jovens Comunicadores Comunitários tem como objetivo principal desenvolver jornais impressos e oficinas nas escolas, unindo os dispositivos tecnológicos ao processo de aprendizagem de crianças e adolescentes. Entende-se que a premissa da comunicação comunitária é fazer com que indivíduos se apropriem dos meios de comunicação para darem voz às suas próprias causas. Diante da onipresença das mídias, os jovens devem dispor de conteúdos que estimulem a autonomia de pensamento e reflexão crítica da realidade.

Este ano, o projeto está dando continuidade ao jornal escolar que foi realizado em 2017 na Escola Municipal Jeremias Fróes, localizada na zona portuária de Pelotas. Além dessa escola, o jornal está sendo desenvolvido também pelos alunos de nível médio da Escola Estadual de Ensino Médio Nossa Senhora de Lourdes, localizada no Centro da cidade de Pelotas.

A intenção é oferecer suporte aos jovens, promover rodas de conversas sobre mídia e trabalhar com eles as noções básicas do jornalismo. Dessa maneira, os estudantes aprendem a utilizar o conhecimento prático adquirido para refletir e expressar as reivindicações da comunidade escolar e do seu entorno, possibilitando melhorias no ensino e no seu bairro.

Através de exercícios práticos, compreender todas as etapas de produção de notícias e reportagens, desde a pauta até o resultado final, reconhecendo a importância do jornalismo para a formação dos cidadãos. Os próprios estudantes são responsáveis pela criação de um canal de comunicação na escola/comunidade, pois só desta maneira é possível estabelecer uma comunicação baseada no princípio da horizontalidade.

2. METODOLOGIA

A metodologia consiste em, a partir de oficinas de fotografia, redação e diagramação, além das vivências e experiências prévias dos alunos com os dispositivos

mediáticos, estabelecer um intercâmbio de ideias entre todos os envolvidos. Desse processo, resulta a produção de um jornal impresso em cada uma das escolas vinculadas ao projeto.

Conforme Bértov e Belloni (2009) o conceito de mídia-educação diz respeito à necessidade de integração das mídias ao contexto escolar. Os novos dispositivos que se colocam para a sociedade se assemelham a “escolas paralelas”, pois são considerados a principal fonte de informação da atualidade.

Os educadores, portanto, devem investir em uma prática pedagógica que use a técnica para aprimorar e transformar a realidade dos educandos, algo fundamental para o empoderamento das próximas gerações. Como se trata de um projeto de comunicação para ser aplicado nas escolas, o objetivo é fazer com que os jovens fortaleçam os vínculos identitários e construam um jornal que trate de assuntos do seu cotidiano, trazendo uma perspectiva de quem vivencia as situações que descreve.

Embora exista algumas divergências teóricas quanto ao conceito de comunicação comunitária, alternativa e popular, Peruzzo (2006) define que a comunicação comunitária:

se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter – preferencialmente - propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de desenvolver a educação, a cultura e ampliar a cidadania. Engloba os meios tecnológicos e outras modalidades de canais de expressão sob controle de associações comunitárias, movimentos e organizações sociais sem fins lucrativos. Por meio dela, em última instância, realiza-se o direito de comunicar ao garantir o acesso aos canais de comunicação. Trata-se não apenas do direito do cidadão à informação, enquanto receptor – tão presente quando se fala em grande mídia –, mas do direito ao acesso aos meios de comunicação na condição de produtor e difusor de conteúdos. (PERUZZO, 2006, p. 55-56)

Pode-se mencionar o trabalho de Vohlbrecht (2017) como exemplo de um trabalho com foco em jornal escolar. A educadora realizou um projeto experimental no qual mediou a elaboração de um jornal, além de promover debates sobre mídia, cidadania e educação. De acordo com ela, o campo da Educomunicação “pode ser compreendido como campo de diálogo, de espaço para o conhecimento crítico e criativo, para a cidadania e a solidariedade” (VOHLBRECHT, 2017, p. 15). O comprometimento do educador tem um papel decisivo na condução de programas que consigam abranger os dilemas contemporâneos adequadamente.

Nesse sentido, a criação de um jornal promove um incentivo à escrita e à leitura, além de possibilitar o contato direto com gêneros jornalísticos e suas finalidades. O conhecimento técnico é um acréscimo para potencializar a mobilização por mudanças sociais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista que o projeto ainda se encontra em fase de execução, não existem resultados finais. Entretanto, pode-se destacar que 1) houve um retorno positivo por parte das direções das escolas, que cederam espaço e incentivaram a realização do projeto; 2) o projeto tem caráter inovador nas escolas, pois propõe discussões com a comunidade escolar; 3) incentiva a autonomia em todas as etapas de produção. Por meio da divulgação de cartazes e encontros semanais, professores e alunos estão sendo convidados a participar da construção do jornal, que está sendo feito com o apoio dos membros do grupo do projeto. Os jovens têm a oportunidade de trabalhar em grupos, cada qual desempenhando uma função específica – redator, fotógrafo, repórter, pauteiro, diagramador –, que será alternada, a fim de que todos atuem em cada área do jornalismo.

Inicialmente, foi realizada uma roda de conversa com os alunos sobre mídia e educação, para fomentar a discussão sobre o que é jornalismo, cidadania e as formas de apropriação das tecnologias digitais no contexto escolar.

A partir de uma prática experimental, desenvolveu-se uma sequência de atividades de escuta e leitura coletiva do material produzido pelos participantes, além de serem ensinadas técnicas do texto jornalístico. Paralelo a isso, são realizadas também oficinas de jornal, web, diagramação, redes sociais e fotografia, para que os alunos reconheçam as potencialidades dessas ferramentas. O material produzido será oferecido à comunidade e ao público em geral para uma avaliação coletiva. Voluntários da Universidade Federal de Pelotas também se dispuseram a auxiliar em todas as atividades necessárias. Neste ano, somam oito interessados.

Além dos jornais impressos e das oficinas, pretende-se produzir um vídeo institucional das duas escolas. As filmagens ainda estão em andamento e o vídeo final contará com depoimentos sobre a história das escolas e sua relação com os bairros que as cercam.

No trabalho na Escola Municipal Jeremias Fróes, tem-se percebido a ênfase que é dada às dificuldades dos jovens, os quais se encontram, em sua grande maioria, em situação de vulnerabilidade social. Entretanto, em meio a esse cenário, a perceptível união do grupo torna o espaço acolhedor e propício a um engajamento da comunidade escolar.

A realidade na Escola Estadual de Ensino Médio Nossa Senhora de Lourdes é mais complexa, uma vez que se trata de uma instituição de ensino localizada bem no centro da cidade, atuando nos três turnos e reunindo estudantes em diferentes condições de vida. Acredita-se que essa heterogeneidade não seja um problema, mas justamente venha a enriquecer o trabalho de produção do jornal, trazendo diferentes perspectivas.

4. CONCLUSÕES

A atividade extensionista visa transpor as barreiras existentes entre as universidades e a sociedade civil. Sendo assim, este projeto propõe o movimento de ir até a escola, não para impor crenças e comportamentos, mas para contribuir com uma formação ampla e estimular a cidadania. Entende-se a importância da comunicação numa sociedade altamente midiaticizada, mas que, contraditoriamente, é refém dos produtos das mídias tradicionais. Por essa razão, a produção de conteúdo feita pelos estudantes, sem o filtro dos grandes veículos, é essencial para o fortalecimento da democracia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza: Mídia-Educação: conceitos, história e perspectivas. Educação e Sociedade. Campinas: vol.30, n.109, set./dez. 2009.

PERUZZO, C. K. (2006). Revisando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. Comunicação apresentada no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília- DF, INTERCOM/UnB.

SOUZA, Aline Vohlbrecht. Projeto Jornal na escola: uma experiência no Ginásio do Areal. 2017. 60 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Jornalismo, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.



CAPTURANDO IMAGENS, COMPARTILHANDO SABERES: EXPERIÊNCIAS COM AUDIOVISUAIS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

MARIANA DOS SANTOS ESCOBAR¹ ; NICOLE PEREIRA XAVIER² ; ISABELA
RODRIGUES DO NASCIMENTO³ ; HENRIQUE ROCKENBACH DE ALMEIDA⁴ ;
ROSANE APARECIDA RUBERT⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – marianadsescobar@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – nicolepxavier@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – isabelarodriguesn@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – henriquerockenbach@gmail.com

⁵Departamento de Antropologia e Arqueologia (ICH/UFPEL) – rosru@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “Etnodesenvolvimento e direitos culturais em comunidades quilombolas e indígenas”, vinculado ao Departamento de Antropologia e Arqueologia (ICH-UFPEL), tem por objetivo a interação com comunidades quilombolas e indígenas de Pelotas-RS e região, visando o desenvolvimento de ações que primem pelo bem-viver, de acordo com padrões culturais dos próprios grupos. Dentre as ações que vem sendo realizadas estão a assessoria a grupos de artesãs quilombolas, na produção, divulgação e comercialização de seus produtos, afim de gerar renda e auxiliar na auto-organização da comunidade. Outra ação é a reconstituição das memórias e saberes tradicionais destas comunidades, que vem sendo desenvolvida é através da produção de documentários junto aos membros de algumas comunidades quilombolas, mantendo viva a história e aspectos gerais da vida cotidiana.

Segundo Paul Little, o termo “etnodesenvolvimento” tem duas acepções: “(1) o desenvolvimento econômico de um grupo étnico; e (2) o desenvolvimento da etnicidade de um grupo social” (2002, p.39), as quais não são excludentes, possuem uma relação dialética, de complementariedade. O desenvolvimento econômico, sem o respeito à identidade étnica de um grupo, significa a absorção do mesmo pela modernização hegemônica, resultando na perda de diversidade cultural. Já o desenvolvimento étnico, sem a preocupação com a economia e a geração de renda, deixa uma situação de vulnerabilidade social. Esta é a importância de que ambos os eixos de ação se realizem em conjunto, caracterizando um etnodesenvolvimento.

Segundo Leite (2000) e Almeida (2002), a autoafirmação de ser quilombola, na sociedade e cenário político atual, consiste em se posicionar dentro de uma luta política por direito à igualdade, por parte das minorias, e pelo direito à diversidade cultural. Esta luta política se acirra devido à exclusão histórica, desses grupos, dos espaços de tomadas de decisão, o que dificulta a formalização da posse e titulação das terras que ocupam para moradia e sustento. Esta exclusão histórica afeta ainda

o direito à liberdade de exercer suas práticas, crenças, rituais, entre outros elementos culturais. Nesse sentido, “O quilombo, então, na atualidade, significa para esta parcela da sociedade brasileira sobretudo um direito de ser reconhecido e não propriamente um passado a ser rememorado.” (LEITE, 2000, p.335). Por isso, a necessidade de trabalhar reconstituições de memórias e projetos de futuro em conjunto.

Apresentaremos, neste texto, ações referentes ao eixo “reconstituição de memórias e saberes”. Pontualmente, a realização de dois documentários, um já finalizado, na comunidade de Maçambique (Canguçu) e outro em curso, na comunidade Nicanor da Luz (Piratini).

2. METODOLOGIA

Trabalhamos com a perspectiva de estudos pós-coloniais que, segundo Paul Little (2002, p.38), “[...] têm entre suas variadas metas a descolonização do conhecimento, particularmente referente à supervalorização da ciência ocidental como a única via possível para chegar a verdade”. Especialmente por se tratar de um projeto com comunidades quilombolas e indígenas, é de extrema importância que nossos interlocutores e a comunidade não sejam apresentados como “objetos exóticos”, e sim como indivíduos possuidores de uma cultura e saberes muito ricos. A ideia clássica de etnografia, onde “O nativo é um “puro informante” [...], o pesquisador, por sua vez, apenas exerce a observação e a análise, como se estivesse no mais perfeito dos laboratórios” (OLIVEIRA, 2013, p.56) precisa ser repensada.

Oliveira sugere que optemos por uma concepção de etnografia enquanto processo prático e dialógico, não como um método ideal fundamentado em protocolos que não fazem mais sentido:

A recomendação metodológica de neutralidade, ficção de natureza normativa e com fortes repercussões políticas, corresponde, implicitamente, à naturalização das relações de dominação entre grupos sociais assimétricos inseridos em um quadro colonial. Isso, é óbvio, tem consequências radicalmente distintas para colonizadores e colonizados. (OLIVEIRA, 2013, p. 55)

Como projeto de extensão, fazemos esta mudança a partir da antropologia da ação e da antropologia visual. A fim de oportunizar o diálogo intercultural e compartilhar protagonismos entre as antropólogas e os membros da comunidade. A antropologia da ação preza pelo comprometimento profissional “[...] com o direito de bem viver dos povos”, atuando-se na mediação de demandas (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2004, p.22). Uma forma de estabelecer este diálogo é a partir do audiovisual: “O audiovisual é pensado como objeto sensível que afeta a pesquisadora e os sujeitos de formas diversas. O filme etnográfico é o meio deste encontro.” (HIKIJI, 2009, p.115).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No quesito reconstituição de saberes e memórias, a produção de documentários etnográficos veio como uma ferramenta muito rica para o projeto, pois possibilita que os integrantes das comunidades compartilhem suas experiências e histórias para além do seu grupo. Ainda assim, é importante considerar que o audiovisual é uma mídia manipulável, tanto pela edição como pelo próprio ato da filmagem: o que se escolhe focar, o ângulo e enquadramento da câmera, o momento que se escolhe ligá-la e desligá-la. Portanto, por mais que possibilite uma abertura de diálogo entre as antropólogas e os interlocutores, o documentário não tem de forma alguma a intenção de apresentar “a verdade”, ou, a única verdade. Um filme é construído de interpretações diversas: dos membros da equipe de produção, dos personagens ou interlocutores, e por fim, dos expectadores. Esta é uma discussão que estamos aprofundando na equipe e que já foi tratada por estudiosos da área. (HIKIJ, 2009; BOUDREAULT-FOURNIER et al., 2016).

Sabemos, todos os pesquisadores, o quanto as notas de campo são reordenadas, reagrupadas e cruzadas para que os dados possam ‘fazer sentido’. Não passa pela cabeça de um pesquisador apresentá-las na ordem em que foram colhidas. No entanto, algumas escolas do filme etnográfico insistem na sequência cronológica das tomadas, no ‘realismo’ que pode chegar a impedir uma iluminação mais adequada, na recusa à utilização de efeitos sonoros.” (BOUDREAULT-FOURNIER et al., 2016, p.38)

O primeiro filme etnográfico realizado pelo projeto se chama “Eu Aprendi Vendo”, e trata sobre o grupo de mulheres artesãs da comunidade de Maçambique (CanguçuRS). Este teve suas filmagens realizadas no segundo semestre de 2016, sendo as imagens entrevistas com as artesãs, o trabalho coletivo, suas rotinas, imagens do ambiente e outros detalhes que permitiam entender melhor o espaço geográfico habitado por elas. Com todas as imagens coletadas, passou-se para possivelmente o estágio mais longo da produção, a decupagem destas imagens.

Durante a decupagem, é quando todas as filmagens são sincronizadas com as faixas de áudio correspondentes, e assistidas. As imagens brutas passam por diversos cortes até chegar na versão final, passando-se para a fase onde são organizadas em uma narrativa que faça maior sentido para o espectador, intercalando diferentes planos das entrevistas, também como outras imagens que auxiliem na sua compreensão. Por fim, na fase de finalização, as imagens e áudios passam por tratamento e entra a tipografia, ou seja, letreiros iniciais, títulos e créditos.

Os cortes sofridos pelo material foram baseados em um roteiro, porém, passível de mudanças. O roteiro de “Eu Aprendi Vendo” foi feito anteriormente às filmagens, a partir do que a equipe realizadora, com base em um longo período de convivência com o grupo, considerou como fatores importantes para compreender o mundo de

significados das artesãs. A estrutura do roteiro foi feita de forma flexível, somente com tópicos. Como se fosse uma check-list de assuntos que não podem ficar de fora, mas não limitando a inserção de novos tópicos, de acordo com elementos que emergem nas filmagens e que se revelam fundamentais para compreender o grupo.

Versões do documentário foram exibidas no grupo para que as mulheres opinassem a respeito. Uma vez concluído, foi primeiro estreado na comunidade, gerando uma situação de compartilhamento de memórias. Como uma segunda estreia, o documentário foi exibido na universidade, com duas representantes da comunidade presentes, que responderam perguntas dos espectadores após a exibição. A reação dos espectadores, ao entrarem em contato com as narrativas das artesãs, causou um impacto positivo às quilombolas presentes, que viram suas trajetórias e trabalhos sendo valorizados.

O segundo documentário idealizado pelo projeto de extensão ainda não tem nome. Este será sobre a comunidade quilombola Nicanor da Luz, de Piratini-RS. Cumpre lembrar que trata-se de uma comunidade com a qual se vem mantendo contato intenso, por meio da assessoria à um grupo de artesãs. O documentário tratará da comunidade de forma mais geral, focando na sua formação, nas trajetórias migratórias de seus integrantes, na formação da associação quilombola e em referências culturais que norteiam a vida comunitária.

Houveram inserções de filmagens na comunidade como experimentação, e se está em uma fase de rearticulação, no sentido de envolver mais seus membros no próprio processo de produção. Essa diferença de ênfase se deu pelo aprofundamento teórico sobre antropologia visual, o que possivelmente acarretará em uma mudança estilística do documentário, no que diz respeito à sua estrutura narrativa. Outro motivo da mudança foi a necessidade observada de que os integrantes da comunidade compreendessem melhor como se dá a produção de um audiovisual. A partir desse conhecimento, acreditamos ser possível o uso do filme como ferramenta de visibilidade, e oportunidade de que a própria comunidade fale sobre si mesma.

4. CONCLUSÕES

O trabalho de extensão possibilita que os estudantes estejam em contato com tipos de conhecimentos, estéticas, linguagens e experiências que fogem dos aprendizados da academia. Este contato se faz ainda mais importante quando levado em consideração o contexto político atual no qual estão inseridas estas comunidades, em que há um recuo na garantia de seus direitos. Após passar tempo com elas, se percebe a importância do reconhecimento de suas identidades para fundamentar suas demandas. Os documentários realizados têm a pretensão de servir como um

meio de enunciação de suas experiências, dando-se visibilidade às interpretações que eles próprios elaboram sobre suas trajetórias individuais e coletivas. Contempla-se, assim, o reconhecimento da participação desses grupos na formação da sociedade regional e nacional. Estar em contato com estas diferentes formas de experienciar a vida humana, reconhecê-las por sua validade e compreendê-las ao máximo de nossas habilidades enriquece não somente a experiência como acadêmicos, mas como futuros profissionais, cidadãos e agentes de mudança.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os Quilombos e as Novas Etnias. In: O'DWYER, E. C. (Org.). **Quilombos**: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: FGV/ABA, 2002. p. 43-81.

BOUDREAU-FOURNIER, Alexandre; HIKIJI, Rose Satiko Giratana; NOVAES, Sylvia Caiuby. Etnoficção: uma ponte entre fronteiras. In: BARBOSA, A.; CUNHA, E.T.; HIKIJI, R.S.G.; NOVAES, S.C. **A experiência da imagem na etnografia**. São Paulo: Terceiro Nome, 2016. p. 37-58.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O mal-estar da ética na Antropologia prática. In: OLIVEN, R. G.; MACIEL, M. E.; ORO, A. P. (org.). **Antropologia e ética**: o debate atual no Brasil. Niterói: Eduff, 2004. p. 21-31.

HIKIJI, Rose Satiko Giratana. Imagens que afetam: filmes da quebrada e o filme da antropóloga. In: GOLÇALVES, M.A.; HEAD, S. **Devires Imagéticos**: a etnografia, o outro e suas imagens. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p.115-135.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões normativas e conceituais. **Etnográfica**, vol. IV, n. 2, p. 333-354. Lisboa, 2000.

LITTLE, Paul. Etnodesenvolvimento local: autonomia cultural na era do neoliberalismo global. **Tellus**, ano 2, n. 2, p. 33-52. Campo Grande, 2002.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Etnografia enquanto compartilhamento e comunicação: desafios atuais às representações coloniais da antropologia. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Desafios da antropologia brasileira**. Brasília: ABA, 2013. p. 47-74.



AVA MARIE DUVERNAY, MIDDLE OF NOWHERE E A QUEBRA DE ESTEREÓTIPOS

MARILIA SHEILA DOS SANTOS; MATEUS BRUM DE ARMAS²
NÁDIA DA CRUZ SENA³

Universidade Federal de Pelotas – mariliamortican@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – mateus.armas@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – alecrins@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A história começa por volta da segunda década dos anos 2000, *Meio do Nada* (*Middle of Nowhere* 2012) conta a história de uma jovem que vê seu marido ser condenado a oito anos de prisão. Ruby (*Emayatzy Corinealdi*) precisa largar sua vida para se dedicar ao marido preso diante da perspectiva de que ele seja solto em breve. Diante de diversas circunstâncias, esse período serve para que Ruby use esse tempo para se redescobrir, se reconectar à família e ter outras perspectivas de vida. Esse filme seria apenas mais um filme comum do gênero se não fosse dirigido pela diretora Ava Marie DuVernay.

Este artigo visa analisar, de acordo com o filme, o estereótipo da mulher negra enquanto protagonista, em contraponto a outras personagens negras femininas atuais representadas pela mídia e como a solidão da mulher negra pode afetar suas decisões para finalizar como a direção e o olhar de Ava DuVernay quebram esses estereótipos.

2. METODOLOGIA

Análise fílmica da personagem Ruby (*Middle of Nowhere* 2012), com base na filmografia de Ava DuVernay até 2018 e a tese de ana paula pacheco sobre a solidão da mulher negra.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um grande problema da mídia é perpetuar os estereótipos Para Mazzara (1999, p.14) CHINEN (2013, p.39) estereótipo é o “conjunto coerente e bastante rígido de crenças negativas que um certo grupo compartilha em relação a outro grupo ou categoria social”. Suzane Jardim, historiadora e escritora para o site Medium¹,

¹Medium. Disponível em: <<https://medium.com/@suzanejardim/alguns-estereotipos-racistas-internacionais-c7c7bfe3dbf6>> . Último acesso em: 13 Dez. 2017.



esses são alguns dos estereótipos que podemos encontrar, principalmente na mídia norte-americana, que acabam refletindo diretamente no que consumimos na mídia brasileira. Estereótipos como a mommy (mamãe), termo usado para a mulher salvadora que abandona a própria casa para se dedicar a uma família branca que podemos assistir no filme *Histórias Cruzadas* (The Help. Tate Taylor, 2011) ou o da tia Anastácia em *Sítio do Pica-pau Amarelo*, (direção geral de Geraldo Casé, 1977 – 1986). A negra que só tem um papel de “destaque” por ser amiga da branca e que está sempre lá para intervir e resolver situações para a branca, contexto que podemos notar no filme *As Patricinhas de Beverly Hills* (Clueless. Amy Heckerling, 1995). Em 2008 Ava DuVernay ela lança *Esta é a vida* (This Is The Life) documentário que conta um pouco da história do movimento hip hop negro alternativo dos anos 90 em Los Angeles, logo em seguida apresenta seu segundo documentário, *Meu Microfone Soa Bem: Uma Verdadeira História Sobre Mulheres e Hip Hop* (My Mic Sounds Nice: A True Story of Women and Hip Hop, 2010) que mostra como é ser uma mulher em um gênero musical dominado por homens. Em 2011, ela lança seu primeiro longa-metragem, *Eu vou seguir* (I Will Follow, 2011), O filme é a história de uma jovem negra que enfrenta a dor do luto por perder sua tia. O filme é sensível e tem vários sinais de uma primeira produção. Em 2013 Ava lança sua segunda produção em longa-metragem, o longa escolhido para este artigo. *Middle of Nowhere* (2012) Em 2013 Ava lança seu primeiro curta-metragem, *A Porta* (The Door, 2013) conta a história, de amigas que se ajudam quando uma aparentemente passa por um período longo de tristeza.

O principal foco dos filmes de Ava, são personagens negros Ruby a protagonista do filme vem em direção oposta àquilo que a mídia tenta perpetuar. Ruby é, sobretudo, uma personagem silenciosa, ponto que marca a personagem do começo ao fim da trama. É uma personagem inteligente, estudante de medicina, trabalhadora e focada em seus objetivos. A personagem inicialmente aparenta ser uma pessoa monótona e isso se dá por não estarmos acostumados a contemplar, em negros, essas características. Não somos acostumados a ver personagens negros em grandes momentos de silêncio e dando respostas concisas. Fomos habituados a acompanhar aqueles que gritam ou sempre respondem de forma agressiva. Ver uma mulher negra e em silêncio é algo que inicialmente causa um grande estranhamento.



Figura 1, ruby, captura de tela

O figurino de Ruby completa a caracterização final da personagem. Cores claras, cortes retos, cabelos curtos, roupas sempre organizadas, não vemos exageros ou extravagâncias, o que deixa a personagem ainda mais forte para a sua caracterização.

O papel da solidão da mulher negra no filme é que em meios periféricos, entre a população negra, é predominantemente comum conhecermos casos de famílias como a de Ruby, onde a mulher é a frente da família, são as que cuidam e criam sozinhas seus filhos. De acordo com um estudo feito pela Ana Cláudia Lemos Pacheco, Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas (UNICAMP), com a tese *Gênero, Raça E Solidão Entre Mulheres Negras Em Salvador, Bahia*, ela traz os seguintes dados em sua tese: mulheres negras encontram menores chances de encontrar um parceiro na disputa do “mercado matrimonial”, perdendo para as mulheres de outros grupos raciais, como as mulheres brancas, por exemplo. PACHECO, Cláudia (2013 p.22).

Embora devêssemos levar em consideração que o filme retrata uma realidade norte-americana, não podemos esquecer que o Brasil vive uma realidade também derivada da escravidão. O que consumimos na nossa mídia ainda é centralmente exportado de lá, tudo o que consumimos é importado de lá.

O filme retrata que todas as mulheres do filme estão sozinhas e criam seus filhos sozinhas, o filme traz um exemplo de vários tipos de composições familiares negras periféricas, onde consiste a ausência de uma figura masculina presente. A seguir a tese de Ana Paula Pacheco traz o seguinte trecho

[...]o motivo é colonizador e que o racismo e o sexismo são ideologias e práticas socioculturais, que regulam as preferências afetivas das pessoas, ganhando materialidade no corpo racializado e sexualizado, colaborando especialmente para a solidão de alguns segmentos de mulheres negras (PACHECO, Ana claudia, 2013 p.18)

Mulheres negras ainda lutam pelo fato de serem aceitas, não apenas pelo estereótipo sexual mas como pessoas, para conseguirem uma posição afetiva social aceitável, onde elas não sejam olhadas apenas como um objeto de desejo sexual. Ruby ao ter uma relação estável, não abandonaria seu parceiro, assim abrindo mão de todo seu dia a dia para se focar em uma relação, mesmo que a distância.

4. CONCLUSÕES

A importância de personagens que quebram o estereótipo negro e que retratam um contexto de vida de uma forma sensível, real e não estereotipada é contribuir para a quebra da herança história de racismo que vivemos em nossa mídia atualmente. Ava traz em seus filmes exatamente um exemplo a ser seguido pela grande indústria cinematográfica: histórias reais sobre pessoas reais. Realizar filmes de mulheres reais, é uma forma de contribuir para acabarmos com essa visão distorcida da mulher negra que ainda temos de enfrentar nos dias de hoje.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

MAZZARA, Bruno M. **Estereotipos y prejuicios**. Madrid: Acento Editorial, 1999.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1978

Tese/Dissertação/Monografia

CHINEN, Nobooyoshi. **O papel do negro e o negro do papel, representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros**. 2013. Tese (Doutorado em comunicação e artes) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Comunicação, Universidade de São Paulo.

Documentos eletrônicos

Adoro cinema. FIGUEIRA, João Vitor. **Ava DuVernay vai receber o prêmio de visionária do ano pelo maior sindicato de produtores dos EUA**. Estados Unidos, 07 dez. 2017. Acessado em 10 dez 2017. Online. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-136182/>

Biography people. **Ava DuVernay Biography**. Estados Unidos, 31 dezem. 2014. Acessado em acesso em 10 Dez. 2017. Online. Disponível em: <https://www.biography.com/people/ava-duvernay>

Medium. JARDIM, suzane. **Reconhecendo estereótipos racistas na mídia norte-americana**. Brasil. 15 jul 2016. Acesso em 13 dez 2017. Online. Disponível em: <https://medium.com/@suzanejardim/alguns-estereótipos-racistas-internacionais-c7c7bfe3dbf6>.

UFRGS. **Transgênicos**. Zero Hora Digital, Porto Alegre, 23 mar. 2000. Especiais. Acessado em 23 mar. 2000. Online. Disponível em: <http://www.zh.com.br/especial/index.htm>

Filmes

Selma uma Luta pela Igualdade (Selma). Ava DuVernay. 2h 8min. 2014

Meio do nada (Middle of Nowhere) Ava DuVernay. 1h 37min. 2012

Décima terceira emenda (13th) Ava DuVernay. 1h 40min. 2016

Esta é a vida (This Is The Life) Ava DuVernay. 1h 37min 2008

Meu microfone soa bem: uma verdadeira história sobre mulheres e hip hop (My Mic Sounds Nice: A True Story of Women and Hip Hop) Ava DuVernay. 42min.2010.

Eu vou Eu vou seguir (I Will Follow) Ava DuVernay. 1h 20min. 2011.

histórias cruzadas (The Help) Tate Taylor. 2h 26min. 2011

PROJETO DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NO PENSIONATO NOSSA CASA DE PELotas/RS

MARINA PINTO TOMAZ¹; MARIANA DE MORAES LEALDINO²; PABLO HENRIQUE GIMENES PINHEIRO³; SÍLVIA PORTO MEIRELLES LEITE⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – marinatomaz40@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mariana.lealdino@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – binhogimenes97@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – silviameirelles@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste projeto é aproximar e compartilhar ideias de universitárias que não são de Pelotas e moram juntas em uma pensão, com um perfil colaborativo no Instagram. Com isso, busca-se trazer a perspectiva delas sobre a cidade de Pelotas através do cotidiano de cada uma. A comunidade escolhida foi o pensionato Nossa Casa, localizado no Centro de Pelotas. Essa escolha se deu por meio das diferentes percepções das meninas sobre a cidade, mas que também pertencem a Pelotas por conta da fase de vida em que estão, no caso a faculdade (todas estudam na UFPel). Outro ponto a ser ressaltado para a aplicação do projeto foi a pluralidade cultural, que por meio de costumes, sotaques de cada retrataram a miscigenação do país. Por isso, a proposta envolve um perfil coletivo no Instagram para que elas possam compartilhar suas rotinas e reflexões/olhares sobre Pelotas através de imagens e legendas. No total são quatro meninas: uma de Rondônia, uma de Bagé, uma de São Paulo e outra do Piauí.

A comunidade escolhida para a aplicação foi o pensionato Nossa Casa que está há 8 anos sob o comando de um casal de aposentados. Eles encontraram em sua casa central, que tem nove quartos, uma verba extra no final do mês e acolher jovens do Brasil vindo estudar na cidade. Para contextualizar o termo comunidade, utilizamos Peruzzo (2002) na qual explica que as “comunidades” são de grande densidade e complexidade teórica e histórica, pois passam por um momento de transformações, essas ainda em processo de mudança de qualidade, não se adequam a estudos de conceitos clássicos. Para a autora, os aspectos das comunidades estão sendo recriados, ou seja, possui uma dinâmica inovação e personalização de comunidades em processo correlato ao da globalização. O termo comunidade passa então a ser utilizado em várias perspectivas e sem rigor conceitual.

Tem servido para referenciar qualquer tipo de agregação social, por vezes, servindo mais como termo ou expressão decorativa visando chamar a atenção ou passar um “ar” de atualidade. Tem sido usado na tentativa de explicar fenômenos os mais diversos. Por vezes é empregado como sinônimo de



sociedade, organização social, grupos sociais ou sistema social. É também utilizado para designar segmentos sociais como por exemplo, comunidade universitária, comunidade negra, comunidade religiosa, comunidade de informação, comunidade científica, comunidades dos artistas etc. Usa-se o termo comunidade, ainda, para caracterizar agrupamentos sociais situados em espaços geográficos de proporções limitadas (bairro, vila, lugarejo) e para designar grupos de interesse afins, interconectados na rede mundial de computadores, chamados de “comunidades virtuais”, entre outros. (PERUZZO, 2002, p. 2)

Tendo em vista isso, é possível observar que as novas formas de organização social, alteram determinados paradigmas e indicam a necessidade de repensar esses conceitos. Por exemplo, a noção de territorialidade, enquanto uma das características centrais de comunidade, passa a não ter mais um valor universal. Pensadores clássicos acerca desses estudos, apontam cada um à sua vez, tópicos para um agrupamento social seja tomado como “comunidade”. Porém, para Peruzzo (2002), falar em comunidade significa falar de fortes laços, de reciprocidades e de sentido coletivo das relações. Esse foi o principal aspecto para procedermos na escolha da nossa comunidade e aplicar o projeto, o relacionamento entre as participantes.

A autora também traz discussões acerca de comunicação comunitária, o que integra perfeitamente ao objetivo desse projeto. Para Peruzzo (2009), as manifestações da comunicação comunitária — do vídeo popular e da rádio livre ou comunitária ao website colaborativo ou ao jornal alternativo de circulação regional ou nacional — expressam o protagonismo de segmentos populacionais descontentes com o status quo. Ocorrem no bojo de lutas populares a partir dos lugares de vivências cotidianas nas localidades e em outros espaços de relacionamentos, como o ciberespaço.

São processos de comunicação constituídos no âmbito de movimentos sociais populares e comunidades de diferentes tipos, tanto as de base geográfica, como aquelas marcadas por outros tipos de afinidades. É sem fins lucrativos e tem caráter educativo, cultural e mobilizatório. Envolve a participação ativa horizontal (na produção, emissão e na recepção de conteúdos) do cidadão, tornando-se um canal de comunicação pertencente à comunidade ou ao movimento social e, portanto, deve se submeter às suas demandas. (PERUZZO, 2009, p. 141)

Com as novas tecnologias, cresce a produção coletiva de conteúdo na internet por meio da comunicação comunitária. As novas manifestações alternativas de comunicação comunitária, ao incorporar suportes digitais e interativos em tempo real, integram não só conteúdos diferenciados a partir de novos olhares tendo em vista a desalienação mas também novos procedimentos de ação na construção e na difusão de mensagens, na socialização de conhecimentos técnicos (e outros) e na instituição de novas relações sociais de produção que põem em suspensão a hierarquia e a burocracia tradicional. As possibilidades de novos formatos, principalmente por meio

de mecanismos do hipertexto e alta interatividade, dão novo ânimo e nova cara. A comunicação comunitária é parte de um processo amplo de mudanças que atualiza o interesse social por democracia, inclusive a comunicacional. Novas práticas atualizam as formas de comunicação de segmentos subalternos da sociedade e aprimoram as proximidades entre a comunicação popular e a comunitária.

Como forma de integração da teoria com a prática o projeto aplicado no pensionato Nossa Casa ilustra de maneira simples e realista a maneira com que o avanço da tecnologia impactam diretamente cada vez mais o nosso cotidiano. Iniciativas assim afetam os mais diversos públicos e tópicos, como educação e cultura, que possuem como fator crítico para seu funcionamento a colaboração e a interação entre os usuários, criando relações sociais.

2. METODOLOGIA

O projeto foi aplicado por um grupo de três alunos de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas, um do 5º e os outros dois do 7º semestre do curso para a avaliação final da disciplina optativa de Educomunicação. A metodologia aplicada para realização do projeto foi em duas etapas: primeiro um encontro expositivo e teórico e o segundo para avaliações.

O primeiro encontro ocorreu dia 17 de julho na sala do pensionato, reunimos as quatro participantes e os integrantes do grupo para uma breve apresentação de cada um dizendo nome, idade, cidade natal e o que estuda na UFPel. Após apresentações começamos o desenvolvimento da proposta e sua aplicação. O material da apresentação que ministramos foi disponibilizado em PDF e compartilhado na tela da Tv da sala para que todos pudessem visualizar. Foi realizada uma breve apresentação sobre Redes Sociais com referências de RECUERO (2014) do artigo intitulado “Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook”. Seguindo nessa linha, apresentamos um vídeo do Fernando Grostein Andrade que conceitua o que é Fake News e logo após partimos para questionamentos e reflexões acerca dos cuidados que devemos ter com o que é compartilhado nas redes. Foi apresentado o caso de Fabiane de Jesus, uma vítima do efeito das Fake News, para ilustrar e aproximar da realidade brasileira. As ouvintes participaram ativamente durante o processo e na conclusão da apresentação refletiram que quando se trata de compartilhar notícias, não se deve ser leviano, que quando fazemos isso, assumimos a responsabilidade pelo que compartilhamos.

No terceiro momento, conversamos com as participantes sobre a proposta do projeto e o produto de mídia que a comunidade delas deveria fazer (tarefa obrigatória na avaliação final da disciplina). Com unanimidade, a ideia de fazer um perfil colabo-



rativo da pensão no Instagram foi aprovada. Explicamos como funciona plataforma e sua interface, felizmente, todas já possuíam perfil pessoal na rede, o que facilitou na prática da atividade. A proposta de conteúdo feita a elas foi que compartilhassem um pouco da rotina com imagens das ruas da cidade, de alguma atividade que realizam na pensão, etc. Juntamente com a foto, solicitamos que a usuária que for compartilhar deixe também uma reflexão e no final finalize com emojis e hashtags, ambos artifícios importantes para maior alcance na plataforma. Na mesma noite, auxiliamos as participantes na criação do perfil e a escolha do nome e avatar ficou por conta delas que intitularam de “Cafofo 2548”.

O segundo encontro ocorreu dia 24 de julho novamente na sala do pensionato com as quatro participantes do projeto e o grupo de alunos responsável pela monitoria. Esse encontro girou entorno dos feedbacks sobre o processo do projeto até o produto final, houve diálogo e muita troca de experiência entre as participantes. É importante ressaltar, que durante o período que não tivemos encontro com as participantes, foi criado um grupo no WhatsApp com todos para auxiliar em qualquer dúvida e acompanhar o andamento do produto midiático.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No perfil colaborativo do Instagram, obtiveram 35 seguidores, 3 imagens postadas e utilizaram o recurso de Stories da plataforma para compartilhar receitas e dicas de filme. Utilizaram a redação em todas as etapas, colocando legendas nas fotos, emojis e hastags conforme solicitamos.

Desde o convite feito ao encontro de avaliação, as participantes do projeto se disponibilizaram e se propuseram a realizar a tarefa da melhor forma. É importante ressaltar o vínculo que foi ainda mais fortalecido entre as participantes durante as atividades. Embora o grupo de participantes da comunidade tenha sido pequeno, foi de grande valia a proposta do projeto. Quando explicamos o que gostaríamos que elas produzissem, e que era uma oportunidade de emprestarem um olhar sobre a cidade que iria ser diferente da dos pelotenses, elas demonstraram ainda mais interesse por muitas vezes terem a carência de expor situações e não terem um canal para isso.

O conteúdo produzido pelas participantes foi simples, em virtude de todas possuírem uma rotina corrida cada uma utilizou seu celular para fazer as imagens e edição de cada post. A produção de conteúdo teve dentro os temas: gastronomia, paisagens de Pelotas, curiosidades do pensionato e pensamento do dia. Outro ponto que deixamos à critério delas foi assinar ou não cada postagem, todas concordaram em deixar no anonimato e nosso grupo respeitou a escolha das participantes.

O projeto foi de extrema valia, pois levamos para uma comunidade de pes-



soas que muitas vezes se sentem extremamente solitárias por não estarem inseridos em suas culturas originais, um canal de comunicação para que possam expor o seu cotidiano, relatando experiências pessoais, da comunidade, e até mesmo da cidade. No segundo encontro, observamos o resultado entre elas que por meio de seus diferentes sobre Pelotas e o pensionato em que vivem, fez com que houvesse maior diálogo e aproximação, criando uma afetividade e união ainda maior.

4. CONCLUSÕES

O objetivo deste projeto foi aproximar e compartilhar ideias de universitárias que não são de Pelotas e moram juntas em uma pensionato no centro da cidade através de um perfil colaborativo no Instagram. O envolvimento das participantes foi excelente, o que culminou para o êxito ao encerramento do projeto. Tanto as discussões que o grupo proponente apresentou, quanto os questionamentos e manifestações das participantes, culminaram para a realização dessa comunicação comunitária por meio do produto midiático. Além disso, por meio do projeto foi possível dar visibilidade a uma forma de moradia que é muito comum na cidade, os pensionatos, e também a vida de estudantes de fora de Pelotas. Uma forma simples de comunicar com esse público que anualmente aumenta na cidade e é acolhido.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RECUERO, Raquel. **Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook**. Verso e Reverso (Unisinos, Online), v. 28, p. 114-124, 2014.

PERUZZO, C. M. K. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 17, p. 131-146, 2009.

PERUZZO, C. M. K. **Comunidades em tempo de redes**. Livro Comunicación y movimientos populares: ¿Quais Redes?, Porto Alegre (Editora Unisinos), p. 275-298, 2002.



PEQUENOS GRANDES OLHARES A EDUCOMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

NATÁLIA GUTERRES PONTES;
SILVIA MEIRELLES LEITE

Universidade Federal de Pelotas – nataliaaguterresp@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas– silviameirelles@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Projeto Pequenos Grandes Olhares tem como objetivo promover uma leitura do espaço escolar através da fotografia, buscando trabalhá-la com alunos do Ensino Fundamental como um meio de comunicação favorável para a educação. Para isso, tem-se como referência a Educomunicação, que tem como essência o desenvolvimento humano, pressupondo o compartilhamento livre das informações, dentro da ideia de que o conhecimento é para todos.

A Educação e a Comunicação andam juntas, logo não seria possível imaginar o fazer da Educação sem o uso da Comunicação. O educador, pode ser considerado um comunicador, pois sua responsabilidade é mediar e propor situações onde existe comunicação fluida para se construir conhecimento. E a comunicação também não pode existir sem educação, já que toda a comunicação é educativa, mesmo que o conteúdo não nos agrade.

A Educomunicação é uma forma de conhecer e compartilhar o conhecimento usando estratégias de comunicação social e educação, através da implantação de elementos da comunicação na sociedade, como por exemplo, oficinas fotográficas. SOARES afirma que,

O desenvolvimento tecnológico criou novos campos de atuação e espaços de convergência de saberes. [Nesse sentido] reconhecemos a inter-relação entre comunicação e educação como um novo campo de intervenção social e de atuação profissional, considerando que a informação é um fator fundamental para a educação.

(SOARES, 2002 p. 17).

Nesta perspectiva, o projeto visa mostrar o efeito transformador da Educomunicação através da fotografia, trazendo um olhar dos estudantes sobre a escola. O projeto foi desenvolvido na escola Instituto estadual de Educação Assis Brasil, com 14 alunos, com idade entre 7 e 9 anos do 3º ano do Ensino Fundamental. A oficina teve como objetivo principal proporcionar aos alunos conceitos básicos de linguagem e composição fotográfica.

A fotografia é um dos principais meios para a informação, comunicação, expressão ou registro que alcança boa parcela da sociedade e que possui uma grande

credibilidade junto à mesma, devido ao seu contexto histórico social. A construção de uma imagem fotográfica dá aos alunos a oportunidade de dar voz as suas expressões. São diversas as formas de registro de um mesmo espaço, pois a construção de uma imagem varia de acordo com as individualidade de cada um, todos temos bagagens culturais e histórias únicas, isso tudo reflete ao se construir uma imagem. Segundo GOMBRICH,

a imagem visual não é uma simples representação da realidade e sim um sistema simbólico, desvendado pelo indivíduo que, em função de sua cultura e de sua história pessoal, incorporou modos de representação e potencialidades de leitura que lhe são próprios. (GOMBRICH, 1986 p. 323).

O fotógrafo não é apenas alguém que opera máquinas fotográficas, ele interpreta e registra momentos de acordo com suas próprias experiências e referências. Assim como o receptor dessas imagens faz suas próprias leituras, de acordo com sua bagagem cultural, pois a imagem fotográfica é o sistema simbólica da representação da realidade.

2. METODOLOGIA

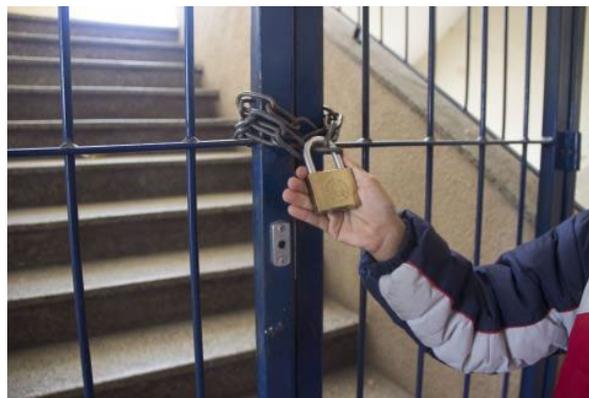
Ao longo do projeto tivemos quatro encontros, nos quais a dinâmica de conversa foi em roda, sempre estimulando o trabalho em equipe. No primeiro encontro apenas conversamos e fizemos as apresentações. No segundo fizemos um passeio pela escola para instigar a criatividade e a leitura do espaço em que eles iriam fotografar, no terceiro encontro tivemos a oficina de fotografia que teve o auxílio de um fotógrafo profissional, Guilherme Bittencourt. É importante ressaltar que eles usaram máquina fotográfica na atividade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina proposta abriu espaço para os alunos desenvolverem um senso crítico sobre a escola. Todos eles se mostraram muito curiosos e inteligentes, usaram do seu conhecimento e da sua criatividade para desenvolver a atividade. O filósofo e teórico da comunicação canadense, McLuhan (2005), afirma que aquele que fotografa sempre impõe padrões a seus temas, sendo que embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas as interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos, por exemplo.



Abaixo, são apresentadas algumas fotos tiradas pelos alunos:



Pode-se afirmar que os resultados descritos a seguir foram possibilitados pela educomunicação. Durante o projeto buscou-se trabalhar o olhar crítico sobre a comunidade escolar, ao observarem a escola com mais calma e com o propósito de intervenção. Também se enfocou a fotografia como ferramenta de expressão e comunicação e as noções básicas da fotografia: enquadramento, composição e foco e os tipos de fotografia: retrato e fotojornalismo. Por fim, investiu-se no trabalho em equipe, pois todas as atividades foram em grupos.

4. CONCLUSÕES

O Objetivo do projeto de trazer o olhar dos alunos sobre a escola foi atingido e nosso próximo passo é expor esse trabalho, através de uma exposição de fotos dentro da escola. A necessidade de inovação na educação é evidente. Quando falamos de inovação não é apenas com a inclusão de novas tecnologias, mas de inclusão social, seja no ambiente escolar ou extra-escolar, possibilitando que o aluno reflita sobre o mundo em que ele está inserido. Apesar da fotografia ser presente no dia a dia dos alunos e



da professora, ainda não é vista como um instrumento capaz de educar e transformar relações sociais no ambiente escolar e na comunidade em que estão inseridos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MCLUHAN, Marshal. Os meios de comunicação como extensão do homem. São Paulo: Cultrix, 2005.

GOMBRICH, Ernest. Arte e ilusão. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo! Sistematização da Experiência em Educomunicação. Brasília, agosto de 2010.

Acessado em 27 jun de 2018. Online. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/br_educomunicacao.pdf

SOARES, Ismar Oliveira. GESTÃO COMUNICATIVA E EDUCAÇÃO: CAMINHOS DA EDUCOMUNICAÇÃO. Comunicação & Educação, São Paulo: 16 a 25, jan./abr. 2002.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comeduc/article/view/37012/39734>. Acesso em: 22/08/2018



“OLHARES ESPECIAIS” OFICINA DE FOTOGRAFIA NA ESCOLA DE INCLUSÃO DA UFPEL

PAULAINÉ OLIVEIRA DE LIMA¹; LORENA ALMEIDA GILL²

¹Universidade Federal de Pelotas – paulaine.lima@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Escola de Inclusão da UFPEL surgiu em 2015, através de uma demanda de um espaço que promovesse integração entre a comunidade externa e a comunidade acadêmica da Universidade. Promovida pela então, à época, assessora da reitoria, a Prof^a Dr^a Lorena Almeida Gill, em conjunto com os representantes da Associação de Pais e Amigos de Jovens e Adultos com Deficiência (APAJAD), a Escola de Inclusão tem por objetivo fornecer, através de atividades pedagógicas, ações que fomentem o desenvolvimento dos alunos e que promovam a socialização dessas pessoas com mais de 25 anos, que possuem deficiências, como Síndrome de Down, Autismo e Paralisia Cerebral e que, por terem uma idade mais avançada, já não são atendidos por outras entidades.

O presente trabalho relatará sobre a oficina de fotografia ministrada aos alunos da Escola, realizada entre agosto de 2015 e agosto 2017, no campus Anglo da Universidade Federal de Pelotas, pela discente de Cinema e Audiovisual da mesma instituição, Paulaine Oliveira de Lima, sob orientação da Prof^a Dr^a Lorena Almeida Gill, tutora da referida aluna no Programa de Educação Tutorial (PET) no grupo Conexões de Saberes Diversidade e Tolerância, ao qual este projeto está vinculado.

A oficina, em primeiro momento, teve por objetivo identificar a familiaridade com o equipamento fotográfico, apresentá-lo e, ainda, identificar as facilidades e dificuldades individuais dos alunos no ato de fotografar, buscando fornecer as condições mínimas para executar as atividades práticas e desenhar um projeto que atendesse as especificidades de cada aluno. Já no segundo momento, foram elaborados encontros temáticos para as fotografias e os alunos foram divididos em duplas, tanto por afinidade, quanto para que pudessem auxiliar uns aos outros e suprir eventuais necessidades. Os encontros ocorriam semanalmente, às terças-feiras, com uma duração de aproximadamente duas horas.

Ao final de um período de dois anos, considerando a entrada e saída de alunos, foram um total de 12 participantes com maior incidência e destes, foram escolhidas entre duas e três fotos por tema, para compor uma exposição, que foi o produto final da oficina, pensada para promover visibilidade à Escola de Inclusão e proporcionar aos alunos a experiência de exibir suas realizações para toda a comunidade.

2. METODOLOGIA

Em primeiro momento, realizou-se uma reunião com os representantes da APAJAD, para que o projeto fosse apresentado e assim obter aprovação para sua implementação.

O projeto inicial contava com apenas 1h de oficina às terças, porém, observada a quantidade de alunos e a diferença de tempo de aproveitamento entre os grupos, a oficina passou a durar cerca de 1h30 a 2h, sempre às terças.

As primeiras aulas foram destinadas à apresentação do equipamento, sobre como utilizá-lo com segurança e efetividade. Porém, tal instrução repetiu-se ocasionalmente, devido ao ingresso de novos alunos à escola ou por restrições ligadas às deficiências de alguns alunos, que dificultam a memorização dos procedimentos.

Entre as atividades da oficina, também foram utilizados outros recursos audiovisuais como motivadores, tais como elaboração de histórias e personagens e sessões de filmes, sem relação com fotografia, mas que otimizavam as relações interpessoais da turma. Tal abordagem visava que, através da construção de intimidade entre os alunos em momentos de descontração, facilitaria o contato dos grupos nas sessões de fotografia, medida que mostrou-se bastante efetiva.

Passado um período de aproximação e reconhecimento do equipamento, foram apresentados aos alunos temas para guiarem suas fotografias. As temáticas foram elaboradas em formato de perguntas, sendo estas “Como eu vejo o Anglo?”, “O que eu acho bonito?”, “O que eu mais gosto?”, “O que eu acho diferente?”, “O que me dá mais medo?”, “O que parece desconhecido?”.

O espaço destinado para fotografar foi o todo interior e o exterior do campus Anglo da Universidade Federal de Pelotas, e os alunos circulavam livremente, sempre em duplas, com aproximadamente 20 minutos para cada um, acompanhados pela ministrante, que auxiliava apenas na operação do equipamento, porém a escolha dos espaços fotografados era exclusivamente feita pelos alunos.

Durante todo o projeto os alunos utilizaram apenas uma câmera semi profissional, da marca Nikon, modelo D500 e de lente comum. Houve a possibilidade de utilizar uma câmera profissional, porém tal equipamento demandava variação de lentes, algo que nos primeiros contatos com a câmera, verificou-se que dificuldades motoras no manuseio da mesma, seriam significativas no aproveitamento dos alunos e para garantir que todas as imagens tivessem a mesma qualidade, optou-se por utilizar uma mesma câmera, porém de modelo mais simples.

Ao final de dois anos, as fotos coletadas foram analisadas e selecionadas para a realização de uma exposição, intitulada “Olhares Especiais”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devido a troca de alunos da Escola de Inclusão, na qual chegaram e saíram integrantes no período de execução da oficina, apenas 12 participantes obtiveram aproveitamento de todos os temas trabalhados. Contudo, observou-se uma melhora de coordenação motora dos alunos em relação ao equipamento e também, uma maior familiarização com o mesmo.

No início da oficina, muitos mostravam-se tímidos e desconfortáveis em relação a câmera e ao ato de fotografar. Nos últimos dias de realização, todos se mostravam interessados em continuar fotografando e solicitaram a continuação dos estudos audiovisuais, com oficinas de vídeo.

Juntamente à continuidade das atividades com oficinas de vídeo, a coletânea das fotos temáticas, resultou em uma exposição para a comunidade acadêmica e externa, realizada na galeria do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas.

Recebendo o nome de “Olhares Especiais” a exposição teve duração de uma semana e contou com cerimônia de abertura e a cobertura de mídias locais. A ideia foi construída, com o intuito de proporcionar aos alunos a experiência de exibirem suas fotografias como profissionais e também trazer maior visibilidade à Escola de Inclusão, instigando a aproximação de voluntários para novas oficinas.

4. CONCLUSÕES

A experiência de ministrar uma oficina de fotografia em um período de dois anos, acompanhou um longo período dentro da graduação em Cinema e Audiovisual, o que proporcionou um alto desenvolvimento das habilidades aprendidas em aula.

Na busca por práticas pedagógicas adequadas ao público da oficina, houve um desenvolvimento profissional e pessoal da proponente. E as técnicas desenvolvidas por esta podem, através de estudos posteriores, auxiliar novos projetos semelhantes.

A fotografia, além de recurso audiovisual, é também ferramenta de socialização. Torná-la acessível e inclusiva é um primeiro passo para uma sociedade cada vez mais capaz de dialogar entre si e sem distinções.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

CARTIER-BRESSON, H. O Imaginário segundo a Natureza. Moscou, 2014.



Resumo de Evento

TELES, A. M. O Uso da Fotografia como Instrumento de Inclusão Social – uma Experiência com Adolescentes de uma Comunidade de Baixa Renda na Cidade de Blumenau/SC. In: VIII INTERCOM, Passo Fundo, 2007.

Documentos eletrônicos

USP. A Fotografia como Retrato da Sociedade. Revista USP Digital, São Paulo, 23 fevereiro. 2013. Especiais. Acessado em 15 mar. 2015. Online. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12738.pdf> Acesso em 9 de setembro de 2018.



UNINDO INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO: JORNAL ESCOLA

RAFAEL TECHERA DE MELO GONÇALVES¹; VERNIHU OSWALDO PEREIRA NETO²; TATIANE VAZ FEIJÓ³; SILVIA MEIRELLES LEITE⁴;

¹Universidade Federal de Pelotas- rafaeltmgon@gmail.com ;

²Universidade Federal de Pelotas- vernihu.pereira.oswaldo@gmail.com ;

³Universidade Federal do Pampa- tatiunipampa@gmail.com ;

⁴Universidade Federal de Pelotas – silviameirelles@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto “Unindo informação e educação: jornal escola” tem como objetivo trabalhar com jovens do ensino público noções básicas do jornalismo, principalmente do telejornalismo. Nessa perspectiva, enfoca-se as etapas de produção de uma reportagem, o modo de se portar perante as câmeras e a função do jornalismo. Para tanto, criou-se o projeto “Jornal da Escola”, que entrevistou em uma escola estadual levando para os alunos de uma turma do sexto ano a oportunidade de conhecer princípios básicos do telejornalismo. Junto a isso, trabalhou-se nas gravações das reportagens, fazendo com que os alunos se portassem em frente às câmeras e exercessem as diferentes funções do telejornalismo.

A instituição escolhida foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Francisco Simões, situada no centro da cidade de Pelotas/RS, que atende principalmente alunos da classe média baixa. No projeto trabalhou-se com a turma “61” que conta com 18 alunos, sendo um deles autista.

Unir comunicação e educação nos parece uma excelente oportunidade de humanizar o jornalismo e de tornar os conteúdos curriculares mais táteis para os alunos, demonstrando as aplicações possíveis. Dentro dessa perspectiva, investe-se na Educomunicação. O pesquisador Ismar Soares caracteriza a educomunicação como:

conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer “ecossistemas comunicativos”, qualificados como abertos e participativos, garantidos por uma gestão democrática dos processos de comunicação nos diferentes ambientes de relacionamento humano (envolvendo, no caso, em igualdade de condições, a comunidade como um todo, seja ela educativa ou comunicativa); ampliar o potencial comunicativo e as condições de expressividade dos indivíduos e grupos humanos, mediante práticas culturais e artísticas, assim como através do uso dos recursos disponibilizados pela era da informação, tendo como meta prioritária o reconhecimento do protagonismo infantojuvenil; favorecer referenciais e metodologias que permitam às comunidades humanas relacionarem-se, enquanto sujeitos sociais, com o sistema midiático (SOARES, 2014b, p. 17).

A educomunicação busca, a partir da união da educação com a informação, dar novos horizontes para os jovens, mostrar que existem outros caminhos além dos que a violência e a miséria oferecem. Ou seja, prega um ambiente mais democrático, com orientadores e orientados trabalhando em conjunto. Neste projeto, considerou-se essa questão, ao longo dos encontros foram feitas aulas expositivas e interativas acerca da profissão jornalística, escutando sempre o lado dos alunos sobre suas visões a respeito da profissão e como gostariam de exercer o projeto. Foram respeitados os desejos dos alunos sobre as funções a serem exercidas no telejornal.

Dentro dessa proposta, optou-se por trabalhar com o telejornalismo, por ser o meio que os alunos mais têm contato, podendo usar situações de seu cotidiano para apresentarmos teorias e técnicas.

2. METODOLOGIA

Todos os alunos da turma participaram da atividade, que durou três semanas e teve quatro encontros, os quais foram realizados entre 28 de Junho e 12 de Julho. Os alunos foram divididos em quatro grupos, sendo que cada um realizou uma atividade complementar. No final, alguns alunos realizaram a gravação da abertura do telejornal e de algumas entrevistas. Além disso, durante os encontros, aconteceram oficinas de texto, de filmagem e de atuação. Procuramos fazer toda a preparação com os alunos, incluindo maquiagem e oficinas de atuação. O tema geral abordado foi a Copa do Mundo, que estava sendo trabalhado pelos professores das diferentes disciplinas. Com o trabalho e com o contato com os alunos pudemos, não apenas trabalhar conceitos do jornalismo e das matérias curriculares, como também, abordar temas polêmicos. Quebrando paradigmas que, para eles, eram evidentes como meninas não usarem maquiagem, mas ao ver as meninas serem maquiadas os próprios procuraram a profissional maquiadora e pediram para passar pelo tratamento também. Tivemos o apoio de toda a escola especialmente das professoras Tatiane (matemática), Grace (português) e Andrea (geografia), que cederam aulas para a realização do projeto. Para uma melhor compreensão do processo, os encontros serão descritos a seguir.

Na primeira aula fizemos a apresentação do projeto, dividimos os grupos e escolhemos os temas a serem abordados. As crianças receberam muito bem o projeto e ficaram animadas com o tema (Copa do Mundo). Já na primeira aula começamos a desenvolver as atividades complementares e os textos. No segundo encontro, foi feita uma oficina de texto, após, fizemos gravações preliminares apenas para mostrar para os alunos como se portar frente a câmera e para fazer com que eles percam a vergonha. No terceiro encontro, realizamos a oficina de filmagem e ensinamos os alunos a se portar frente a câmera e a utilizar os celulares para filmar. No segundo momento da



aula fizemos as gravações das reportagens, sendo que os próprios alunos gravaram. No último encontro, os alunos gravaram a abertura e as chamadas do telejornal e fizeram as sonoradas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aceitação do projeto por parte dos alunos, foi mais do que satisfatória. Todos muito empolgados com suas funções, exercendo até mesmo trabalhos extra-classe por conta própria. Em todos os encontros, todos os alunos fizeram suas tarefas, interagiram e se empenharam em toda a produção das suas reportagens.

Seguindo alguns dos pilares da educomunicação, como a educação para a recepção crítica, por exemplo, explicamos qual era a função de um jornalista. Observou-se que, para os alunos, a profissão de ator e de jornalista eram correlacionadas. Ao serem avisados sobre a presença de uma colega que exercia a função de repórter na TV Câmara de Pelotas, a primeira pergunta feita foi: “Ela já fez alguma novela?”. Expondo a necessidade de serem instruídos para um entendimento crítico sobre o jornalismo que os rodeia em todas as mídias.

As crianças, desde o início, demonstravam uma mistura de medo e encantamento pela câmera, para elas aquilo era um objeto muito longe da realidade, presente apenas na imaginação. Com o passar das aulas essa fantasia foi se transformando e, para alguns, virou um objeto de desejo. Desejo de aprender algo, seja editar, atuar ou, simplesmente, filmar.

Após o encerramento do projeto, quando mostramos a eles o vídeo final produzido eles escreveram recados para nós comentando o que acharam do projeto. Em todas as cartinhas duas mensagens foram repetidas: elogios ao projeto e pedidos para que ele continue. Um exemplo de carta escrita por um aluno participante é apresentado na Figura 1. Algumas crianças também expressaram o desejo de “ser jornalista quando eu crescer”.

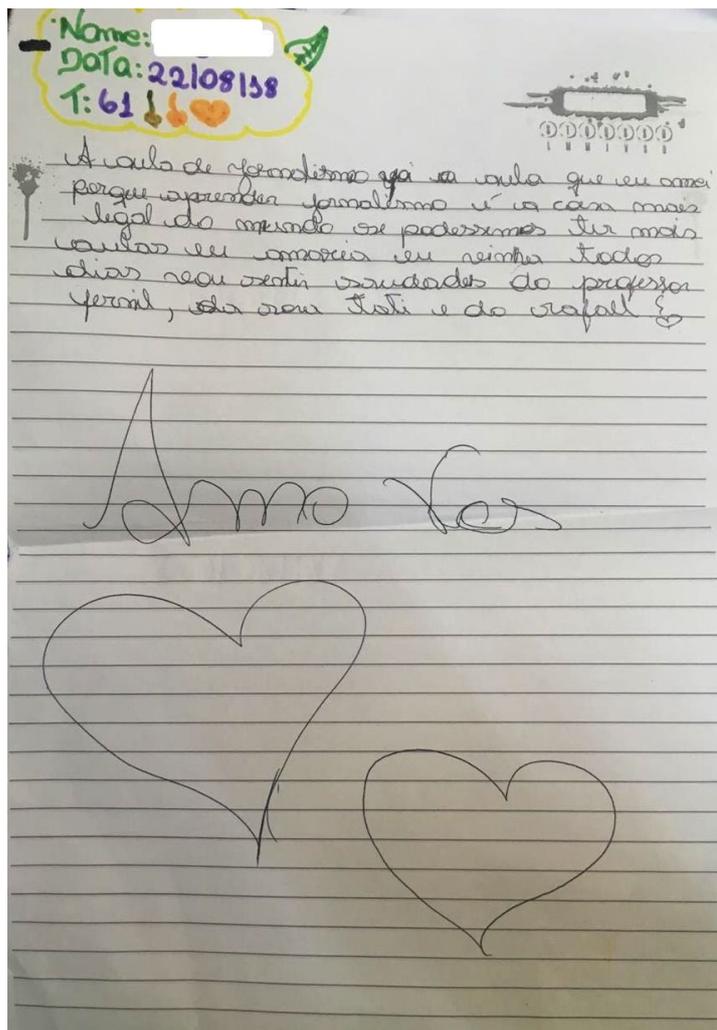


Figura 1: Carta elaborada por um aluno avaliando o projeto.

Aprendemos muito com as crianças, todos podem nos passar algum conhecimento, especialmente quando trabalhamos com algo tão volátil e inexato como a comunicação. Com essa experiência, podemos tentar passar nossos conhecimentos com a linguagem audiovisual, mas somos soterrados pela avalanche de amor que eles nos oferecem.

4. CONCLUSÕES

O objetivo inicial ao adentrarmos as portas da E.E.E.F. Francisco Simões era mostrar para os alunos o telejornalismo de um novo ângulo. Trabalhamos com uma abordagem “de trás das câmeras”, buscando apresentar todo o processo de construção da informação até se tornar notícia e, principalmente, para que observem que os conhecimentos recebidos na escola conversam com o mundo real, percebam suas aplicações e assim se interessem mais.



Passamos três semanas produzindo um único telejornal, se para fins práticos esse tempo possa ser considerado lento, para fins didáticos tivemos sucesso. As crianças aprenderam todo o processo, desde a produção de textos, de elementos constituintes, de filmagem e atuação. Por outro lado, nós, como estudantes de jornalismo, aprendemos com essa experiência que a comunicação pode ter várias verdades, tudo depende do ângulo pelo qual se observa. As crianças nos mostraram um lado totalmente diferente do abordado, tradicionalmente, pela academia. Com a ajuda de profissionais de diversas áreas conseguimos explorar assuntos delicados e até quebrar tabus. O resultado final surpreendeu a todos e a partir do feedback dado pelas crianças e pelos outros profissionais da escola podemos concluir que o projeto teve sucesso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOARES, IO. Educomunicação: Um Campo de Mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, p. 12 - 24, 2000.

RIBEIRO, EF. ALENCAR, YA. Projeto de Educomunicação na escola: experiência do gênero documentário com os alunos da E.E.E.F.M Ademar Veloso da Silveira. **INTERCOM**, Caruaru, 2016. Comunicação, Espaço e Cidadania.



A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO FORMA DE ENGRANDECIMENTO PROFISSIONAL

RAPHAEL HENRIQUE DO ROSÁRIO GONÇALVES¹;
MATHEUS BLAAS BASTOS²;
JOÃO FERNANDO IGANSI NUNES³

¹Universidade Federal de Pelotas – rhr.goncalves@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - mbbastos21@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – fernandoigansi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como intuito, demonstrar parte dos materiais gráficos desenvolvidos dentro do Programa de Divulgação e Registro em extensão, como extensionista da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC). Os materiais realizados na extensão visam o enriquecimento do repertório cultural tanto da população acadêmica quanto da população não acadêmica. Os mesmos foram desenvolvidos a partir do fruto de estudos e técnicas desenvolvidas dentro do curso de Design Gráfico, pela Universidade Federal de Pelotas e aplicadas na extensão universitária; desenvolvidos no período de outubro de 2017 a setembro de 2018, o intuito dos materiais gráficos é apresentar com clareza e objetividade resultados de conteúdos planejados e desenvolvidos pela sociedade acadêmica.

2. METODOLOGIA

Os materiais desenvolvidos na extensão passam por uma avaliação, no qual levantamos quais ferramentas devem ser usadas para executar a peça gráfica. Uma vez que definida a ferramenta de construção a ser utilizada, alguns fatores como imagens, uso das cores e tipografia são estudadas.

É necessário atentar à relação da figura e fundo, uma vez que os mesmos são fatores importantes no processo de percepção visual (LUPTON, 2008, p. 85). A autora ainda defende o uso das cores, que podem ser usadas para destacar ou camuflar algumas informações. O design Fabio Haag defende que a tipografia deve ser tão expressiva quanto a sua funcionalidade, além de permitir ao leitor boa legibilidade, atentando ao uso de fonte sem serifa, com bom contraste entre a tipografia e a superfície na qual se encontra e também ao seu tamanho (O'GRADY, 2008).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os materiais são desenvolvidos de acordo com as necessidades de demanda



da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura; a revista acadêmica Expressa Extensão⁴ é planejada e publicada trimestralmente. Conforme o edital que explicita a temática da edição pertinente ao trimestre é disponibilizado à comunidade acadêmica no site da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, são levantadas questões projetuais como diagramação da estrutura editorial, cores a serem usadas na edição, uso da tipografia, revisão de textos, imagens ilustrativas, etc.; no período de outubro de 2017 a setembro de 2018 foram publicadas quatro edições da Expressa Extensão, disponibilizadas à toda população.

A criação da marca e identidade visual da Mostra Universitária de Artes: Arte Sul Coexistir, com orientação do professor doutor João Fernando Igansi Nunes, foi um trabalho que envolveu pesquisa e planejamento para avaliar qual a melhor estratégia para executar a diagramação do material de divulgação; foi então criado um cartaz/ folder, com a dimensão de 54 cm x 75 cm, contendo além das informações pertinentes a locais, datas e horários de realização da mostra, 48 imagens das obras que foram expostas, para que o visitante pudesse levar consigo parte da experiência proporcionado pelas exposições.

Além dos anteriormente citados, outros materiais como chamadas para eventos, editais, etc. foram realizados paralelamente com as editorações expostas.



Figura 1 – Capas revista Expressa Extensão. Fonte: Site Expressa Extensão

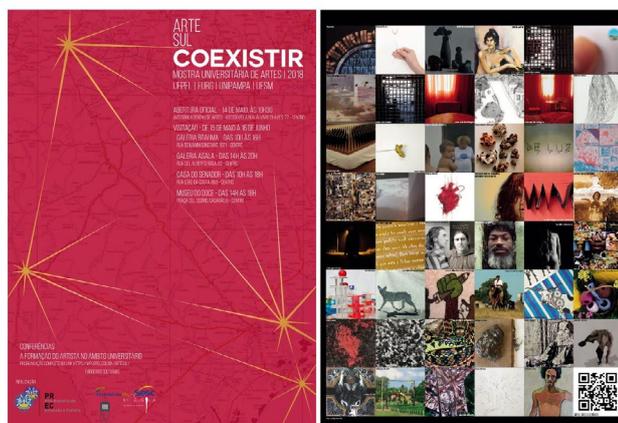


Figura 2 – Cartaz/folder Mostra Universitária de Artes: Arte Sul Coexistir. Fonte: Site Arte Sul Coexistir.

⁴Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao>. Acesso em: 08/09/2018



Figura 3 – Chamada Submissão de texto Coleção Extensão e Sociedade - Fronteiras. Fonte: Site Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.

4. CONCLUSÕES

A partir das reflexões anteriormente feitas, é possível avaliar um grande enriquecimento tanto pessoal quanto profissional. Foi possível aprender novas técnicas na área do design e também em outras áreas, com viés artístico, científico, etc. que aumentaram o repertório como designer; os benefícios da extensão abrange ao mesmo tempo a sociedade acadêmica e não acadêmica, além do discente que tem a oportunidade de aplicar seus conhecimentos em um ambiente propício para explorar técnicas abordadas dentro da sala de aula.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer. Novos fundamentos do design. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

VISOCKY O'GRADY, Jennifer; VISOCKY O'GRADY, Kenneth. The information design handbook. Ohio: How Books, c2008. 223 p. ISBN 160061048X.

Documentos eletrônicos

Arte Sul Coexistir. Sobre. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/artesul/>>. Acesso em: 09/09/2018

Expressa Extensão. Edições Anteriores. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/issue/archive>>. Acesso em: 09/09/2018.

HAAG, Fabio. Sobre. Disponível em: <<https://fabiohaagtype.com/pt-br/sobre/>>. Acesso em: 09/09/2018.

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Coleção Extensão e Sociedade: Fronteiras. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/prec/2018/03/29/colecao-extensao-e-sociedade-fronteiras/>>. Acesso em: 09/09/2018

VOCÊ ESTÁ AQUI: 92ª EXPOFEIRA

ROMULO RUAN VELHO GUEDES¹;
JOANNA DE OLIVEIRA BORGES VOLOSKI²;
DIANA LOPES PIRES³;
LARISSA DE CARVALHO RAULINO⁴;
ROGER LANGONE LEAL⁵;
JOÃO FERNANDO IGANSI NUNES⁶;

¹Universidade Federal de Pelotas – romulovelhog@gmail.com;

²Universidade Federal de Pelotas – jovoloski@gmail.com;

³Universidade Federal de Pelotas - deedee.lpires@gmail.com;

⁴Universidade Federal de Pelotas - larissa.m.carvalho@hotmail.com;

⁵rogerlangone@hotmail.com;

⁶Universidade Federal de Pelotas – fernandoigansi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, “Você está aqui: 92ª Expofeira”, resultado da parceria estabelecida entre a Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) e a Associação Rural de Pelotas (ARP), através da Coordenadoria de Arte e Inclusão da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), inter-secciona o diálogo acerca das atividades de agronegócio e desenvolvimento da terra com os princípios básicos para execução de projetos em sinalização provisória em espaços externos, ou seja, em definição: antecipar a ação do sujeito visitante, garantindo a este estética e comunicação eficaz. Nesse sentido, a proposta pretende desenvolver-se a partir do diálogo com os agentes do evento, fornecendo uma prestação de serviço que garanta a interlocução do ensino aplicado com a comunidade e formando público ao ofício do design. Através desta proposta, qualifica-se o conhecimento acadêmico que, não raras as vezes, impulsiona as pesquisas e respectiva evolução das ciências e das culturas. Os conceitos eleitos para o desenvolvimento do projeto foram “diferença” e “pregnância”. Diferença pela singularidade das informações e pregnância formal e cromática.

Dentro da Coordenação de Arte e Inclusão - PREC objetiva-se, aqui em potência, atender aos pressupostos de uma comunicação visual que aposta no aprendizado do código, tal qual os modelos seguidos pelas teorias de Otto Neurath (1882-1945), autor de um tipo de sistema de linguagem pictórica intitulado ISOTYPE (International System of Typographic Picture Education). Ricardo Cunha Lima, em seu texto intitulado Otto Neurath e o legado do ISOTYPE¹, explica e nos faz compreender os vetores seguidos pelo desenvolvimento desta proposta, alertando-nos, no cap. 4. O Sistema ISOTYPE, para as regras do sistema:

¹https://www.researchgate.net/publication/231219874_Otto_Neurath_e_o_legado_do_ISOTYPE

No International picture language /Internationale Bildersprache, publicado em 1936 em Londres, Neurath descreve detalhadamente o sistema ISOTYPE, deixando claro que esse sistema foi criado como auxílio à educação. O sistema ISOTYPE era composto por uma determinada configuração de símbolos pictográficos que Neurath chamava de “signos”, que poderiam ser modificados dependendo do contexto da informação a ser descrita. Esses pictogramas eram organizados seguindo uma sintaxe precisa desenvolvida por Neurath e sua equipe. O sistema ISOTYPE deveria, primeiramente, oferecer os fatos mais importantes da proposição que estivesse descrevendo e, para tanto, o designer deveria seguir as regras propostas no sistema.

Foi composta uma equipe de designers para o desenvolvimento da projeto, dedicados a pensar sobre como identificar, classificar e analisar o espaço do parque da Associação Rural de Pelotas. A elaboração do projeto parte do conceito de wayfinding, que diz respeito a uma concepção que compreende todos os processos perceptivos, cognitivos e de tomada de decisão indispensáveis para que o usuário do sistema encontre o caminho e alcance o destino (ARTHUR; PASSINI, 1992).

A partir das considerações aqui mencionadas, o objetivo do projeto é desenvolver um sistema de sinalização para a 92ª Expofeira de Pelotas, localizada na Associação Rural de Pelotas.

2. METODOLOGIA

A fim de satisfazer o objetivo da projeto, serão empregados os métodos descritos neste capítulo e divididos em duas etapas: (i) Identificação do espaço, setorização, conceituação do projeto, reconhecimento do fluxo e design gráfico e (ii) definição de materiais e orçamentos, identificação cronograma de produção e implementação e avaliação pós implantação

Conforme as indicações metodológicas de Joan Costa (COSTA, 2007), para a facilitar a compreensão direta do espaço, o parque foi devidamente setorizado através de tons cromáticos, definindo-se, assim, categorias específicas. Por simples contraste de cor e forma, potencializa-se um aprendizado facilitado. A proposta, em síntese, seguiu as seguintes etapas: (i) Identificação do espaço destinado à circulação; (ii) Setorização do espaço; (iii) Conceituação do projeto: utilização de referências visuais das “marcas de gado”, bem como teorias aplicadas aos conhecimentos da produção de pictogramas e de monogramas; (iv) Desenvolvimento de pictogramas; (v) Sistema de circulação; (vi) Definição de materiais e orçamentos; (vii) Cronograma de produção e implementação e (viii) Avaliação (durante o evento aplicar-se-á formulário de avaliação da eficácia da proposta em três dimensões: satisfação com a informação, satisfação com as representações (pictogramas) e sugestões.

Foi empregado o método de entrevista não estruturada com um servidor da



ARP para o reconhecimento do fluxo dos usuários do espaço a ser sinalizado e, posterior a isto, a identificação da localização de cada placa no sistema. A entrevista não estruturada é pertinente para a fase inicial do desenvolvimento da pesquisa, pois permite a improvisação do pesquisador a fim de obter conhecimento de um assunto ainda não dominado (SOMMER & SOMMER, 2002).

A execução segunda etapa do projeto está prevista para o final de setembro deste ano, sendo então apresentados somente os resultados da primeira etapa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Projeto pretende contemplar aos sujeitos, público da 92ª Expofeira, a fácil e rápida orientação física e espacial (geolocalização) dos espaços que sediam as atividades do evento, previsto para o período de 08 a 14 de outubro, no parque da Associação Rural de Pelotas.

O fluxo às buscas de informações pertinentes ao espaço externo do parque da Associação Rural de Pelotas serão respondidas por antecipação. O sujeito em trânsito irá orientar-se e, assim, tomar suas decisões de trajeto conforme avança no espaço e identifica a informação. A partir disto, em virtude da simplicidade e dimensão de pregnância da informação, produzirá conhecimento e, intuitivamente, saberá onde encontrar a próxima informação que busca, no mínimo, em potência. Os elementos articulados na composição, representações sintéticas, foram construídas a partir de símbolos representações identitárias do agronegócio, em específico, símbolos encontrados em pictogramas (FRUTIGER, 1999) e monogramas representativos das famílias detentoras de gado, ou seja, as reconhecidas marcas de gado, explorando seus aspectos de identidade e memória. A família tipográfica Rockwell, pelo seu contraste nulo, solução geométrica e aspecto de robustez, contrasta com os pictogramas de fácil reconhecimento (ASSINO, 2011), sendo emoldurada em formas circulares, leves e abertas (conforme figura 1).



Figura 1: elementos que compõe as placas de identificação.

- Com o conceito **diferença** e **pregnância**, deu-se os seguintes encaminhamentos:
- utilização das placas circulares existentes no parque;
 - configuração da informação num espaço circular de 60cm de diâmetro;
 - utilização das hastes (mourões de madeira industrial), em cor de preto absoluto, para a fixação das placas (conforme figura 2);



Figura 2: Mourões para a fixação das placas.

Embora a visibilidade da informação (FERRARA, 2002), durante um grande fluxo de visitantes, possa ser dificultada, o aprendizado do sistema é possível e, através dele, a informação poderá ser encontrada. Registra-se que as alturas designadas para as placas garantem a visibilidade panorâmica do parque (ARTHUR, 1992), proporcionando uma solução de integração com a paisagem. De equilíbrio assimétrico, os resultados visuais, além de apresentarem rigor e síntese gráfica, evidenciam o movimento que a moldura circular promove e, harmoniosamente, corrobora com as representações pictográficas dispostas em narrativa visual na paisagem da ARP. Como consequência e perspectivas futuras desse projeto, a partir da Disciplina de Tipografia II, do Colegiado de Design do Centro de Artes - UFPel, ministradas pelo Prof. Rafael Pizzo, qualificar-se-á a equipe de trabalho e, conseqüentemente, qualificará os encaminhamentos para ações desta natureza em 2019, ocasião da 93ª Expofeira, em acordo com a cooperação Técnica Artística e Cultural entre a UFPel e a Associação Rural de Pelotas.

4. CONCLUSÕES

De orientação horizontal, a proposta desenvolveu-se colaborativamente, na qual todos da equipe participaram, efetivamente, de todas as etapas do projeto. As inovações obtidas com os trabalhos realizados foram, principalmente, a inter-lo-

cação com a comunidade e a qualificação técnica para execução de projetos em sinalização.

- qualificação no uso de softwares e ferramentas digitais;
- interdisciplinaridade e adequação / qualificação da informação no atendimento a dimensão da extensão universitária: trabalhar na interação com a comunidade
- qualificação do espaço/fluxo do parque da Associação Rural de Pelotas para a dev-ida e orientada circulação.
- perspectivas futuras: continuidade e aprimoramento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTHUR, P.; PASSINI, R. **Wayfinding: People, Signs, and Architecture**. Ontario: McGrawHill Ryerson Ltd. 1992.

ASSINO, Diogo. **Sinalética Urbana: Comunicação Visual para otimização das mensagens impressas no contexto dos fluxos no espaço urbano**. TCC Design Gráfico, UFSC, 2011.

COSTA, Joan. **Señalética corporativa**. Barcelona: Editora Costa.com, 2007.

FRUTIGER, Adrian. **Sinais e símbolos**. 2. Ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1999.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Design de Espaços**. Textos Design, Ed. Rosari, SP, 2002.

SOMMER, R.; SOMMER, B. **A practical guide to behavioral research: Tools and techniques**. Oxford: Fifth Edition, 2002.



DIVULGAÇÃO DO CURSO DA AGRONOMIA

SABRINA HEUERT¹; BENITO BERGMANN ELIAS²; CRISTOPHER SANTOS PIRES²; LUÍZA HELENA MARTINS SIMÕES²; VITÓRIA NUNES DOS SANTOS²; DANIELLE RIBEIRO DE BARROS³

¹Universidade Federal de Pelotas – sabrina.heuert@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – benitobelias@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cristophersantospires@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luhmsimoesdp@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vitorians1212@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – danrbarros@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A agricultura é cada vez mais importante para o país pois é uma das principais atividades econômicas do Brasil. A agricultura é uma das bases da economia do país, desde a colonização portuguesa até os dias atuais, com a evolução dos monocultivos à diversificação da produção. Nos dias atuais, a agricultura é destaque no abastecimento da crescente população urbana, e a geração de produtos para exportação (TREVISAN, 2018).

Dessa forma, a formação do Engenheiro Agrônomo, mudou muitos ao longo dos anos. Cada vez mais percebe-se enfoques voltados à preservação ambiental e conservação da água e dos solos nas grades curriculares dos cursos de Agronomia do Brasil, pois esses profissionais têm papel fundamental na utilização de técnicas que colaborem com o desenvolvimento sustentável da agricultura e que continuem promovendo aumentos significativos de produtividade e lucro ao produtor (AGROPRO, 2016).

Nota-se também uma mudança nas características dos estudantes que ingressam nos cursos de agronomia. Atualmente, parte dos novos acadêmicos possui pouco ou nenhum conhecimento em relação ao curso e à profissão do engenheiro agrônomo. Tal fato leva muitos alunos a se decepcionarem e abandonarem o curso nos primeiros semestres e muitos outros enfrentam problemas de adaptação e o índice de reprovação, em algumas disciplinas dos primeiros semestres, tem sido bastante elevado.

Com isso, buscou-se a interação entre o meio acadêmico da Universidade Federal de Pelotas com as escolas de ensino médio de Pelotas e, em algumas vezes, regiões de origem dos participantes do grupo; fornecer aos alunos orientações sobre o curso de Agronomia e suas diversas atividades de ensino, pesquisa e extensão; conscientizar estudantes das escolas de ensino médio sobre a situação dos Engenheiros Agrônomos no atual mercado de trabalho.

2. METODOLOGIA

Para divulgar o curso de agronomia da Universidade Federal de Pelotas, o grupo Pet Agronomia elaborou um projeto piloto que se baseia em informações coletadas na página do curso sobre sua história e atuações profissionais, posteriormente fez-se um levantamento das disciplinas ofertadas e atividades realizadas por cada departamento através de conversas com os professores.

Após o levantamento dos dados elaborou-se uma apresentação de slides contendo história do curso, informações sobre atuação profissional, divisão das disciplinas, auxílios ofertados pela universidade, formas de ingresso no curso e grupos atuantes na agronomia.

Esse slides foram apresentados primeiramente ao grupo, para que fosse possível realizar ajustes no tempo de apresentação e material apresentado, buscando apresentar assuntos relevante aos estudantes.

Juntamente com esse material foi elaborado uma cartilha de atividades que o grupo realiza na Universidade para mostrar aos estudantes que o curso além de ofertar diversas áreas de estudo, permite atuar em alguns grupos que desempenham atividades de ensino, pesquisa e extensão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, o projeto piloto está concluído e após ser apresentado para o grupo, passou por melhorias para que possa se tornar mais atrativo aos estudantes e mais ilustrativo para auxiliar na elucidação dos assuntos abordados. A fase de apresentação será iniciada nas escolas atendidas pelo projeto horta escolar, e expandido para as demais escolas do município. E a cartilha de divulgação será utilizada como material de apoio nas visitas as escolas.

Como perspectivas futuras esperamos levar um pouco das atividades desenvolvidas no curso de agronomia da UFPel para escolas das cidades nos arredores de Pelotas e também para as cidades das quais os petianos são oriundos.

4. CONCLUSÕES

O grupo acredita que o esclarecimento dos futuros estudantes universitários a respeito das características do curso os auxiliará na escolha mais consciente de sua futura profissão, facilitando sua decisão no momento da escolha do curso que pretender frequentar na universidade.

Espera-se com esta atividade mostre às possibilidades que a universidade pú-



blica oferece aos seus estudantes para que estes possam realizar seus estudos com qualidade e tranquilidade, buscando incentivar mais jovens a se inscreverem para o curso de agronomia, os quais terão conhecimento em relação ao seu currículo, duração, estrutura e atividades que deverão ser realizadas durante o período de graduação.

Além disso, possibilitará aos petianos envolvidos uma oportunidade de praticar e melhorar técnicas de oratória e desenvoltura de palco ao apresentar o projeto piloto aos estudantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGROPRO. **O papel do engenheiro agrônomo para a agricultura sustentável.** 2016. Acessado em 27 ago. 2018. Online. Disponível em: <http://blog.agrop ro.com.br/engenheiro-agronomo-na-agricultura-sustentavel/>

TREVISAN. **A importância da agricultura para o país.** 28 ago. 2017. Acessado em 27 ago. 2018. Online. Disponível em: <http://trevisan.ind.br/blog/a-importancia-da-agricultura-para-o-pais/13>

INTERCULTURALIDADE EM SALA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA ABORDAGEM DA ORALIDADE

SHAIANE NEVES¹; KAROL STEFANIE SOUZA GARCIA²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – shaiane-neves@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – garciakarol12@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui-se de uma reflexão acerca da prática pedagógica desenvolvida através da Câmara de Extensão (CaExt) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em um de seus projetos nomeados de Curso de Línguas, o qual abarca o curso de Francês Básico, nos níveis I, II, III e IV. Com isso, pretende-se aqui evidenciar os principais aspectos do contexto de sala de aula em Língua Estrangeira (LE), bem como as características socioculturais em questão.

Enquanto estudante do curso de licenciatura em Letras – Português e Francês e respectivas Literaturas, na aplicação do estágio de intervenção em língua francesa, e ainda, atuando como ministrante da turma de Francês Básico IV, 1º semestre de 2018, foi possível acompanhar e discutir características da interculturalidade, por meio de uma abordagem comunicacional, em que, a partir de documentos sonoros não-didatizados, eram trabalhadas as marcas da oralidade provenientes de cada região, cultura e etnia.

Também, o estudo propõe uma reflexão sobre a interculturalidade presente entre os alunos, visto que a classe era composta por estudantes de diferentes níveis de interlíngua; de idade, a qual ia desde os 20 anos até os 64 anos; além de possuir estudantes originários de diferentes cursos e regiões do país, visto que a universidade recebe estudantes de outros estados.

Ademais, esta é uma oportunidade de refletir sobre a atuação como ministrante em sala de aula, buscando, cada vez mais, aperfeiçoá-la, visto que a prática docente exige uma formação contínua.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada pautou-se, principalmente, no conceito de intercultural, pensado em contexto de aprendizagem em LE, discutido por Klincksieck (2007); e em Bernardi (2013), o qual expõe a noção de interlíngua, discutida e embasada por Selinker (1972); além disso, o estudo baseou-se na perspectiva teórica de Carette e Parpette (2008), quanto à oralidade; e ainda em Tagliante (2001), em relação à

abordagem de uma aprendizagem de documentos visuais e audiovisuais autênticos.

Dessa forma, o objetivo de tais encontros consistiu em propor uma reflexão sobre os modelos de vida surgidos nas últimas décadas, possuindo como temáticas principais o conjunto, a comunidade e a família.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática pedagógica aqui descrita ocorreu ao longo de três encontros, com duração de quatro horas cada, com início em 30 de julho de 2018 e término em 14 de julho de 2018, possuindo como eixo temático abordado neste período a temática acerca da família, da comunidade e do conjunto, relacionando características da França e demais países francófonos e o Brasil.

De acordo com Bernardi (2013):

Quando estamos aprendendo línguas, cada um de nós desenvolve seu próprio sistema linguístico formado pelo conhecimento prévio de outros sistemas linguísticos, sobretudo de nossa língua materna (LM), que irão servir de base para a aprendizagem de outros idiomas. Esse sistema híbrido oriundo do contato entre línguas constitui a Interlíngua. (SELINKER, 1972, apud BERNARDI, 2013, p.10).

Assim, ao ser discutida a expressão *Le phénomène Tanguy* e o trailer do filme Tanguy de Étienne Chantion (2001), relacionando ambos, visto a expressão é correntemente empregada em língua francesa, foi possível notar que os estudantes se sentiam à vontade para discutir em LE, sendo que cada um se expressa conforme seu nível, visto que a turma possuía níveis de interlíngua bastante diferentes. Após visualizar o primeiro minuto da emissão « *Tanguy: pas question de quitter maman*¹ », foram realizados exercícios de compreensão oral, sendo discutidas questões sobre a idade ideal para sair da casa dos pais, incetivando o relato de experiências pessoais, e ainda, foram destacados alguns aspectos acerca das diferenças de sotaque entre os entrevistados e o seu lugar de origem.

No encontro seguinte, abordou-se a temática sobre o direito das mulheres, de acordo com uma proposta adaptada do site TV5 monde². Assim, foram discutidas duas ilustrações e um vídeo, nos quais foram discutidas características como uso de cores, vestimentas, idade das personagens, símbolos e contraste entre ambas imagens.

¹C'est mon choix – Tanguy : pas question de quitter maman. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b5HmwdCW7r0>. Acesso em: 28 de junho de 2018.

²TV5 Monde- Les Femmes une voix pour la paix. Disponível em: <http://enseigner.tv5monde.com/fle/les-femmes-une-voix-pour-la-paix>. Acesso em: 06 de julho de 2018.

Como futura professora, é importante saber fazer uso adequado das mídias e explorar ao máximo as ferramentas disponíveis na internet, sendo fundamental indicar aos estudantes as principais entradas e sites de apoio para o estudo do francês. O último encontro consistiu em uma produção escrita, construída em conjunto, por meio de imagens retiradas do vídeoclipe da canção *Mes monuments* de Ben Mazué. Assim, discutiu-se a importância de manter contato com os amigos de infância, a partir da canção que possui como estilo musical o rap e o slam, os quais são uma opção para a aquisição de vocabulário, quanto às gírias, expressões e ditados populares presentes. De acordo com Carette e Parpette (2008), para que um trabalho seja eficaz, em relação à competência de compreensão oral, é preciso levar em conta algumas características, sendo elas: os dados contextuais, tudo aquilo que enriquece um discurso em termos de informação, considerando uma situação natural de fala; a diversidade de interesses, conhecimentos e experiências; e ainda, identificar os processos mobilizados durante a compreensão, em relação ao tipo de documento trabalhado e perfil de estudante; e ainda, a delimitação da progressão da compreensão, de modo que a exibição do vídeo terá, no mínimo, dois momentos, incluindo a compreensão global, e em seguida, uma compreensão mais detalhada; e por último, a reação e recepção imediata, visto que os discursos orais em situação natural são fluidos, efêmeros e polissêmicos.

Sob aporte teórico do visuel, l'audiovisuel et les Technologies de l'Information et de la Communication (TIC), em relação à descrição de imagens, tem-se a perspectiva da imagem autêntica como aquela que oferece motivação para o ensino da aprendizagem, a qual se aproxima do cotidiano, ou seja, a vida real toma forma em um ambiente fechado e superficial como é o da sala de aula. Assim, a imagem que não é criada para fins pedagógicos torna-se a imagem pedagógica por excelência (Tagliante, 2001, p.189).

Conforme expressa Tagliante (2001), nota-se que as imagens possuem uma função etnográfica e cultural, sendo este o caso das ilustrações trabalhadas, pois não se trata apenas de três mulheres ou de um carro com dois homens armados, como seria dito em uma simples descrição. É possível depreender, a partir das imagens, várias características culturais, assim como, a desigualdade existente entre sexos. No que se refere às maneiras de analisá-las e abordá-las, existem duas principais formas, a *approche dénotative* e a *approche connotative*, sendo que uma se refere à descrição do objeto fixo, sua representação, e a outra, que é construída a partir de conhecimentos anteriores, alterando-se de acordo com os elementos contextuais, culturais, simbólicos e pessoais de cada estudante. Além disso, toda imagem é polissêmica, de modo que sua interpretação vária de acordo com cada leitor.

Ainda em Tagliante, percebe-se que o trabalho por meio de imagens autênticas pode provocar reações afetivas, emotivas e imaginativas. De modo que se torna

relevante a apresentação de uma temática como essa sobre o direito das mulheres, para ser discutida em sala de aula, proporcionando um espaço de debate, em que de forma bem restrita, é possível “dar um pouco de voz” às minorias, e assim, empregar sentido ao conteúdo a ser trabalhado.

4. CONCLUSÕES

Dados os desafios encontrados ao longo dos encontros, tais como o número de alunos, visto que era uma turma de apenas quatro estudantes; os diferentes níveis de interlíngua; e idades, caracterizando-se, assim, como um grupo bastante heterogêneo, esta experiência foi extremamente enriquecedora.

Sem apoio do livro didático, outros meios de aprendizagem foram explorados, como o uso de documentos autênticos, sem que houvesse resistência por parte dos estudantes na aplicação das propostas e atividades apresentadas. Dessa maneira, eles sempre colaboram, caracterizando-se por um perfil de alunos ativos e interessados.

Assim, o trabalho por meio dos recursos de mídias, aplicativos, entre outros é capaz de enriquecer o espaço de ensino-aprendizagem. Bem como, é papel do professor introduzir o intercultural em sala de aula, trabalhando a francofonia e os diferentes países, pessoas e sotaques que a constituem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDI, P. Ainterferência linguística e a supergeneralização na escrita em francês como língua estrangeira: uma comparação nos níveis inicial e avançado[Dissertação]. Pelotas; 2013.

CARETTE, E. « Mieux comprendre l’oral : formation des formateurs », Le Français dans le Monde : Recherches et Applications, 2008, p. 145.

KLINCKSIECK, C. «Pour la mise em place de l’interculturel em classe de LE». Études de linguistique appliquée, 2007/2 n° 146 | pages 189 à 204 ISSN 0071-190X Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-ela-2007-2-page-189.html>>. Acessado em 20 de julho de 2018.

PARPETTE, C. « De la compréhension orale en classe à la réception orale en situation naturelle : une relation à interroger », Les Cahiers de l’Acedle,208, volume 5, n° 1, pp. 219.

TAGLIANTE, C. La classe de langue. Paris: CLE International, 2001



AÇÕES EXTENSIONISTAS EM ASSENTAMENTOS DA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL VISANDO MELHORIAS NA PRODUÇÃO DE LEITE

VANESSA DA SILVEIRA PEREIRA¹; BRUNO SILVA JUSTINO²; VANESSA ALVES PIRES³; PAULO CESAR ANTUNES⁴; JOÃO LUÍZ ZANI⁵; LUIZ FILIPE DAMÉ SCHUCH⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – vanessadasilveirapereira@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – brunojustino99@hootmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – wanessaalves.pbi@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – paulo.cesar-xt@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – jluizzani@outlook.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – lfdschuch@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Visando auxiliar na produção de leite em assentamentos da região sul do RS, e proporcionar aos graduandos das Turmas Especiais Medicina Veterinária (TEMV), práticas de vivência, em uma parceria da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) com a Universidad de La Republica/UY (UDELAR), desenvolveram-se práticas de extensão em áreas de assentamento na região sul do RS. Tendo em vista que a produção leiteira praticada pela agricultura familiar enfrenta problemas devido aos produtores rurais terem dificuldade para aplicar as técnicas e os avanços alcançados nos institutos de ensino e de pesquisa, dificultando a evolução da atividade leiteira nos parâmetros de qualidade e de quantidade (COSTA 2014). Tendo isso em vista, a aplicação de práticas extensionistas em áreas de assentamentos tornam-se importantes.

Em meados do século XX ocorreu a criação do serviço cooperativo de extensão rural dos Estados Unidos, estruturado com a participação de universidades americanas conhecidas como Land-grant Colleges, que consolidou naquele país, pela primeira vez na história, uma forma institucionalizada de extensão rural (JONES; GARFORT, 1997). A extensão como atividade acadêmica surge nove séculos após o surgimento das primeiras universidades. No Brasil as atividades extensionistas, manifestam-se através da participação dos estudantes perante a sociedade, na década de 1960, o foco do estudo foi o CPC (Centro popular de cultura) com apoio de artistas intelectuais e estudantes juntamente com a UNE (União nacional dos estudantes) tinham como objetivo conscientizar a sociedade através da arte. A extensão visa uma educação continuada, além da formação técnica. Tem como objetivo difundir conhecimento técnico ao povo, incentiva professores a tornem-se pesquisadores, alunos a terem vivência prática de troca de saberes e que a universidade seja uma ferramenta a serviço da sociedade a qual está inserida (PEREIRA M. L. S).

De acordo com senso agropecuário (2006), a agricultura familiar é responsável

por 58% da produção de leite no Brasil, demonstrando a fundamental importância dos pequenos produtores na manutenção desta cadeia produtiva.

Com relação à qualidade do leite, o mercado está se tornando cada vez mais exigente (ZANELA et al., 2006). Leite de qualidade é definido por ser livre de aditivos, sem adição ou remoção de componentes, caracterizado pela sua integridade físico-química, ausência de micro-organismos patogênicos e deteriorantes (DURR, 2004) e as famílias assentadas, tem certa dificuldade para atingir os níveis de qualidade atualmente cobrados pela indústria. Há então a necessidade de maiores informações e orientações para estes produtores. Sempre com intuito de que não são apenas os produtores que aprenderão, mas sim haverá uma troca de saberes entre ambos, alunos e produtores. Muitos problemas surgem quando um extensionista vai a uma propriedade com o objetivo de levar conhecimento, de forma mecanicista, com um pacote de informação já pronto. Para atender a real demanda da família é necessário que haja uma interação, troca de diálogo entre técnico-produtor, produtor-técnico. É muito importante ter uma conversa com a família e ouvir todos, pois assim surgem palavras geradoras, a partir dessas palavras se constrói o próximo momento (FREIRE, 1985).

2. METODOLOGIA

O acompanhamento dos alunos com a produção é planejado para todos os semestres, onde cada um dos 52 alunos, (alguns distribuídos em duplas ou individualmente nas famílias dos assentamentos) da Turma Especial de Medicina Veterinária, é destinado a passar em média quatro dias na casa dos produtores assentados. As primeiras visitas foram nas datas 30/04 a 04/05/2018 retornando a visita dia 28/05 a 01/06/2018. Nas respectivas datas aos alunos, pela parte da manhã partem de Pelotas, rumo aos assentamentos nos municípios de Piratini, Candiota, Hulha Negra e Capão do Leão.

Os recursos utilizados para cobrir os gastos do projeto, são de ordem pública que foram obtidos por meio do projeto de extensão rural em áreas de assentamento da região sul, do RS. Chegando nas famílias o combinado é que acompanhemos a maior número possível de ordenhas, que listemos fatores que possam estar, ou vir à interferir na produtividade e na qualidade do leite produzido, devemos observar como é feito o descarte do lixo, das embalagens de fármacos, de qual procedência é a água para consumo humano, animal e para limpeza, higienização da estrebaria e equipamentos de ordenha, quais animais tem na propriedade, suínos, aves, além dos animais de produção de leite, o local onde ficam estes animais, se tem acesso ao local de ordenha, quais são e como são limpos os utensílios de ordenha.

No retorno para Pelotas reunimos todos os alunos em sala, como feito por várias vezes antes das sairmos à campo, juntamente com professores, inclusive pro-

fessores da Universidad de La Republica/UY (UDELAR), com experiencia do mesmo projeto em seu país e debatemos os problemas encontrados, as necessidades das famílias, propostas possíveis de serem implantadas, levando em conta os recursos financeiros das famílias, mão de obra e etc.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após toda essa sequencia de etapas, de buscarmos de melhor forma a interação aluno com embasamento técnico e agricultor com a prática planejamos ações, seja em cada famílias ou também ações mais coletivas, variando de acordo com a necessidade de cada assentamento. Priorizando, sempre que possível agir de maneira coletiva, por grupos de proximidade, fazendo com que as famílias que já se conhecem sintam-se mais a vontade e que os alunos em grupos tenham mais segurança para agir. Nestas primeiras saídas á campo fizemos, juntamente com a cooperativa da região de Hulha Negra e Candiota e Medicos Veterenários a divulgação de uma rota de vacinação de brucelose e tuberculose, via uma radio dos assentamentos da região para que não seja feito a vacinação dos seus rebanhos apenas por um ato mecanico, entendendo-se a importância da vacinação. Para próximas etapas, está planejada montagem de oficinas coletivas com as famílias, propondo para a cooperativa que seja um local que receba os resíduos de embalagens de medicamentos, agulhas, etc., para destino adequado. E como a água em alguns locais não é de boa qualidade, organizar medidas de tratamento, como mini estações de tratamento, por exemplo.

4. CONCLUSÕES

As famílias são extremamente receptivas, junto à elas nos momentos de trabalho ouvimos suas dúvidas em relação às técnicas utilizadas na produção, mesmo que não saibamos sana-las de imediato, trazemos para a Universidade, perguntando para os professores e procuramos debater em grupo, porque por vezes os problemas são os mesmos ou muito parecido entre as famílias acompanhadas pelo projeto. Tentamos resolver e dar um retorno quanto turma, assim ganhamos credibilidade e segurança com os produtores. Temos também experiencias anteriores com as outras TEMVs, segundo JUSTINO et al., 2017 as práticas propostas a partir do projeto de extensão rural, incorporam e contribuem significativamente para a melhoria da qualidade do leite.

O projeto de extensão é uma excelente forma de difundir conhecimento técnico ao povo. Proporcionando uma educação continuada, a troca de saberes entre alunos e produtores. Fazendo da Universidade ferramenta indispensável de conhecimento e

informações para melhorias na região e ajuda a alavancar a produção dos assentamentos e da região como um todo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, P.U.N.D. et al. **a integração de agricultores, pesquisadores e extensionistas na produção de conhecimentos: o caso da rede leite**. 2014. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Curso de Pós-graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria.

DURR, J.W. **Programa nacional da melhoria da qualidade do leite: Uma oportunidade única**. In: DURR, J.W. et al. (ed). O compromisso com a qualidade do leite no Brasil. Passo Fundo: UPF, 2004. 331p.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. 8ª ed, Rio de Janeiro, paz e terra, 1985.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Indicativos Agropecuários. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. 2017.

JONES, G.E.; GARFORTH, C. **The history, development, and future of agricultural extension**. 1997.

JUSTINO, J. N. L. C. L. et al **Extensionismo na produção leiteira em assentamentos da região sul do Rio Grande do Sul**. 3a semana acadêmica UFPeL, CEC IV Congresso de extensão e cultura, 2017.

PEREIRA M. L. S. et al **Atividades extensionistas a partir dos CPCs: uma análise da extensão universitária para a atualidade**. Instituição: Universidade Tuiuti do Paraná.

ZANELA, M.B. et al. **Qualidade do leite em sistemas de produção na região Sul do Rio Grande do Sul**. Pesquisa Agropecuária Brasileira, v. 41, n. 1, p. 153-159, 2006.



DANÇA INCLUSIVA: O BALÉ DENTRO COMUNIDADE SURDA

VICTOR TECHERA SILVEIRA¹;
KARINA ÁVILA PEREIRA³

¹Universidade Federal de Pelotas - victor.techera.silveira@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - karina.pereira53@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esta escrita está vinculada as minhas experiências docentes, as quais estão sendo desenvolvidas no âmbito do Projeto de extensão “A comunidade surda reinventando a arte do balé”. Este projeto tem por objetivo levar cultura e arte para surdos da cidade de Pelotas. Entre tantas escolhas de movimentações artísticas, optamos pela Dança, mais especificamente o Balé Clássico, tendo em vista os benefícios que essa arte proporciona aos seus praticantes. Dentro deste tema algumas questões foram norteadoras de nossas pesquisas, tais como: pessoas surdas podem dançar? Como trabalhar rítmica, tempo, intenção e qualidade de movimento sem o recurso da audição dos alunos? É possível que esta forma de arte não seja excludente e sim inclusiva para a comunidade surda? Todas as respostas dessas questões foram positivas. Desta forma, o projeto possibilita aulas semanais de técnicas base do Balé Clássico, contextualização anatômica dentro de cada movimentação/passos, prevendo também o trabalho com obras de balé de repertório como O Quebra-Nozes e o Lago dos Cisnes, para que os alunos possam ter acesso a estas obras de forma visual. Pretendemos trabalhar estas obras na sua forma escrita em português, fazendo sempre menção ao fato de que a língua portuguesa para surdos constitui-se como segunda língua. (KARNOPP; QUADROS, 2004)

O trabalho corporal para qualquer pessoa seja ela surda ou não, requer um atenção e cuidado com o corpo do outro. Desta forma, a metodologia girou em torno de facilitar esse processo de ensino. O Balé Clássico sendo uma das modalidades de dança mais antigas tem algumas de suas nomenclaturas estáticas até hoje. Nesse sentido o projeto busca também por sinais próprios da dança e do balé dentro do léxico da Libras, para que possamos criar um material didático para divulgação desses sinais específicos da área colaborando com a difusão dessa língua.

2. METODOLOGIA

A metodologia de trabalho para execução deste projeto será focado no conceito de Pedagogia Visual, de acordo com que propõem as autoras LACERDA; SANTOS; CAETANO (2013), ou seja, trabalhar com elementos visuais como imagens, filmes,

projeção para atender as especificidades de aprendizagem da comunidade surda. Nossas aulas tem seguido a seguinte ordem: iniciamos com uma preparação física, onde os alunos fazem uma série de exercícios para aquecimento corporal e estímulos de músculos que geralmente não são trabalhados por elas.

A seguir passamos para a aula de técnicas bases de balé clássicos propriamente dita, que se inicia com alongamento no chão, uma sequência na barra e uma parte de centro – todas elas estão sempre sendo trabalhadas com estímulos visuais e tátil sensíveis. Sendo possível notar que as alunas respondem mais rápido ao estímulo visual que vem junto com som elevado, provocando vibração no ambiente, como estralo de dedos, palmas de mãos, batidas de pés, etc. Mesmo assim ainda trabalhamos com a contagem em oito tempos demonstrando a numeração de cada tempo com sinalização em Libras, tentando sempre utilizar músicas com tempo mais lento para trabalharmos as pausa dentro dos exercícios.

As aulas tomam rumo ao seu fim com uma mesma coreografia que é passada a eles a cada aula. Essa coreografia não é balé clássico sendo classificada como dança livre. Nela tentamos trabalhar as noções de rítmica, tempo, movimentações corporais e qualidades de movimento dentro de outras danças para ampliar o repertório de movimento e aumentar suas experiências com esse mundo da dança.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro semestre de 2018 tivemos aulas semanais de técnicas base de balé clássico para alunos da Escola Especial Prof. Alfredo Dub ministradas na Escola Superior de Educação Física – ESEF. Foram realizados alguns levantamentos bibliográficos com a temática dança para surdos para auxiliar nas aulas e na produção de artigos acadêmicos para o segundo semestre de 2018. Todo trabalho feito até o presente momento está em processo, pois o projeto está entrando no seu segundo semestre, ou seja, as atividades estão em andamento, não tendo resultados finais. Todos os resultados são baseados em experiências tidas em aulas com alunos surdos e a pesquisas de estudos sobre dança para surdos.

Estamos em andamento para entender como funciona o sentir a dança no corpo de cada aluno surdo. Saber como ele responde aos comandos que ele recebe, sejam eles visuais ou sensitivos (movimentações no espaço, vibração e contato corporal). Experimentos como modalidades diferentes de dança nos finais das aulas de balé clássico são executados para que assim possamos entender como aquele corpo reage com diferentes estímulos, variando assim o trabalho de rítmica, tempo, intenção e qualidades de movimento. Para que desta forma o professor passa entender e comunicar da forma correta o que o aluno precisa realizar durante as aulas para ter um resultado final considerável.

O projeto está em processo de expansão oferecendo as aulas de balé para mais duas escolas da cidade, o foco agora é aumentar o público da comunidade surda para ter mais aulas e mais experiências dentro desse ramo docente. As escolas englobadas pelo projeto são: Escola Especial Prof. Alfredo Dub, Instituto Estadual de Educação Assis Brasil e Colégio Municipal Pelotense. Tendo turmas maiores, podendo assim levar a campo e ampliar as pesquisas feitas no primeiro semestre para a realização das aulas.

4. CONCLUSÕES

Projetos que envolvam minorias linguísticas e culturais como a comunidade surda são extremamente importantes e justificam-se por contemplarem uma pequena parcela da população que, na maioria das vezes, não possui acesso à cultura e às artes em geral. A comunidade surda se apresenta como grupo em que identidades e culturas se produzem a partir da experiência visual e do compartilhamento de uma língua viso-gestual. A língua de sinais para surdos é uma marca de suas identidades e o papel das escolas bilíngues para surdos e também das universidades públicas é incentivar essa marca, ou seja, valorizar o ensino e difusão desta língua como elemento característico de uma cultura e propiciador de comunicação entre seus pares e com o mundo ouvinte. No entanto, a comunidade dos ouvintes que é majoritária tem pouco ou nenhum conhecimento sobre a língua de sinais brasileira e sobre as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda. A Área de Libras da Universidade Federal de Pelotas- UFPEl participa ativamente das ações que envolvem a comunidade surda de Pelotas, e é compromisso de nossa instituição dar retorno de nossos estudos e nossas pesquisas a este grupo através da criação de projetos de extensão. Dessa forma, concluímos que o presente projeto possibilita o acesso das pessoas surdas em frequentarem uma aula de dança, especificamente o balé que é uma arte elitizada tanto para quem é aluno como para quem é espectador ou até mesmo de prestigiar espetáculos culturais em teatros, pois esses espaços não oferecem acessibilidades através de tradutores-intérpretes de Libras- língua brasileira de sinais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURCIER, Paul. História da Dança no Ocidente. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HAAS, Jacqui Greene. Anatomia da Dança. Tradução Paulo Laino Cândido. Barueri, SP: Manole. 2011.



LACERDA, Cristina B. F. de; SANTOS, Lara F. dos.(org) **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos.** EDUFSCAR: São Carlos, 2013.

KARNOPP, Lodenir B.; QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos.** 1. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

SAMPAIO, Flávio. Ballet Essencial. Rio de Janeiro: Sprint Ltda, 1994.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

Barbosa, A. (1995). Arte-educação pós colonialista no Brasil: aprendizagem triangular. *Comunicação & Educação*, (2), 59-64.



EDUCOMUNICAÇÃO E INCLUSÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIAS SOBRE PRÁTICAS DE RÁDIO NA ESCOLA LOUIS BRAILLE DE PELOTAS

VITÓRIA LEITZKE¹; Dr^a MARISLEI RIBEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – vitoria.leitzke@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marislei.ribeiro@cead.ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de projetos de extensão nas universidades auxilia na construção e na manutenção de um diálogo aberto entre universidade e comunidade. A Rádio Corredor faz parte do projeto “Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais – Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade”, ligado à Universidade Federal de Pelotas, criado em 2014 e, em andamento desde então.

Atualmente, a ação da Rádio Corredor é desenvolvida por alunos de graduação de Jornalismo da UFPel e atualmente o projeto conta com a participação de uma bolsista, acompanhada por uma professora orientadora responsável. As atividades contam com a participação de alunos e colaboradores da Associação Escola Louis Braille, da cidade de Pelotas (RS). O objetivo da Rádio Corredor é o de trabalhar a inclusão social através dos aspectos da Educomunicação, de forma a trazer o fazer do rádio para a realidade escolar dos alunos e, desta forma, contribuir com as atividades da escola através da perspectiva da comunicação.

O trabalho semanal é realizado com crianças e adultos que tem deficiência visual parcial ou total, razão principal da utilização do rádio como meio de comunicação. A “expectativa de levar à risca uma dinâmica de pesquisa-ação que possibilitasse uma construção todos-todos, num grupo cercado por limitações” (PERUZZO, 2015). Toda atividade é pensada com sugestões dos próprios alunos, o que contribui para que o projeto atenda todas necessidades deles.

2. METODOLOGIA

O trabalho desenvolvido busca confrontar os novos desafios às exigências na educação inclusiva e na formação do sujeito autônomo e crítico. Diante disso, optou-se pela realização da pesquisa participante, como abordagem metodológica. Para Gil (1999), esse tipo de pesquisa caracteriza-se pelo envolvimento dos pesquisadores no processo. Eles desempenham um papel ativo na coleta de dados, instrumentos e recursos. Com base nisso, foi apresentada a proposta da criação de materiais audio-

visuais e oficinas a serem desenvolvidas na escola.

O projeto de extensão é realizado na escola Louis Braille, na cidade de Pelotas/RS e tem como público-alvo deficientes visuais, de diferentes níveis, com idades entre 5 a 33 anos e integrantes do Grupo Vivências da Associação. É utilizado como meio de comunicação o rádio. Para Mcleish (2001, p. 17) “mais acessível do que os livros, o bom rádio traz sua própria ‘biblioteca’, de especial valor para os que não podem ler – analfabetos, cegos, pessoas que por qualquer motivo não têm acesso à literatura em sua própria língua”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O rádio, dentre todos os outros meios de comunicação, é o que possui maior acessibilidade ao atingir as camadas sociais mais excluídas da sociedade - analfabetos, pessoas de baixa renda e deficientes visuais. As atividades da Rádio Corredor passaram a acontecer todas as segundas-feiras, no intervalo das atividades escolares. Elas são desenvolvidas, com a presença de alunos com diferentes níveis de deficiência visual, sendo alguns 100% cegos e outros possuindo algum nível de visão.

Durante o planejamento do programa, um assunto é escolhido como tema do programa e é debatido entre todos os participantes, dentro dos moldes do rádio. A interação se dá a partir deste tema, que geralmente envolve aspectos da vida escolar e do cotidiano dos integrantes do grupo – como as férias escolares, os programas de rádio e TV preferidos, os eventos da escola e as peças teatrais encenadas por eles nas festividades escolares. Isto torna os programas descontraídos e possibilita a participação de todos – que transformam os programas de rádio em uma construção coletiva. Além desses debates, as edições também contam com uma programação musical, que atende aos pedidos semanais dos alunos. As atividades de 2018 se darão até o mês de dezembro.

Assim, acredita-se que a aplicação da mídia-educação, reafirma a proposta de maior envolvimento dos alunos, professores e integrantes do projeto. O resultado final é a relevância do trabalho desenvolvido, tanto para a universidade, mas, principalmente para a escola em que o projeto está inserido, já que proporcionou atividades pedagógicas interativas e inclusivas.



Figura 1 – Alunos se dividem entre radialistas e comentaristas



Figura 2 – Encontros são realizados semanalmente

4. CONCLUSÕES

Ao relatar as diversas atividades de Rádio que foram aplicadas pelo projeto de extensão, mostramos que os objetivos dos encontros visaram a interação entre o grupo, bem como desenvolver a capacidade de comunicação de cada um. Nesse contexto, a utilização dos recursos e das técnicas propiciou a interdisciplinaridade e a integração de várias áreas, mediante a orientação e colaboração dos professores.

A Web Rádio e Web TV ajuda que a comunicação dos alunos seja aguçada e que eles aprendam a se expressar, contribuindo com o trabalho já realizado pela Escola



Louis Braille para desenvolver a audição. É notável ver os avanços dos participantes, que já compartilham sentimentos e experiências sem maiores questionamentos da bolsista e dos colaboradores da escola. Além disso, promove uma nova percepção de comunicação inclusiva para os alunos da universidade, que vivenciam práticas diferentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio: um Guia Abrangente de Produção Radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

PERUZZO, Cicilia. OTRE, Maria Alice. **Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa no Brasil**. São Paulo: Metodista, 2015.



PERFIL DOS AUTORES QUE BUSCAM PUBLICAÇÕES NA REVISTA CIÊNCIA DA MADEIRA

WÂNDRIA DOS SANTOS RIBEIRO¹; ALINE KROLOW SOARES²;
PAULA ZANATTA³; DÉBORA DUARTE²; OTACÍLIA MARIA SARMENTO CORRÊA
FILHA^{1,3}; MIRELLA MARTINS FERRÃO^{1,3}; DARCI ALBERTO GATTO^{1,2}

¹*Centro das Engenharias (CEng), Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) —
wandriaribeiro100@gmail.com; darcigatto@yahoo.com; otaciliamariasarmiento@
gmail.com; fmmirella@gmail.com*

²*Centro de Desenvolvimento Tecnológico, Universidade Federal de Pelotas (UF-
Pel) - alinekrolowsoares@yahoo.com.br; deboraribes@hotmail.com.br;*

³*Universidade do Estado de Santa Catarina, Pós-Graduação em Engenharia
Florestal -zanatta_paula@hotmail.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Desde o seu surgimento até os dias atuais, os periódicos científicos desempenham funções específicas e possuem características de suma importância na comunicação, possibilitando a divulgação formal dos resultados de pesquisas (originais) para a comunidade científica e aos demais interessados, sendo preservado o conhecimento registrado e estabelecido à propriedade intelectual e a manutenção do padrão de qualidade na ciência (MUELLER, 2000).

Volpato (2002), discutindo os aspectos da publicação científica em diversas áreas do conhecimento, afirma que uma das principais responsabilidades requeridas pelo pesquisador é publicar seus resultados de pesquisas em periódicos, possibilitando a divulgação do conhecimento estudado. Atualmente existe uma ampla variedade de revistas nacionais e internacionais de todas as áreas de conhecimento, que buscam a publicação de artigos inéditos com qualidade e excelência.

Deste modo, a revista científica eletrônica *Ciência da Madeira* (Brazilian Journal of Wood Science) foi criada no ano de 2009 como um projeto de extensão pelo Prof. Dr. Darci Alberto Gatto e demais integrantes do Grupo de Pesquisa *Ciência da Madeira* (Figura 1), com o principal objetivo de publicar artigos originais referentes à tecnologia das áreas florestal, madeireira, ambiental e de biodiversidade. O periódico tem divulgação científica, vinculada a Universidade Federal de Pelotas, sem fins lucrativos. O corpo editorial do periódico é composto por doutores e mestres, apresentando total credibilidade quanto à edição e revisão dos manuscritos (CI. MADEIRA, 2018).



Figura 1: Ilustração da página inicial do Site da Revista Ciência da Madeira.

Segundo a classificação de periódicos da CAPES no quadriênio 2013-2016, a revista se enquadra em nove grandes áreas de conhecimento: 1) Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo, 2) Astronomia/Física, 3) Biodiversidade, 4) Biotecnologia, 5) Ciências Agrárias I, 6) Ciências Ambientais, 7) Engenharias II, 8) Interdisciplinar e 9) Materiais.

A Revista Ciência da Madeira passou a adotar um método de fluxo contínuo em maio de 2016, para atender certos requisitos da CAPES e elevar a classificação perante o Qualis. Desta forma o fluxo contínuo possibilitou agilidade nas publicações da revista, aumentando o tempo de exposição do material e a visibilidade dos trabalhos publicados. Antes da adoção do fluxo contínuo, os artigos aceitos ficavam meses parados esperando “vaga” para a publicação, isso porque o período de publicação de um novo volume era trimestral. Assim, essa recomendação da CAPES permitiu que fossem publicados mais artigos em menos tempo.

Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo analisar o perfil dos pesquisadores, os quais publicam na Revista Científica Eletrônica Ciência da Madeira durante os últimos 56 meses, comparado a evolução das publicações antes e depois da adoção do fluxo contínuo.

2. METODOLOGIA

Para realização do estudo, foi feito um levantamento de dados no site Revista Ciência da Madeira sobre o número de artigos publicados por volume.

Primeiramente foram contabilizados os artigos publicados no período de janeiro de 2014 até agosto de 2018, totalizando 4 anos e 8 meses (56 meses) de publicações da revista. Posteriormente, os dados foram classificados de acordo com as áreas de conhecimento em que a revista é classificada na plataforma da CAPES (quadriênio



2013-2016). Neste sentido, considerou-se a formação do autor principal do trabalho conforme as informações disponibilizadas no artigo. Para os casos em que as informações estavam incompletas, foi realizada uma busca do currículo deste autor na plataforma Lattes.

Deste modo, os dados quantitativos do número de autores em cada área de conhecimento foram contabilizados no período de janeiro de 2014 até maio de 2016 (antes da adoção do fluxo contínuo) e de maio de 2016 até agosto de 2018 (após o fluxo contínuo), totalizando 28 meses para cada período.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este levantamento é de grande importância, para conhecer a demanda que a revista recebe, conhecendo por si as áreas que mais procuram publicar na revista, tendo em vista que os pesquisadores da área de Ciências Agrárias I são os que mais buscam publicar na revista. Os dados de classificação (Qualis) da revista em cada área foram obtidos na plataforma CAPES.

Pode-se observar na Tabela 1 que a revista Ciência da Madeira possui a melhor classificação de Qualis (B3) em Ciências Agrárias I, área esta com maior número de publicações. Cursos de graduação e pós-graduação, como: engenharia florestal, agronomia, engenharia industrial madeireira e tecnologia da madeira estão nessa classificação, o que justifica essa maior procura. Verificou-se que antes da adoção do fluxo contínuo, o número de artigos publicados na revista foi de 46. Após a adoção do fluxo contínuo e no mesmo, o número de publicações passou para 56, logo, houve um aumento de 10 artigos, quanto comparado um período de tempo igual, indicando que este processo ajuda a agilizar a publicação de artigos.

	Qualis CAPES	2014-2016	2016-2018
Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo	B3	0	0
Astronomia / Física	C	0	0
Biodiversidade	C	1	1
Biotecnologia	C	0	0
Ciências Agrárias I	B3	36	43
Ciências Ambientais	B4	1	1
Engenharias II	B4	3	5
Interdisciplinar	B4	1	2
Materiais	B4	4	4
Total de Artigos		46	56

Tabela 1 – Áreas de classificação da Revista Ciência da Madeira, conforme a plataforma CAPES.

Com essa análise foi possível visualizar a importância da utilização do fluxo contínuo para o crescimento da Revista Ciência, principalmente elevando sua classificação na área de Ciências Agrárias (Qualis B3), possibilitando uma melhor agilidade nas publicações e visibilidade dos trabalhos ao público.

4. CONCLUSÕES

Através do estudo desenvolvido pode-se obter o perfil dos autores que buscam publicações da revista ciência da madeira, sendo que é satisfatório o número de autores da área de Ciências Agrárias I que publicaram no período analisado. Com a adoção do fluxo contínuo, em maio 2016, obteve-se uma demanda maior de publicações, auxiliando na visibilidade ao público e enriquecendo o desenvolvimento no campo científico. Além disso, essa análise foi importante para indicar em que área são requeridos mais revisores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPES. **Plataforma Sucupira**. 2016. Acessado em 06 set. 2018. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>

CI. MADEIRA. **Brazilian Journal of Wood Science**. 24 de jun. 2014. Acessado em 27 ago. 2018. Online. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cienciadamadeira/about>

MUELLER, S. P.M. **O periódico científico**. In: CAMPELLO, B.S; CÉDON, B.V.; KREMER, J.M. (Org.). Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: UFMG, p.73- 96, 2000.

Volpato, G.L. **Publicação científica**. Botucatu: Santana. 2002.



DIAGNÓSTICO E CONTROLE DE DOENÇAS INFECCIOSAS DOS ANIMAIS EM MUNICÍPIOS DA ZONA SUL DO RIO GRANDE DO SUL

WEMERSON DOS SANTOS BUFFON¹; VANESSA DA SILVEIRA PEREIRA²;
VANESSA ALVES PIRES³; GLEIZER POLIANA DA SILVA DOS SANTOS⁴;
LUIZ FILIPE DAMÉ SCHUCH⁵; JOÃO LUIZ ZANI⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – wemersonbuffon@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vanessadasilveirapereira@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas – wanessaalves.pbi@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – gleyzerpolia@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – lfdschuch@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – jluizzani@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

As doenças infecciosas dos animais domésticos causam grandes prejuízos econômicos a produção. A mastite bovina afeta significativa mente os rebanhos a nível mundial, gerando despesas extras aos produtores com tratamento dos animais afetados, reduz a produção de leite, sendo necessário o descarte do leite dos animais em tratamento. O leite oriundo de vacas infectadas apresenta modificação em sua composição, alterando suas características organolépticas, físicas, químicas e microbiológicas, oferecendo riscos à saúde humana (M.A. LOPES et al. 2012).

A brucelose e a tuberculose bovinas são enfermidades zoonóticas globalmente distribuídas, causadas principalmente pela *Brucella abortus* (JUNIOR et al. 2015) e *Mycobacterium bovis* (Abrahão 1999).

A brucelose gera abortos, orquites, dilatação no período entre os partos, infertilidade e morte de alguns animais aumentando a necessidade de reposição do rebanho. Tem grande importância na saúde pública. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), em 2001, lançou o Programa Nacional de Controle e Erradicação da Brucelose e Tuberculose Animal (PNCEBT) tendo como objetivo reduzir os casos e incidência de novos focos de brucelose e tuberculose e como estratégia foi definida a criação de certificação de um número significativo de propriedades livres ou monitoradas, de modo a oferecer ao consumidor produtos de baixo risco sanitário (BRASIL, 2006).

Nos últimos cinco anos o Brasil tem apresentado grandes avanços na qualidade microbiológica do leite, após a implantação de uma nova legislação mais exigente para produção do setor de lácteos com a Instrução Normativa número 51 do Ministério da Agricultura (Brasil, 2011). O país passou a fiscalizar melhor a produção para obter produtos mais seguros para população, com o mínimo possível de risco a saúde e adequando-se as exigências para exportação para outros países.

2. METODOLOGIA

Foram realizadas por demanda e por amostragem visitas nas propriedades e assentamentos rurais. Realizou-se de testes de diagnóstico nos animais como de tuberculose, brucelose e mastite. Foram coletadas amostras de materiais como soro sanguíneo e leite. Utilizou-se placas e tubos previamente esterilizados, identificados e mantidos em caixas isotérmicas até serem encaminhados para o laboratório de Doenças Infecciosas da Faculdade de Veterinária onde foram analisados e realizado os testes para diagnóstico. No laboratório as amostras de leite foram semeadas em meios de cultura como ágar sangue, ágar chocolate e meio MacConkey além da realização de provas bioquímicas para identificação de microrganismos. As amostras de soro foram testadas com antígeno tamponado acidificado de *Brucella abortus*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizados 54 testes de brucelose com antígeno tamponado acidificado, 75 de tuberculose, 122 de mastite com isolamento bacteriano de 32 propriedades rurais dos municípios da região sul. Os resultados obtidos através das análises foram informados aos produtores, este é um momento em que há uma troca de saberes com as famílias, em uma roda de conversa onde tem a participação de todos. É de suma importância ter essa conversa, é a partir desta, que se constrói o próximo momento. Por isso é importante ter a participação de toda família opinando porque partindo deste princípio surgem palavras geradoras e a partir dessas palavras se constrói o próximo momento (FREIRE, 1985).

Com as famílias são discutidas as melhores medidas a serem adotadas para o controle e erradicação dessas doenças, sempre respeitando a legislação vigente no que tange a essas enfermidades zoonóticas. Medidas como higienização adequada da ordenha, realização de pré e pós dipping foram discutidas para serem aplicadas como medidas de prevenção da mastite.

4. CONCLUSÕES

As doenças infecciosas além de trazerem riscos à saúde humana, geram perdas econômicas significativas. É necessário que se tenha um melhor acompanhamento dos produtores visando um melhor desenvolvimento da produção e cuidados com a saúde dos animais, reduzindo assim as perdas econômicas e evitando os riscos de adquirir essas doenças.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, F. T. J. W. Frequência de *Staphylococcus aureus* em casos de mastite bovina subclínica, na região sul do rio grande do sul. **SciELO**, Universidade Federal de pelotas, v. 80, n.1, 2013

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Programa Nacional de Controle e Erradicação da Brucelose e da Tuberculose Animal (PNCEBT)**. Brasília: MAPA/SDA/DSA, 2006.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução **Normativa nº 51**. In: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/vigilancia-agropecuaria/importacao-e-exportacao/anexos-in-51>. 2018.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação**. 8ª ed, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

JUNIOR, D. A. G. Diagnosis of bovine brucellosis in bulls by seroagglutination and seminal plasma agglutination tests. **Nagronomic Sciences**, Universidade Federal de Londrina, v.36, n.5, p.3203-3209, 2015.

LANGONI, H. et al. Aspectos microbiológicos e de qualidade do leite bovino. **Pesquisa Veterinária Brasileira** [online]. 2011, vol.31, n.12, pp.1059-1065

LOPES, M.A. et al. Avaliação do impacto econômico da mastite em rebanhos bovinos leiteiros. *Arquivos do Instituto Biológico* [online], v.79, n.4, p.477-483, 2012.

ZANELLA, J. R. C. Zoonoses emergentes e reemergentes e sua importância para saúde e produção animal. **Pesquisa Agropecuária Brasileira** [online], v.51, n.5, p.510-519, 2016.

ABRAHÃO, R.M.C.M. **Tuberculose humana causada pelo *Mycobacterium bovis*: considerações gerais e a importância dos reservatórios animais**. *Aech. Vet. Sci.*,v.4, p.5-15,1999.